

**UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE - UNIPLAC  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE  
MESTRADO ACADÊMICO**

**LUCIANA NUNES GARCIA FERREIRA**

**A LITERATURA INFANTIL NO CONTEXTO DA EDUCOMUNICAÇÃO E SUA  
CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO HUMANA**

**LAGES**

**2019**

LUCIANA NUNES GARCIA FERREIRA

A LITERATURA INFANTIL NO CONTEXTO DA EDUCOMUNICAÇÃO E SUA  
CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO HUMANA

Dissertação apresentada para obtenção do título de  
Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação da  
Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC.

**Orientadora:** Profa. Dra. Vanice dos Santos

**Coorientador:** Prof. Dr. Jaime Farias Dresch

LAGES  
2019

### Ficha Catalográfica

Ferreira, Luciana Nunes Garcia.

F3831 A literatura infantil no contexto da educomunicação e sua contribuição para a formação humana/Luciana Nunes Garcia Ferreira – Lages, SC, 2019.

140 p.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Planalto Catarinense.  
Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Planalto Catarinense.

Orientadora: Vanice dos Santos

Coorientador: Jaime Farias Dresch

**Catlogação na fonte: Biblioteca Central**



UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGE)**  
*MESTRADO ACADÊMICO*

**Luciana Nunes Garcia Ferreira**

**A LITERATURA INFANTIL NO  
CONTEXTO DA EDUCOMUNICAÇÃO E  
SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A  
FORMAÇÃO HUMANA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação em Educação, na L-1 Políticas e  
Processos Formativos em Educação

Aprovada em 18 de março de 2019.

**Prof. Dra. Vanice dos Santos**  
(Orientadora e Presidente da Banca Examinadora)

**Prof. Dr. Jaime Farias Dresch**  
(Coorientador PPGE/UNIPLAC)

**Prof. Dra. Ademilde Silveira Sartori**  
(Examinadora Titular Externa - PPGE/UDESC)

**Prof. Dra. Maria Selma Grosch**  
(Examinadora Titular Interna - PPGE/UNIPLAC)

**Prof. Dra. Marli Eliane Graupe**  
(Examinadora Suplente Interna - PPGE/UNIPLAC)

**Prof. Dra. Maria Selma Grosch**  
Coordenadora do PPGE  
Portaria nº 002/2019

## **AGRADECIMENTOS**

Sou imensamente grata a todos que de alguma forma me apoiaram nessa caminhada.

À Deus, pela inspiração e por estar sempre ao meu lado, me guiando e mostrando a direção.

À Prefeitura Municipal de Lages, pela bolsa de estudos e pela licença de dois anos, para que eu pudesse cursar o mestrado com maior dedicação.

À minha orientadora, Profa. Dra. Vanice dos Santos e ao meu coorientador, Prof. Dr. Jaime Farias Dresch, pela dedicação, paciência e ensinamentos para a pesquisa e por despertar o melhor deste trabalho.

Às professoras examinadoras da banca de qualificação, Profa. Dra. Ademilde Silveira Sartori, Profa. Dra. Maria Selma Grosch e Profa. Dra. Mareli Eliane Graupe, pela leitura crítica e pelas provocações que fizeram a pesquisa avançar e ganhar os contornos apresentados aqui.

Aos demais professores do mestrado que me mostraram outras perspectivas de ver o mundo e que, de alguma forma, ainda que indiretamente, contribuíram para a construção desse trabalho.

Aos professores participantes da pesquisa, por suas palavras inspiradoras que fizeram com que esse trabalho fosse enriquecido ao longo do caminho.

À meu esposo, por sempre acreditar em mim, pelo apoio, compreensão e força em todos os momentos do meu processo de formação.

Às minhas filhas, por revigorar meu ânimo, pela compreensão nos momentos de ausência, pelo carinho nos momentos de cansaço.

Aos meus pais, Benjamim e Lucia, pelo incentivo e apoio para iniciar esta caminhada, por compreenderem minhas ausências e por me darem forças nos momentos de desânimo.

Aos amigos e colegas de trabalho da Secretaria Municipal da Educação de Lages, de modo especial a minha amiga Regina, pelo incentivo para iniciar essa caminhada, bem como, pelos ouvidos sempre dispostos, pelas palavras de apoio e pelos momentos de descontração que me ajudaram a seguir em frente.

À todos os amigos do mestrado, pela amizade nascida no convívio desses dois anos, e pelos ensinamentos, risadas e apoio ao longo desse período.

## RESUMO

A presente dissertação tem por objetivo compreender de que forma a literatura infantil, no contexto da educomunicação, pode contribuir para a formação humana, visto que as perspectivas educacionais abordam a educação como uma prática dialógica. Para isso, é essencial conhecer os conceitos de educomunicação e literatura infantil e, também, a correlação destas para o desenvolvimento do sujeito; além de compreender de que forma a literatura está influenciando na aprendizagem das crianças na educação infantil e na sua formação. Considerando que a literatura na infância pode recrear e divertir, bem como contribuir com a construção de conhecimento, a sua ausência poderia limitar esses processos. Assim, perspectivas e possibilidades para a literatura infantil na atualidade e para o futuro serão identificadas, em prol da sua valorização no mundo da criança e na prática do professor. Desta forma, será necessário estreitar relações entre literatura e educomunicação com vistas à formação do sujeito, para alcançar os objetivos propostos. A comunicação está presente na vida do ser humano. Por meio dela o homem transmite experiências, constrói conhecimentos e desenvolve linguagens de forma a melhorar a vida em grupo. Em todo processo de transformação, geralmente, a aprendizagem acontecia simultaneamente à comunicação. Dessa maneira, pode-se afirmar que comunicação e educação vêm agindo de forma cooperativa na formação humana. O conceito de educomunicação refere-se ao compartilhamento de conhecimentos de forma interativa e dialógica, onde tanto educador como educando constroem conhecimentos, geralmente, por meio de dispositivos de comunicação e mídias, de modo geral, que possibilitam a reflexão e a formação crítica do sujeito. Assim, o trabalho aqui apresentado busca explicar uma das expressões mais antigas do homem, a sua necessidade de educar-se e comunicar-se, utilizando-se das perspectivas da literatura infantil e da educomunicação e sua influência na construção coletiva de conhecimento para a formação do sujeito. O embasamento deste estudo está apoiado em autores como Abramovich (2001), Bettelheim (1980), Cademartori (2010), Coelho (2000), Kaplún (1998), Lajolo; Zilberman (1988, 2002), Ramos (2010), Sartori; Kornatzki (2011), Soares (2011), Souza (2006). Tal discussão insere-se na linha de pesquisa Políticas e Processos Formativos em Educação. Esta pesquisa qualitativa foi realizada por meio de levantamento bibliográfico, revisão da literatura, entrevista semiestruturada com professoras de maternal e pré escolar, além de pesquisa-ação envolvendo crianças com idades entre cinco e seis anos, matriculadas em turmas de pré-escolar, através de narrativas e construção de histórias. O local escolhido foi um CEIM – Centro de Educação Infantil Municipal da cidade de Lages, SC. Os resultados superaram as expectativas, apresentando autorias criativas, reformulações imaginativas a partir dos próprios contextos, autonomia, desenvolvimento e aprimoramento das expressividades, além das construções coletivas.

**Palavras-chave:** Literatura Infantil. Educomunicação. Formação Humana. Educação Infantil. Construção de conhecimento.

## ABSTRACT

The purpose of this dissertation is to understand how children's literature, in the context of educommunication, contributes to human formation, whereas educommunicative perspectives approach education as a dialogical practice. For this, it is essential to know the concepts of educommunication and children's literature and, also, their correlation to the subject's development; besides to understand how literature is influencing children's learning in Preschool and their education. Considering that literature in childhood has the purpose to recreate and entertain as well as to contribute with the construction of knowledge, its absence could limit these processes. Thus, perspectives and possibilities for children's literature for nowadays and for the future will be identified, for its appreciation in the world of the child and in the teacher's practice. In this way, it will be necessary to strengthen relations between literature and educommunication with a view to the subject formation, to achieve the purposed objectives. Communication is present in the human being's life. Through it the man transmits experiences, builds knowledges and develops languages in order to improve the group life. Throughout, this process of transformation, learning usually took place simultaneously with communication. In this way, we can affirm that communication and education have been acting cooperatively in human formation. The concept of educommunication refers to the sharing of knowledge in an interactive and dialogical way, where both educator and educator build knowledge, usually through communication devices and media, in general, that enable the subject's reflection and critical formation. Thus, this research seeks to explain, one of the oldest expressions of man, his need to educate and communicate himself, using the perspectives of children's literature and educommunication and their influence on collective construction of knowledge for the formation of subject. The basis of this study is supported by authors such as Abramovich (2001), Bettelheim (1980), Cademartori (2010), Coelho (2000), Kaplún (1998), Lajolo; Zilberman (1988, 2002), Ramos (2010), Sartori; Kornatzki (2011), Soares (2011), Souza (2006). This discussion is part of the research line Policies and Formative Processes in Education. This qualitative research was carried out through literature review, semi-structured interview with pre-school and maternal teachers, as well as an action research involving children between the ages of four and six, enrolled in pre-school classes, through storytelling and stories building. The chosen place was a School for Children: *CEIM – Centro de Educação Infantil Municipal da cidade de Lages, SC*. The results surpassed expectations, presenting creative authorships, imaginative reformulations from their own contexts, autonomy, development and improvement of the expressivities, besides to collective constructions.

**Keywords:** Children's Literature. Educommunication. Human formation. Child education. Knowledge Building.

## LISTA DE ABREVIATURAS

a.C.	antes de Cristo
ANPEd	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP	Comitê de Ética de Pesquisa
d.C	depois de Cristo
LI	Literatura Infantil
NESEF	Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Ensino de Filosofia e Educação Filosófica
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação
RI-UFSC	Repositório Institucional da Universidade Federal de Santa Catarina
SciELO	Scientific Electronic Library Online
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido
TDC	Tecnologia de Comunicação Digital
TE	Tecnologias da Educação
TICs	Tecnologias de Informação e Comunicação
UNIPLAC	Universidade do Planalto Catarinense

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 ARCABOUÇO QUE SUSTENTOU ESSA PESQUISA .....</b>	<b>15</b>
<b>3 A LITERATURA INFANTIL E SEU DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO .....</b>	<b>22</b>
3.1 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL NO DESENVOLVIMENTO HUMANO .....	29
3.2 AS CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTIL NO LETRAMENTO DO INFANTE .....	33
3.3 CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTIL PARA LEITURA DE MUNDO.....	34
<b>4 EDUCOMUNICAÇÃO: CONCEITO E PERSPECTIVAS .....</b>	<b>38</b>
4.1 ASPECTOS EDUCATIVOS DA EDUCOMUNICAÇÃO.....	41
4.2 ASPECTOS COMUNICATIVOS DA EDUCOMUNICAÇÃO.....	47
<b>5 A LITERATURA INFANTIL NO CONTEXTO EDUCOMUNICATIVO E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO DO SUJEITO .....</b>	<b>53</b>
5.1 A CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO POR MEIO DA LITERATURA INFANTIL E DE PRÁTICAS EDUCOMUNICATIVAS .....	55
5.2 AS NARRATIVAS NA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO .....	60
5.3 INDÍCIOS DE FORMAÇÃO HUMANA NA ANÁLISE DAS NARRATIVAS .....	64
<b>6 PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES PARA A LITERATURA INFANTIL.....</b>	<b>77</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>84</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>87</b>
<b>ANEXO A- CARTAS DE FÁBULAS FANTÁSTICAS.....</b>	<b>91</b>
<b>APÊNDICE A – CARTAS DE CONTOS ELABORADAS PELA AUTORA.....</b>	<b>92</b>
<b>APÊNDICE B - AUTORES E OBRAS DA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA .....</b>	<b>105</b>
<b>APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE .....</b>	<b>108</b>
<b>APÊNDICE D – ROTEIRO PARA A ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....</b>	<b>110</b>
<b>APÊNDICE E – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS.....</b>	<b>111</b>
<b>APÊNDICE F - TERMO DE ASSENTIMENTO PARA O MENOR .....</b>	<b>121</b>
<b>APÊNDICE G -TRANSCRIÇÕES DA PESQUISA-AÇÃO .....</b>	<b>122</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A comunicação sempre fez parte da vida humana, essa necessidade de comunicar-se é inerente ao homem desde a pré-história e, é nesse processo de comunicação que consequentemente acontece a aprendizagem. Para que a humanidade evoluísse era necessário que o conhecimento fosse repassado dos mais velhos aos mais jovens, geração após geração. Tendo isso em vista, compreende-se que educação e comunicação existiram desde outrora de forma cooperativa, numa correlação de aperfeiçoamento em que ambas influenciam e sofrem a influência uma da outra, sendo aprimoradas com o passar dos tempos. Assim, pode-se dizer que comunicação e educação interagem para a formação intelectual do homem. Porém, o conceito educomunicação é um conceito que vai além dessa relação de educação e comunicação, pois esse paradigma está pautado nas práticas de ensino dialógicas, reflexivas e cooperativas, nas quais os sistemas de informação são instrumentos para a construção coletiva de conhecimentos de forma comunicativa e consciente. Canani (2018, p. 15), acrescenta que “a educomunicação possibilita o diálogo com outras áreas do conhecimento, em arranjos mais abertos, criativos, críticos e participativos, em busca do protagonismo dos sujeitos para a construção da cidadania”. Diante do exposto observamos que a relação congruente entre educomunicação e literatura infantil é uma possibilidade eficaz às práticas pedagógicas comunicativas e é a meta de estudo dessa pesquisa.

O ato de narrar histórias também faz parte da vida humana, desde os primórdios da humanidade. Já na Grécia Antiga, a literatura vinha sendo introduzida no meio social e cultural por meio das fábulas de Esopo<sup>1</sup>, que tinham como objetivo, a construção moral dos gregos. Destarte, pode-se inferir que desde o início da infância, o contato das crianças com a literatura se dá quando elas convivem com contos, ouvem histórias cantadas, ou quando seus pais e avós lhes contam narrativas que ouviram em sua infância e juventude, histórias estas que passam de geração em geração, relatando costumes, comportamentos, valores e fantasias. A literatura é compreendida como uma forma de construção de conhecimento que adentra na vida do ser humano desde o início da sua primeira infância. Narrar histórias é algo que, em geral, diverte tanto quem conta quanto quem ouve, tanto jovens quanto adultos. A literatura infantil é uma forma de história mais lúdica e fantasiosa, que leva a criança a viajar no mundo da imaginação. Através da literatura, a criança desenvolve o gosto pela leitura, mesmo antes de estar

---

<sup>1</sup> Esopo foi um pensador grego, nascido na Trácia, no século VI a.C., criador e contador de inúmeras fábulas, histórias curtas protagonizadas por animais e elementos da natureza que sempre continham ensinamentos morais. (BIOGRAFIA DE ESOPPO, 2005, não paginado)

alfabetizada, iniciando-se/ desbravando o no mundo dos livros. Ademais, a literatura infantil também contribui com o desenvolvimento do sujeito, de sua autoestima, de sua socialização e expressão como um todo, sendo assim um meio de construção de conhecimento.

Observando as contribuições da literatura para a formação do sujeito mencionadas anteriormente, é possível afirmar que este tema está intrinsecamente ligado ao conceito educ comunicativo. Isso porque educomunicação é um campo de conhecimento que visa a construção coletiva de conhecimento, no qual o aluno é o protagonista em sua aprendizagem. Quando trabalhado nessa perspectiva, o processo de ensino e aprendizagem estará baseado no diálogo igualitário, na interação, no desenvolvimento da autonomia, na troca de ideias e na construção de novos saberes.

Nesse processo de educomunicação, novas metodologias de ensino vêm sendo adotadas, com estratégias didáticas que promovem o desenvolvimento integral do educando de forma envolvente, que despertam a vontade de aprender e de participar ativamente no processo de ensino e aprendizagem de formas criativa e reflexiva. Nesse contexto, podemos perceber que as mídias, como jornais, revistas, livros, rádio, TV, e mais recentemente as mídias digitais, como computadores, *tablets*, *smartphones*, e demais tecnologias de informação e comunicação (TICs), são dispositivos educ comunicativos, quando mediados em prol da construção de conhecimento, de forma dialógica, crítica e reflexiva. Constata-se, então, que a literatura, atrelada às práticas educ comunicativas, pode ser ainda mais eficaz no processo de construção de conhecimento, e que deve fazer parte do cotidiano infantil, já que ela desenvolve a criatividade e permite que os conhecimentos sejam expandidos. A presença da literatura na infância é muito importante para a criança, pois, pautada nos mesmos propósitos da educomunicação, influencia na formação da criança, na construção coletiva de conhecimento, no desenvolvimento da autoria, da autoestima, da socialização, da expressão oral, corporal e visual, na aquisição de valores, podendo aprimorar as habilidades de conduta social, bem como contribuir com a sua formação. A literatura na infância tende a desenvolver o gosto pela leitura, o prazer em ouvir, narrar e ler, e de estar desvendando o mundo dos livros.

Partindo, assim, do pressuposto que a presença da literatura infantil no cotidiano da criança e na prática do professor pode contribuir no processo de construção de conhecimento das mesmas, surge o problema dessa pesquisa: Como a literatura infantil no contexto da educomunicação pode contribuir para a formação humana dos alunos da educação infantil na rede pública municipal de Lages, SC? Para tanto foi necessário perquirir a respeito do conceito de educomunicação e sobre as suas perspectivas, assim como investigar o conceito de literatura infantil e o seu desenvolvimento em alguns períodos históricos, além de analisar de que forma

a literatura infantil, por meio do trabalho do professor no contexto da educomunicação, pode influenciar na aprendizagem e na formação das crianças da educação infantil, bem como identificar perspectivas e possibilidades para a literatura infantil na atualidade e no futuro.

De forma a elucidar a problemática e alcançar os objetivos propostos, foi utilizada a metodologia da pesquisa qualitativa, embasadas em referências que trataram sobre a literatura como: Abramovich (2001), Bettelheim (1980), Cademartori (2010), Coelho (2000), Lajolo e Zilberman (2009), Machado (2002), Ramos (2010), Souza (2006) e que abordam a educomunicação como: Almeida (2016), Soares (2011). Também foi realizada pesquisa-ação, embasadas em Prodanov e Freitas (2013) e Thiollent (2002) com crianças em idade entre cinco e seis anos das turmas de pré-escolar e entrevistas semiestruturadas fundamentadas em Manzini (2004), realizada com professores de um Centro de Educação Infantil Municipal (CEIM), localizado na cidade de Lages, SC.

Para buscar responder a problemática apresentada e contemplar os objetivos traçados, esta dissertação foi dividida em seis seções, organizadas e distribuídas da seguinte forma: A primeira seção trata da introdução dessa dissertação, já a segunda tem o propósito de apresentar a metodologia que direcionou essa pesquisa. Ela foi apresentado no início desse trabalho para melhor compreensão do leitor, no que se refere a caminhos percorridos e as formas de sua realização.

Na terceira seção, foi explanado o desenvolvimento da literatura infantil em alguns momentos da história. Também foi feita uma breve abordagem dos contos de Esopo, datados do século V a.C., quando ainda não havia a subcategorização do termo infantil para a literatura, por não ser produzida para as crianças. Em seguida foram abordados autores e obras europeias do século XVIII e XIX d.C. Posteriormente, foram apresentados escritores e suas composições oriundas de outros continentes e, finalmente, foram apontados autores brasileiros que produziram trabalhos literários entre o final do século XIX até o final do século XX.

Na quarta seção foi abordado o conceito de educomunicação, sua origem, e seus objetivos diante dos contextos educacionais e comunicativos, além das inter-relações da educação e da comunicação na construção de conhecimentos, levando a compreender de que forma as perspectivas educacionais podem contribuir na formação humana.

Já na quinta seção, foi feito um paralelo entre literatura infantil e metodologias de ensino educacionais, analisando como a literatura infantil no contexto da educomunicação, pode contribuir na aprendizagem das crianças na educação infantil e na sua formação.

Na sexta seção foram pesquisadas possibilidades para a literatura infantil diante desse novo contexto mundial, seu futuro em diversos ambientes.

Em busca da problemática dessa pesquisa, partiu-se do pressuposto de que a presença da literatura infantil no cotidiano da criança e na prática do professor pode contribuir no processo de construção de conhecimento dos educandos, contribuindo para a formação humana, nos aspectos intelectual, social, afetivo, desenvolvendo a expressividade, a autoria, o senso crítico e a cidadania. Constatando, assim, a notória importância da inserção da literatura na vida do ser humano, é que surge a questão problema desta pesquisa.

Como a literatura infantil no contexto da educomunicação pode contribuir para a formação humana dos alunos da educação infantil na rede pública municipal de Lages SC?

O objetivo geral da pesquisa é compreender de que forma a literatura infantil no contexto da educomunicação pode contribuir para a formação humana. A partir disso, foram elaborados os seguintes objetivos específicos: a) Conhecer o conceito de literatura infantil e os principais aspectos do seu desenvolvimento histórico; b) Conhecer o conceito de educomunicação e suas propostas de trabalho; c) Analisar de que forma a literatura infantil no contexto da educomunicação pode influenciar na aprendizagem das crianças na educação infantil e na sua formação; d) Identificar as perspectivas e as possibilidades para a literatura infantil nas práticas educativas, nas instituições de educação infantil.

A escolha do tema partiu do gosto da pesquisadora pela literatura infantil e da percepção, de que a utilização da literatura infantil em suas práticas pedagógicas facilitavam o aprendizado das crianças, tornando-o mais divertido e prazeroso, além de contribuir para a vida e a formação dessas crianças.

Diante do exposto, salienta-se que este trabalho está relacionado diretamente às vivências da pesquisadora que, desde sua infância, sempre gostou de ler e, seguindo o caminho do magistério, tornou-se professora de educação infantil e contadora de história para seus pequenos. Em seus 21 anos de atividade na educação infantil sempre gostou de ler livros para as crianças, narrar histórias gravadas na memória e fazer interpretações das mesmas. Tudo que estava no currículo escolar, que deveria ser ensinado às crianças, ela tentava de alguma forma introduzir por meio de uma história, essa práxis era realizada nas mais diferentes áreas de conhecimento como matemática, ciências, linguagens ou outras.

Quando cogitada a possibilidade de ingressar no Mestrado em Educação da Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC, a literatura infantil, como possibilidade à construção de conhecimento, era o tema imaginado. Ao iniciar o mestrado e a participação no grupo de pesquisa Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Ensino de Filosofia e Educação Filosófica – NESEF – Regional Planalto Catarinense, no qual desenvolve-se estudos que abordam os processos formativos, as temáticas de educação filosófica e educomunicação, surge

o segundo tema da pesquisa; a educomunicação, que foi integrada no estudo e constituída como ponto de partida epistemológico para a proposta de pesquisa.

Estes temas estão inseridos na linha de pesquisa 1 Políticas e Processos Formativos em Educação, cuja linha investiga temas e problemas no âmbito da educação e em espaços socioeducativos; focalizando os processos e práticas pedagógicas e a formação de professores e educadores, abordando discussões acerca das inclusões/exclusões sociais, das políticas da educação básica e superior, além das teorias e filosofias epistemológicas da construção do conhecimento.

## 2 ARCABOUÇO QUE SUSTENTOU A PESQUISA

São apresentados, nesta seção, os caminhos que sustentaram a pesquisa, como forma de fundamentar, esclarecer e facilitar a compreensão do leitor acerca dos caminhos tomados pela autora no desenvolvimento dessa dissertação. Bem como é esclarecida a relevância desse trabalho para o meio acadêmico e pedagógico.

Iniciamos por realizar uma busca por alguns portais de indexação de pesquisas para identificar e conhecer as pesquisas já realizadas envolvendo a temática em estudo. Por meio dessa incursão, pudemos inferir que o tema educomunicação é atual e relativamente novo, e sua relação com a literatura infantil é, portanto, recente, o que disponibiliza poucos trabalhos referentes à articulação dos dois temas. Apesar da sua importância e relevância para o desenvolvimento do sujeito, não foram encontradas obras no site Scielo<sup>2</sup>, ANPED<sup>3</sup>, BDTD<sup>4</sup>, RI-UFSC<sup>5</sup> e periódicos da CAPES<sup>6</sup>, já no Google Acadêmico<sup>7</sup> foram encontradas pouco mais de cem resultados, que, após análise de pertinência por meio da leitura dos resumos e, por vezes, também da introdução, foram reduzidos para apenas dois textos que abordam a literatura infantil e a educomunicação: um artigo intitulado “Educomunicação: relações para pensar seu uso no espaço escolar”, de Ademilde Silveira Sartori; Luciana Kornatzki (2011); e outro artigo intitulado “Até onde vai a imaginação?: literatura infantil e a práxis comunicacional”, de Maura da Costa e Silva; Raquel Scremin; Marília de Araujo Barcellos; Rosane Rosa. Observando a relevância dos temas deste estudo e a disponibilidade limitada de pesquisa abrangendo a literatura infantil no contexto da educomunicação para a formação humana, reitera-se aqui a importância desse trabalho.

Para melhor elucidar o leitor, apresentam-se, inicialmente, os caminhos percorridos pela pesquisadora, bem como a metodologia utilizada nesse percurso, de forma que as dúvidas que porventura viessem a surgir no decorrer da leitura fossem esclarecidas de antemão e desta forma a leitura se torne mais clara e prazerosa.

Assim sendo, considera-se que esta é uma pesquisa qualitativa por estar em concordância com o conceito de Prodanov e Freitas (2013) de pesquisa qualitativa. Na definição dos autores esse tipo de pesquisa é descritiva, na qual os pesquisadores analisam os dados, seu processo e

---

<sup>2</sup> SciELO- Scientific Electronic Library Online.

<sup>3</sup> ANPEd- Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.

<sup>4</sup> BDTD- Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.

<sup>5</sup> RI-UFSC- Repositório institucional da Universidade Federal de Santa Catarina.

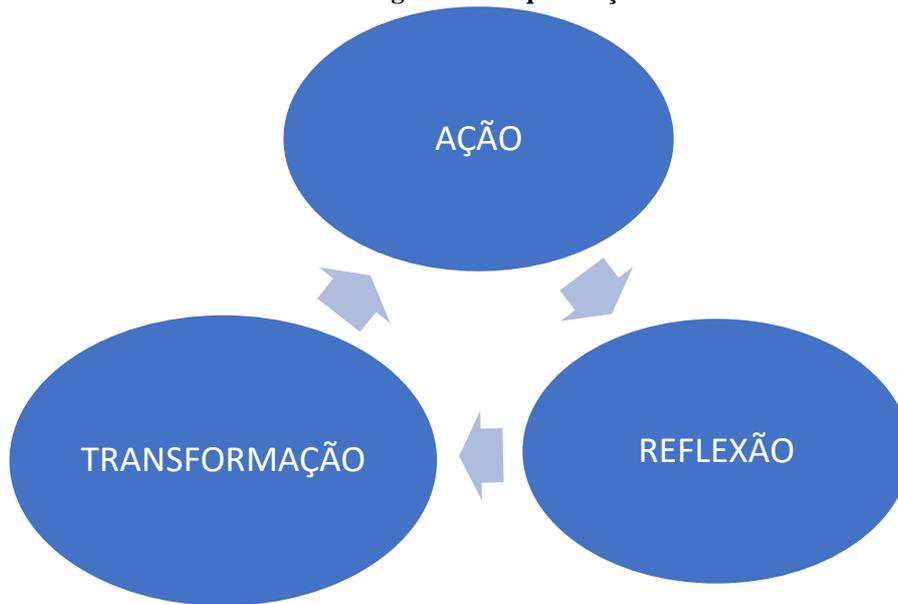
<sup>6</sup> CAPES- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

<sup>7</sup> [https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5&q=Literatura+infantil+e+educ%C3%A7%C3%A3o&oq=](https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Literatura+infantil+e+educ%C3%A7%C3%A3o&oq=)

significado indutivamente, nela considera-se a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados nas quais métodos e técnicas estatísticas não são utilizadas. O ambiente é a fonte para coleta de dados e o pesquisador é o principal instrumento. Considera-se, também, a relação dinâmica entre a subjetividade do sujeito e o ambiente objetivo, uma correlação que não pode ser quantificada. Em vista disso, foram utilizados duas estratégias para coletas de dados inerentes a esse tipo de pesquisa, a entrevista semiestruturada com professores da educação infantil, como também a pesquisa-ação, com crianças de pré-escolar 2, entre cinco e seis anos de idade. Foram escolhidos estes métodos por entender que a entrevista semiestruturada com professores e a pesquisa-ação com crianças são modos eficazes para se alcançar os objetivos propostos. Ambas se apoiam e se completam na pesquisa em questão.

A entrevista semiestruturada, na definição de Manzini (2004), é uma entrevista direcionada por um roteiro previamente elaborado, composto geralmente por questões abertas. De acordo com Goldenberg (2001), o pesquisador pode entrevistar primeiramente especialistas no assunto, como no caso dessa pesquisa, em que os sujeitos atuam profissionalmente no contexto pesquisado, ainda que, entrevistas feitas com leigos no assunto também sejam dignas de confiabilidade, como aponta a referida autora. Na pesquisa semiestruturada, o pesquisador segue um roteiro de perguntas que visa direcionar a entrevista, buscando respostas aos tópicos da pesquisa. A abertura nas questões possibilita ao entrevistado maior flexibilidade nas suas respostas.

A pesquisa-ação, segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 65), ocorre “quando concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo. Os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo”. Thiollent (2002) acrescenta que para que uma pesquisa seja denominada como pesquisa-ação, é necessário haver participação ativa por parte do pesquisador, na qual a interferência exercida provoca transformações no objeto de pesquisa, no público alvo e no resultado final da pesquisa. Destarte, o que faz desta pesquisa ser pesquisa-ação é a modificação do ambiente e dos sujeitos, que se dá à medida em que a pesquisa acontece, é a transformação que ocorre à medida que a ação é exercida naquele grupo. Definição representada pelo elemento gráfico abaixo (Figura-1 Pesquisa-ação).

**Figura 1: Pesquisa Ação**

Fonte: Adaptada de Thiollent (2002).

Foram incluídos na pesquisa, para entrevista semiestruturada, quatro professores que atuam na educação infantil há pelo menos um ano e que concordaram em participar da pesquisa explicitada, via assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice C). Também foram incluídas na pesquisa-ação, crianças das turmas de pré-escolar 2 com idades entre cinco e seis anos, que aceitaram participar da pesquisa e que tinham a autorização dos responsáveis, explicitada via assinatura do Termo de Assentimento para o Menor (Apêndice F).

Foram excluídas da pesquisa, para a entrevista semiestruturada, as professoras que não atuavam na educação infantil há pelo menos um ano ou que não concordaram em participar da pesquisa. Foi esclarecido que a qualquer momento as professoras poderiam desistir de participar, o que felizmente não ocorreu. Também foram excluídas, da pesquisa-ação, as crianças que não aceitaram participar da pesquisa ou que não tiveram a autorização dos responsáveis ou que em qualquer momento, desistiram de participar.

A pesquisa foi qualitativa, com realização de entrevista semiestruturada com professoras que atuam no maternal e na pré-escola em sala de aula, e com pesquisa-ação com crianças de pré 2, com faixa etária entre cinco e seis anos. Por abranger seres humanos, consequentemente a pesquisa envolve riscos de desconfortos, constrangimentos, estranhamentos, inquietações ou intimidações por parte dos professores e das crianças em relação às perguntas e a presença do pesquisador. Neste caso, se alguma professora ou a criança tivesse se sentido acometida ou apresentasse algum(s) problema(s) ou qualquer outro de ordem psicológica, seria encaminhada para o Setor de Psicologia UNIPLAC para receber

tratamento psicológico gratuito e amenizar os efeitos do possível constrangimento ou mal-estar provocado pela pesquisa. Contudo, estas situações não ocorreram do decorrer do processo de intervenção.

Para a realização desta pesquisa o projeto foi submetido à Plataforma Brasil e recebeu parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), sob o nº 2.703.772, possibilitando o seu início. Primeiramente, para a entrevista semiestruturada, foram selecionados os professores que se enquadraram nos critérios de inclusão e que aceitaram participar da pesquisa, conforme assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice C). A entrevista semiestruturada foi organizada, inicialmente, de forma abrangente, com perguntas fechadas e abertas, focalizando os pontos do estudo da pesquisa no decorrer da entrevista (Apêndice D). Todas as entrevistas foram primeiramente gravadas em áudio, posteriormente transcritas e finalmente analisadas. O resultado dessa análise está distribuído no decorrer deste trabalho, de modo a melhor dialogar com a pesquisa em questão. Nos casos das transcrições das entrevistas concedidas pelas professoras, eventuais equívocos de concordância e vícios utilizados na linguagem coloquial foram modificados ou suprimidos pela pesquisadora, com atenção para não alterar o sentido na colocação, com o propósito de formalizar as respostas apresentadas. As entrevistas semiestruturadas foram realizadas em locais e horários escolhidos pelas professoras, conforme melhor conveniência e conforto para elas. Com o intuito de proteger suas identidades, elas foram identificadas como P1, P2, P3 e P4.

Posteriormente, para a realização da pesquisa-ação com crianças de pré-escolar 2, foi inicialmente informado aos pais sobre a realização da mesma e a forma de como esta seria realizada, solicitando sua autorização para a prática da mesma por meio de assinatura do Termo de Assentimento para o Menor (Apêndice F), os esclarecimentos foram feitos em reunião pedagógica, aos que se fizeram presentes, e em conversa de porta de sala aos que não estavam na reunião. Como a princípio não houve negativas por parte dos responsáveis, a escolha permaneceu nas duas primeiras turmas escolhidas. No decorrer da pesquisa iniciou uma nova criança em uma das turmas e dessa não foi concedida a autorização dos responsáveis para a gravação em áudio, ficando a mesma excluída somente de qualquer processo de gravação. Além dos pais, também foi informado às crianças em sala de aula sobre a realização da pesquisa e as formas como ela seria direcionada, sendo solicitado também a elas o consentimento para participação da mesma, por meio da pintura da figura que representasse o seu desejo (*emoji*)<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> A palavra “emoji” vem da união de “e” (絵), que significa imagem em japonês e “moji” (文字), que significa letra. Ou seja, são símbolos que representam uma ideia, palavra ou frase completa. Fonte: <https://rockcontent.com/blog/emoji/>

com expressão feliz para aceitação e *emoji* com expressão de desgosto para não aceitação), (Apêndice F). Essa etapa da pesquisa, realizada com as crianças aconteceu nos dias escolhidos pela professora de forma a interferir o mínimo possível no cronograma de atividades planejadas pela professora e na rotina escolar das crianças. As crianças foram conduzidas para outra sala, em grupos pequenos, com a autorização da professora e da gestora. Inicialmente, elas haviam sido organizadas em dois grupos de sete e oito crianças cada um, o que não surtiu um bom resultado, já que algumas crianças se dispersaram e iniciaram conversas paralelas interferindo na narrativa da criança que estava contando a história. A partir do segundo encontro, foram reorganizadas em grupos menores, de quatro a cinco crianças, o que surtiu um melhor resultado no que se refere à atenção das crianças às narrativas dos colegas. A pesquisa iniciou-se com a turma do pré-escolar 2A, poucas semanas mais tarde, iniciou-se a pesquisa, também, na turma do pré-escolar 2B.

A pesquisa foi iniciada por meio de narrativas de histórias contadas pela pesquisadora<sup>9</sup> sem gravação. A posteriori, já com gravação em áudio, foi promovida a participação das crianças na construção de novas histórias, com a utilização de cartas de contos infantis (ver Anexo A e Apêndice A), atividade também ministrada pela pesquisadora, na qual, cada criança deveria criar a história conforme as cartas que foram sorteadas e elaborar a continuação da história de acordo com o desfecho da narrativa anterior, partindo do princípio de uma narrativa infantil, com a utilização de frases clássicas como “Era uma vez”, “Há muito tempo atrás” ou outras, ou apenas continuaria a sua narrativa a partir da narrativa que seu colega iniciou anteriormente. Divergente do esperado pela pesquisadora e das regras do jogo, cada criança, na sua vez, iniciava a sua própria história, não dando continuidade à narrativa anterior, seguindo nesse formato por alguns encontros. Por essa razão, foi necessário realizar alterações na maneira de explorar a narrativa das crianças, o que resultou em um acréscimo nos detalhes incorporados por elas, bem como no aumento gradativo do tempo de narrativas a cada encontro. A alteração constitui-se em pedir que cada criança à medida que fosse sorteando as suas três cartas e após a sua narrativa, as colocasse na sua frente de forma que pudessem ser vistas pelos colegas. Assim após construir a narrativa baseada em suas cartas, cada criança poderia acrescentar enredos com as cartas tiradas pelos seu colegas, que fossem de sua preferência, o que aumentou circunstancialmente a riqueza de suas narrativas e iniciou-se ali a coautoria das narrativas.

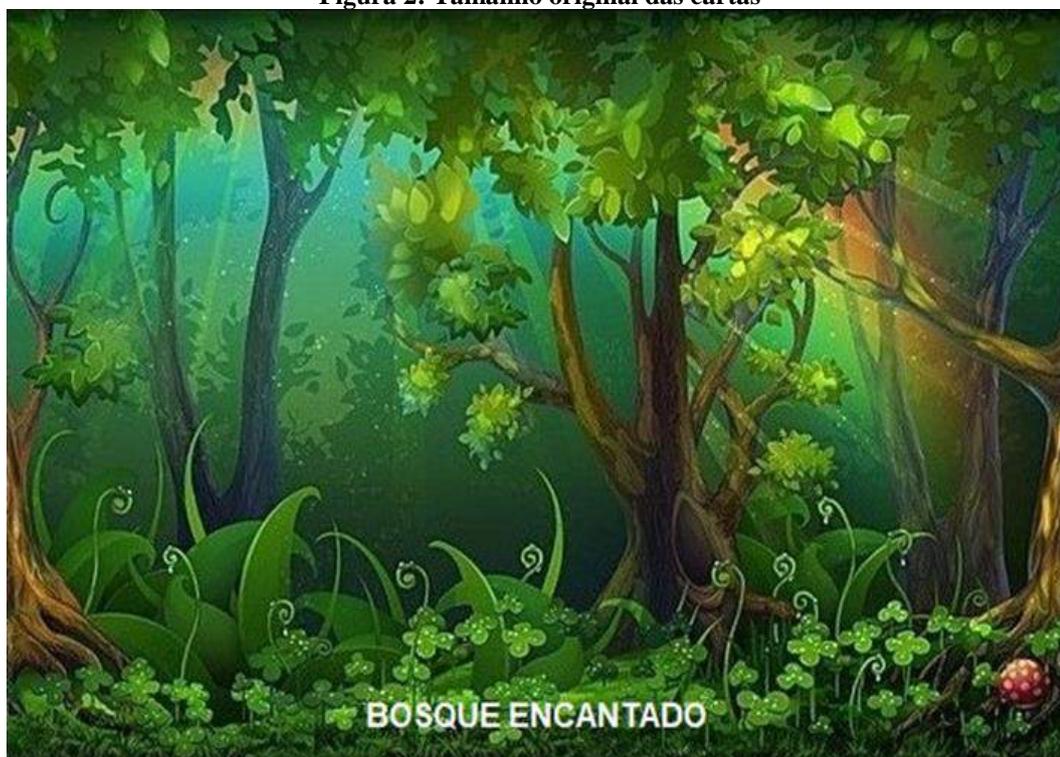
---

<sup>9</sup> Chapéuzinho Vermelho adaptação do original de Charles Perrault, O Caso do Bolinho de Tatiana Belinky, Carona na Vassoura dos autores Julia Donaldson e Axel Scheffler, Orelha de Limão Katja Reider, Pato Atolado do escritor Jez Alborough e Os Três porquinhos adaptado do original dos Irmãos Grimm.

Para proteger a identidade das crianças, foram utilizados nomes fictícios, escolhidos pelas próprias crianças. Foram utilizados personagens de contos de fada e de heróis de filmes (advindos de histórias em quadrinho), algumas escolhas se repetiram de uma turma para outra, motivo pelo qual se fez necessário identificá-los com as letras A e B após o codinome. Já no momento da transcrição, o codinome de cada criança está destacado com negrito, sua narrativa está em fonte normal, o nome da carta sorteada está sublinhada quando mencionada pela criança e entre parênteses quando não mencionada, mencionada equivocadamente ou trocada intencionalmente. Bem como, intervenções feitas pela pesquisadora foram colocadas entre colchetes e interferência feita pelos colegas foram dispostas entre chaves.

As cartas aqui mencionadas foram elaboradas pela pesquisadora (Apêndice B), com dimensões de 14 cm x 10 cm mais a borda de 1 cm (Figura 2), inspirada nas cartas das Fábulas Fantásticas (Anexo A), que têm 8,8 cm x 6,3 cm. As cartas utilizadas na pesquisa foram confeccionadas em tamanho maior que as originais para melhor visualização e manuseio das crianças, destacando os três grupos de cartas (personagens, lugares e objetos) com cores diferentes, como as originais.

**Figura 2: Tamanho original das cartas**



Fonte: [https://pt.pngtree.com/freebackground/cartoon-background\\_738429.html](https://pt.pngtree.com/freebackground/cartoon-background_738429.html)

A análise foi feita por meio de gravação em áudio e de anotações em diário de pesquisa, que foram feitas logo após as atividades, pela impossibilidade de fazer notas durante as

narrativas. Assim, foi analisado como as crianças participaram, como aconteceu a evolução das narrativas no decorrer dos encontros e como elas direcionam o conto no momento da construção coletiva da história.

Buscou-se, com esta pesquisa, a possibilidade de auxiliar as professoras de educação infantil e, talvez, de outros níveis de ensino, em uma ação pedagógica educomunicativa. Isto se constitui a partir de metodologias dialógicas, construtivas, solidárias, igualitárias e democráticas, por meio de propostas de trabalhos e sugestões de atividades que valorizem a literatura infantil nos novos ambientes em que ela está disponível, reiterando o compromisso da educação em formar cidadãos comunicativos, críticos, solidários e atuantes em sociedade.

Pretendeu-se, por meio da pesquisa aqui apresentada, identificar nos argumentos dos professores, a possibilidade da contribuição da literatura infantil na formação da criança por meio de uma perspectiva educomunicativa, além de buscar perceber, nas expressões orais e gestuais das crianças, conhecimentos que possam ter advindo dos contos infantis e da inter-relação com o outro.

### 3 A LITERATURA INFANTIL E SEU DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO

Em todo o período conhecido de evolução humana, o homem se utilizou de ferramentas através das quais pudesse se expressar, registrar seus hábitos, contar sua história, manifestando-se oralmente ou em forma de desenhos. Narrar histórias é um costume praticado há muito tempo. Inúmeras histórias conhecidas hoje têm sua origem há milênios, hábitos que eram praticados pelos adultos e para os adultos.

Nesse capítulo será explanado o desenvolvimento da literatura infantil em alguns momentos da história. Também será feita uma breve abordagem dos contos de Esopo, datados do século V a.C., quando a literatura ainda não era conceituada como infantil, por não ser produzida para as crianças. Em seguida, serão abordados autores e obras europeias do século XVIII e XIX d.C.. Posteriormente, serão apresentados escritores e suas composições oriundas de outros continentes. e Finalmente, serão apontados autores brasileiros que produziram trabalhos literários entre o final do século XIX até o final do século XX.

Segundo Ramos (2010), os contos, por muito tempo, traziam histórias cheias de ensinamentos quanto ao bem e ao mal, o certo e o errado e aos atos e suas consequências. Nessas histórias, seus personagens, muitas vezes, eram representados por animais que, nas narrativas, tinham sentimentos e atitudes humanas; ou as ações se misturavam alternando entre o humano e o animal. Feras representavam o mal, ou o perigo. Animais considerados como dóceis representavam a bondade e a sabedoria. Estes contos, chamados de fábulas, eram carregados de moral, ética e regras de conduta.

De acordo com Coelho (2000), a origem mais antiga dos contos, de que se tem registro, estão datadas do século V antes da era cristã, com as fábulas de Esopo. Segundo Ramos (2010), elas eram histórias que se utilizavam de animais com características humanas, como personagens, e que tinham por objetivo o ensinamento quanto à moral e às virtudes. Cristóvão (2010) pontua, ainda, sobre relatos da existência de narrativas oriundas do Oriente e da existência de contos de fadas de origem celta, também datadas de antes da era cristã.

Coelho (2000) afirma também que, em quase vinte e cinco séculos, que vão desde o século V a.C. até às obras europeias do século XIX d.C., a literatura representa a evolução humana, suas relações sociais, influências, fraquezas e virtudes que se opõem entre o bem e o mal. Já nas obras contemporâneas, a autora observa o propósito de desenvolver o discernimento, a visão indagadora, ampliando o olhar para diferentes perspectivas, além da expressão verbal, da criatividade, da observação, reflexão e participação sobre as mudanças no mundo.

A fim de complementar a observação anterior, utiliza-se aqui palavras de Ramos (2010), que especifica uma das origens da literatura:

A fábula nasce no Oriente, e é Esopo (620 a.C. - 560 a.C.) quem através da escrita de breves textos apresenta as personagens da acção<sup>10</sup> como animais que falam e têm sentimentos como os humanos. Os seus textos tinham um forte poder moralizante. Fedro (15 a.C. - 50 d.C.) foi o escritor que se seguiu a Esopo neste tipo de literatura, sem descurar a lição do de seu antecessor. Contudo, segundo muitos escritores, o pai das fábulas modernas é La Fontaine. Este escritor do século XVII reescreve tudo o que tinha sido escrito anteriormente e dá-lhe um cariz pessoal e mais adaptado aos novos tempos. Os textos deixam de ser simples frases e passam a breves contos, com acção e descrições mais personalizadas, não deixando contudo de lado o objectivo moral e pedagógico que foi sempre a marca das fábulas (RAMOS, 2010, p. 50).

Por muito tempo, as fábulas vêm fazendo parte da história da “literatura infantil”. Algumas foram melhoradas e/ou ajustadas, conforme a cultura da época em que estavam sendo contadas. Outras permaneceram quase que intactas em relação as suas versões originais. As histórias, por muitas vezes, tiveram a intenção de educar e/ou doutrinar para as regras sociais, ou conscientizar para os problemas da sociedade de sua época. De acordo com Fernandes (2003), os contos representam a era em que foram criados, e, hoje, são inúmeras as interpretações dadas a estas histórias, além das diversas adaptações que foram feitas a fim de torná-las melhores em relação às mensagens éticas a serem transmitidas.

Conforme salienta Fernandes (2003), a literatura, cujas obras eram direcionadas especificamente para o público infantil, teve início a partir do século XVII. Antes desse período, as crianças eram ignoradas como seres infantes. Já para Lajolo e Zilberman (2002), os primeiros contos publicados para crianças surgiram na primeira metade do século XVIII, com obras de La Fontaine, entre 1668 e 1694, de Charles Perrault, em 1697 e de Fénelon, publicadas em 1717, após o seu falecimento. As autoras acrescentam que com a consolidação da burguesia como classe, mudanças nas estruturas institucionais acontecem com efeito na família, na qual se vê a necessidade da preservação da infância, e a criança passa a exercer um novo papel social. Corroborando com isso, Cunha (1999), acrescenta que a literatura infantil teve início por intermédio da burguesia, quando surge uma literatura específica para crianças, a qual passa a ter um carácter educativo.

Em relação à mudança de lugar pelo qual a criança passou no meio social e familiar, Ramos (2010) acrescenta que:

---

<sup>10</sup> Versão original da autora, em português de Portugal.

A criança existiu desde sempre, a sua posição na sociedade é que variou. Contudo, esta não deixava de fazer parte da família e da sociedade. Inicialmente, ser criança era quase o mesmo que ser adulto, ambos partilhavam as mesmas experiências. Como é do conhecimento geral, a literatura compreende as tradições orais e a sua recuperação escrita como parte integrante. Muitos dos livros para crianças também se baseiam e recuperam as tradições orais populares. Numa época em que ainda não existiam os livros e que a imprensa ainda não se encontrava desenvolvida ao ponto de chegar a todos os públicos, os adultos contavam histórias a outros adultos e a crianças. Desta base oral, nasceram muitos contos, actualmente<sup>11</sup>, até pela tendência crescente de dar importância às tradições orais e ao tradicional como memória, recolhidos em livros (RAMOS, 2010, p. 09).

Direcionando este apanhado histórico para o Brasil, Zilberman e Lajolo (1988), reiteram que seu início se deu nas décadas finais do século XIX. Com a introdução de obras de edições portuguesas, aos poucos começaram a surgir tentativas de traduções e adaptações das obras europeias. A partir do final do mesmo século, produções do professor Carlos Jansen começam a circular com maior frequência, seguidos por João Ribeiro, Olavo Bilac e, posteriormente, Arnaldo de Oliveira Barreto. Após a abolição da escravatura e o aumento gradativo da população imigrante, a literatura infantil e a literatura escolar começam a ser introduzidas no país, apoiadas por campanhas em favor da alfabetização. Com o fim da monarquia e o início da república, iniciou-se a produção de obras de cunho patriótico, por Olavo Bilac, Coelho Neto, Júlia Lopes de Almeida, Manuel Bonfim e Candido de Figueiredo, entre outros.

As autoras Zilberman e Lajolo (1988) pontuam que, nesse primeiro período, compreendido entre o final do século XIX e início do século XX, as obras que surgiram eram induzidas ou patrocinadas pelos escritores de literatura infantil desta fase. Porém, após a conquista do espaço literário por Teles de Andrade e por Monteiro Lobato em meados dos anos 20, inicia-se o reconhecimento das editoras da época. Assim como outros autores aderem ao estilo modernista, embora sem desvinculação do nacionalismo, como nas obras de Euclides da Cunha, Domingos Olímpio, Lima Barreto, Afonso Celso, Viriato Corrêa, Murilo Araújo, Tycho-Brahe entre outros. Estas obras também tratam dos dilemas e dos ideais da época e, baseando-se nisso, as autoras afirmam, também, que a literatura infantil sempre esteve incorporada à sua época e refletindo-a a sua maneira.

Zilberman e Lajolo (1988) complementam que, por volta da década de 30, com a presença do cinema e de outros veículos de massa, as obras modernistas, já com menor ingerência francesa que nos anos 20, tiveram maior influência anglo-saxônica, com traduções patrocinadas por Érico Verissimo. Já na metade da década de 40, surgem expressões culturais

---

11 Versão original da autora portuguesa.

democráticas, independentes, modernas e aprimoradas, com elevados padrões e culturalmente mais qualificadas, como nas obras de Clarice Lispector, João Guimarães Rosa e Autran Dourado, seguidos mais adiante por James Joyce, Marcel Proust e Virgínia Woolf.

Já as obras das décadas de 40 e 50 são inspiradas pelos escritos de Monteiro Lobato, como as obras de Maria José Dupré e Lúcia Machado de Almeida, além de Jerônimo Monteiro que também presta homenagens a Lobato. Zilberman e Lajolo (1988) observam que, do mesmo modo, nos anos 50, retomam-se novamente os ideais em busca da elucidação dos problemas sociais, agora, porém, por meio de uma linguagem mais acessível aos leitores.

A partir da década de 60, em que o Brasil vivia um período de grande expansão da indústria e um processo de concentração urbana, as ideologias são o que sustentam a sua imagem e determinam, em parte, a sua vida cultural. Zilberman e Lajolo (1988) acrescentam que, nesse período, bem como nos anos 70, amplia-se a complexidade dos bens culturais, o investimento e a legitimidade na cultura, assim como o fortalecimento do setor editorial, e o desenvolvimento da circulação literária, que atinge maior número de pessoas. As autoras pontuam ainda, sobre a produção de obras dirigidas às instituições de ensino, com direcionamento à internalização de valores e formas de agir. São obras deste período os escritos de Fernanda Lopes de Almeida e Odette de Barros Mott. Após a metade dos anos 60, evidenciam-se a harmonia dos sons e a diversidade de recursos. Algumas apresentando perspectivas de infância, como nas obras de Giselda Laporta Nicoletis e Lygia Bojunga Nunes, outras assumem tons de protesto e denúncias dos conflitos sociais dessa época; como nas obras de Antônio Callado, Ivan Ângelo, Lígia Fagundes Telles, Inácio de Loyola Brandão e Henry Corrêa de Araújo.

A partir da década de 70, Zilberman e Lajolo (1988), observaram o abundante crescimento de contos policiais e de ficção científica, bem como de obras não escolares. São escritos deste período as histórias de Edy Lima, Stella Carr e João Carlos Marinho.

Já nos anos 80, destacam-se também poemas infantis, repletos de ludicidade e elaboração de significados, como nas obras de Sidônio Muralha e Vinícius de Moraes – algumas delas transformadas em canção. Zilberman e Lajolo (1988) acrescentam que, no mesmo período, ocorreram também, além da reedição de contos folclóricos e a recuperação de elementos da cultura nordestina, como nos contos de cordel de Haroldo Bruno, a reelaboração de escritos de diálogos entre textos e paródias, como nas obras de Clarisse Lispector, Ana Maria Machado e Ruth Rocha. Foi nesse período que a possível equiparação, no contexto brasileiro, entre a literatura infantil e a não infantil aconteceu, destacando-se aqui termos de linguagens metafóricas que representam a vida e as suas possibilidades, como nas obras “Marcelo,

marmelo, martelo”, de Ruth Rocha e “A primeira só”, de Marina Colasanti, além da equivalência de valorização das duas literaturas.

Para Coelho (2000), há bem pouco tempo a literatura infantil era considerada pela crítica como uma categoria secundária de literatura, que tinha por únicas finalidades educar ou divertir as crianças. Deste modo, estas obras possuíam características especiais, com a possibilidade de serem lidas por qualquer idade, diferente da literatura para adultos, que não incluía o público infantil. A complexidade das obras era o que diferia a literatura infantil das obras destinadas aos adultos.

Diante do exposto, Ramos (2010) agrega que:

Apesar de muitos especialistas em literatura terem excluído, durante várias décadas, os livros escritos para crianças da lista de textos considerados como literários, a Literatura Infantil desenvolveu-se e, actualmente, são os livros para crianças os que têm maior saída no mercado livreiro. Contudo, no período inicial da descoberta deste género literário destinado às crianças nesta dissertação, deu-se conta da existência ainda de muitas discordâncias entre os teóricos acerca do facto dos livros infantis pertencerem ou não à literatura (RAMOS, 2010, p. 08).

Para além da etimologia e outras questões, é possível afirmar que a literatura infantil deve ser considerada como “literatura”, já que seus conteúdos são histórias escritas para o público infantil ou juvenil que, em sua maioria, são obras criativas e de conteúdo extremamente interessantes tanto para crianças quanto para adultos. Corroborando com essa ideia, Fernandes (2003) afirma que atualmente a literatura foi adaptada à perspectiva e necessidade das crianças, visando sua interação e seu desenvolvimento.

De tudo o que já se abordou nas literaturas passadas, Ramos (2010) aponta para as preocupações com o ecossistema e sustentabilidade, temas muito pertinente, que teve seu início no final do século XX, e que tem sua importância reiterada nesse século, tendo sido frequentemente abordado, já que muitos autores da atualidade, preocupados com este tema, iniciaram participações em campanhas, através de suas obras de literatura infantil, como Lalau e Laura Beatriz, em suas obras: “Fora da gaiola”, “A última árvore do mundo” e Gael Aymon e Pauline Comis com a obra “O segredo mais forte do mundo” entre outros. A autora portuguesa constata que existe uma preocupação por parte de vários escritores em despertar na criança a percepção sobre a grandeza do planeta e a necessidade de mantê-lo sadio, utilizando-se de ações e personagens que sensibilizem a criança quanto às preocupações ambientais e o respeito com os seres vivos e com a natureza.

Preocupação enfatizada também por Ramos (2010):

Dos diferentes conteúdos dos livros destacam-se os de maior presença, como a preferência pela escolha dos animais ou ainda, já a partir do final do século XX, a preocupação ecológica. Contudo, esta preocupação com a preservação da natureza e dos animais só surge com força quando da sensibilização realizada nas escolas, transformando-se em preocupação com a defesa do ecossistema (RAMOS, 2010, p. 10).

Ramos (2010) observa que são inúmeras as possibilidades propiciadas pela literatura infantil, já que, além de transmitir valores necessários à vida em sociedade e nas relações com o outro, também é possível utilizar-se de elementos da natureza, e as relações entre homem, meio ambiente e demais seres vivos, para levar a criança a perceber os problemas com o ecossistema, desenvolvendo em si a sensibilidade e a motivação para a preservação ambiental.

Além dos temas abordados acima, são infinitas as possibilidades pedagógicas vislumbradas por escritores, com relação à literatura infantil, Ramos também observa que:

A partir do século XX, inicia-se o estudo do desenvolvimento da criança e é nesse contexto que os livros escritos para estes leitores começam a ter um caráter específico, consoante às pesquisas feitas neste campo. Aos livros puramente morais e pedagógicos seguem-se os livros com conteúdo lúdico-pedagógico. Há um crescimento a todos os níveis do livro para a criança. O texto, a determinada altura, deixa de proporcionar apenas um bom momento de leitura e passa a conseguir despertar todos os sentidos e capacidades da criança. A Literatura Infantil já não é mais um livro “escolar”, mas sim um desafio (RAMOS, 2010, p. 11).

Hoje, a importância alcançada pela literatura infantil brasileira ocupa um papel de valorização, diferentemente do lugar que ocupou por longo período, pois até pouco tempo a produção literária era considerada uma literatura inferior, por se tratar de um trabalho direcionado às crianças. Outras mudanças foram sendo desenvolvidas nas obras de literatura infantil. Atualmente, pode-se encontrar livros para todos os gostos e para todas as idades, com várias formas e conteúdos, livros brinquedos, livros 3D, livros só com imagens, obras que trazem questões éticas quanto ao respeito à diversidade, às diferenças, aos animais e à natureza. Enfim, variados exemplos de literatura, que são a mais pura expressão da criatividade.

Diante de tanta diversidade literária, não se poderia deixar excluída a definição de literatura infantil abordada por Coelho (2000 p. 27), que demonstra a riqueza de significados observada pela autora: “A Literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização [...]”.

Para Coelho (2000), a literatura possui uma linguagem específica que reflete as experiências do homem. Pode-se dizer que, mais específicas ainda, são as obras de literatura

infantil que se caracterizam pela forma dos textos e pelo leitor a que ela se destina. A autora considera ainda que a definição de literatura infantil seria a arte da comunicação, fruto da imaginação e da criatividade, evento complexo, apaixonante e primordial do ser humano. Além de expressar experiências de inúmeras épocas da vida do ser humano, é uma forma de linguagem tão rica que pode representar a evolução da sociedade.

Diante disso, cabe ressaltar que diversos pontos são considerados no momento da escolha da obra literária, a idade, em suas diferentes faixas etárias, o objetivo da leitura bem como o conteúdo do livro. Observando essas características, pode-se pontuar que cabe ao professor a melhor escolha dentre as obras literárias disponíveis ao público infanto-juvenil. Para tanto, é necessário levar em consideração estas características já mencionadas, bem como, as que serão abordadas a seguir por Ramos (2010):

A «literatura» que se diz criada para as crianças, como a própria expressão o indica, é aquela que é escrita exclusivamente para elas, e na qual se deve ter especial atenção aos pormenores da idade e da moralidade e pedagogia, assim como do divertimento, ideias que norteiam este tipo de escrita (RAMOS, 2010, p. 16, grifo da autora).

Durante muito tempo, a designação literatura infantil foi considerada quase impensável. Os livros para crianças teriam características não literárias apenas por se dirigirem a um leitor infantil. Este impasse em torno da designação do termo literatura infantil agudizou-se ainda mais devido à posição que a criança foi tomando, ao longo dos tempos, na família e na sociedade. Se, inicialmente, os livros se dirigiam apenas as classes sociais cujas crianças sabiam ler e tinham outras possibilidades financeiras, a partir de certo período histórico, a criança começa a ser o centro da família e a escola torna-se obrigatória, sendo os livros acessíveis para a maior parte delas. Verifica-se então, que a literatura infantil foi sofrendo alterações conforme as mudanças na sociedade (RAMOS, 2010, p. 08).

A literatura é o resultado das experiências socioculturais e existenciais do homem que, desde a antiguidade, tinha por objetivo a formação do ser humano. Assim, em todo o decorrer da história, a literatura, além de ser instrumento de diversão e de prazer, tem auxiliado na educação, incitando o espírito de solidariedade, do bem comum, da coletividade e também, estimulando as virtudes, o respeito às diferenças, as lutas contra injustiças, fomentando ideais, promovendo o aperfeiçoamento interior e transformando a consciência crítica do leitor.

### 3.1 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL NO DESENVOLVIMENTO HUMANO

As histórias estão presentes na vida do sujeito desde a sua infância. Contos são passados de geração em geração, atravessando o tempo sem que muitos elementos sejam alterados nas histórias. O prazer de quem conta é equivalente ao de quem ouve. Bettelheim (1980) considera que o encantamento proporcionado pelos contos acontece porque a magia nele contida é um mistério para as crianças. No que se refere a essa magia, Campos (2005, p. 11) diz que “A experiência de ouvir e contar histórias sempre fascinou a humanidade. Encantando pela mágica do reino-que-vai-e-volta, através dos livros o ser humano pode transformar-se em mil outros seres, esconder-se atrás deles e estar em todos os lugares e tempos”.

A leitura nos leva à reflexão, na perspectiva de outras possibilidades, de outras alternativas. Para Machado (2002), o prazer de mergulhar no mundo literário, está em explorar um novo tempo e espaço, viver outra vida, outras experiências, identificar-se com os acontecimentos, ver-se refletido nos personagens. Corroborando com isso, Bettelheim (1980) acrescenta que, ao ouvir um conto, a criança percebe que as pessoas são diferentes e, a partir disso ela opta pelo personagem com quem ela deseja assemelhar-se e assim espelhar suas atitudes.

Em seus estudos, Fernandes (2003) observou que os contos auxiliam os pequenos leitores em seus próprios conflitos internos. Eles procuram identificar-se com algum personagem da história, devido à necessidade que possuem de serem amados e, portanto, a criança se identificará com os personagens mais queridos. Diante dessa afirmação do autor, pôde-se perceber que, no momento da pesquisa-ação com as crianças, em que cada uma deveria escolher um codinome para representá-la nessa pesquisa, todas escolheram personagens heróis ou que representam o bem, a bondade, da TV, ou da literatura. Um caso em especial chamou a atenção, quando ao indagar sobre qual nome a referida criança desejava escolher. O menino disse que queria ser o “Lobo Mau Bonzinho”, o que, após diálogo, resolveu retirar a palavra “Mau” e ficar apenas “Lobo Bonzinho”.

A partir disso, tomando uma abordagem psicanalítica sobre o reconhecimento que se estabelece entre o leitor e os personagens, Bettelheim (1980) observa que a literatura infantil clássica possibilita ao leitor aprender sobre seus problemas interiores, identificando seus impasses com as dificuldades vividas pelos personagens e vislumbrando soluções para estes nas elucidações das narrativas, esclarecendo sobre si mesma favorecendo o desenvolvimento

da sua personalidade. Levando-o assim, a compreender-se na complexidade desse mundo e aprender a lidar com a diversidade de sentimentos.

Coelho (2000) também aborda a questão quando aponta que:

Lembra a psicanálise que a criança é levada a se identificar com o herói bom e belo, não devido a sua bondade ou beleza, mas por sentir nele a própria personificação de seus problemas infantis: seu inconsciente desejo de *bondade e beleza* e, principalmente, sua necessidade de segurança e proteção. Identificada com os heróis e as heroínas do mundo do maravilhoso, a criança é levada, inconscientemente, a resolver sua própria situação – superando o medo que a inibi e ajudando-a a enfrentar os perigos e as ameaças que sente a sua volta e assim gradativamente, poder alcançar o equilíbrio adulto (COELHO, 2000. p. 55).

Reforçando essa afirmação Bettelheim (1980) afirma que os contos de fada, mais que qualquer outro, atingem o emocional infantil, auxiliando na resolução de problemas existenciais, de forma a transpor o inevitável, lutando para vencer os obstáculos. Salienta-se aqui a afirmação de uma das professoras entrevistadas que, como os autores, enfatiza as contribuições da literatura infantil no desenvolvimento afetivo das crianças: P2 “[...] *através da história, a gente... desperta na criança vários... vários sentimentos, várias emoções*”.

Também para Cristófano (2010), a literatura infantil auxilia no desenvolvimento psíquico e na maturidade emocional do sujeito. Os sentimentos propiciados pelos contos agem no inconsciente da criança, auxiliando em seus conflitos internos. Para Sartori e Kornatzki (2011), a literatura infantil também contribui para o desenvolvimento da sensibilidade, das emoções e sentimentos de amor, afeto, amizade, respeito, solidariedade e fraternidade.

Abordando a importância da leitura de contos de fadas na visão de Bruno Bettelheim (1980), o psicanalista ressalta que a leitura dessas obras enriquece a vida, estimula a imaginação, desenvolvendo o intelecto e elucidando as emoções, harmonizando sentimentos e desejos. Ratificando essa ideia, Cristófano (2010, p. 03), pontua que “neste campo, a literatura é sem dúvida, uma das mais valiosas conquistas do homem, pois através dela pode conhecer-se, transmitir-se e comunicar a aventura da própria existência humana”.

De acordo com Machado (2002), se a criança demonstra interesse por uma história de texto complexo, deve-se deixá-la ter acesso, ainda que pouco compreenda a narrativa. Deparar-se eventualmente com clássicos na infância, pode levar a criança a voltar a desfrutar dessas obras no decorrer da sua juventude. Em consonância com essa afirmação, pode-se observar a afirmação da entrevistada P3, que relata:

*[...] é tão bom você oportunizar para que eles falem, que eles se expressem, que hoje eu encontro os meus ex-alunos contando histórias, eles... dançando, que tem crianças que participam, adolescentes agora, de grupo de danças, de... e contam histórias e a gente vê que esse estímulo que a gente, lá da educação infantil, que vai surtir lá na frente o efeito, por isso que eu acho importantíssimo [...] o professor contar história para os seus alunos, ele não vai se arrepender, se ele quer que sejam adultos leitores, vai ser no estímulo, tudo vai depender do estímulo na educação infantil.*

Reconhecendo que o contato da criança com a literatura infantil vai além de um ato eventual, necessitando fazer parte da sua rotina desde muito cedo, Cademartori (2010) acrescenta que:

O livro e a leitura, apresentado à criança em seus primeiros anos, podem apresentar a ela uma sedutora razão para o esforço empreendido no processo de alfabetização. O papel da literatura nos primeiros anos é fundamental para que se estabeleça uma relação ativa entre fala e língua, o que não ocorre sem envolvimento de afeto ou emoção (CADEMARTORI,2010, p. 63).

Ainda ao abordar a importância da literatura infantil, Abramovich (2001) a considera fundamental para a formação da criança, pois as narrativas despertam emoções, levam o leitor a viver profundamente, sentindo com os sentidos do imaginário. Desta forma, é possível despertar a imaginação, fomentar ideias, de modo a enfrentar e resolver problemas. Convicções também compartilhadas pelas entrevistadas P4: *“Eu acho bem importante, desenvolve a criatividade, a socialização entre eles, a imaginação, [...]”*; e P3 *“[...] aguça a imaginação, a memória, é tudo através da contação de história”*.

Nessa mesma linha, Bettelheim (1980) compreende a importância dos contos de fada como apoio à criança, já que estes facilitam o entendimento sobre seus sentimentos, levando-as a refletir, reorganizar-se e familiarizar-se sobre os mesmos. Fantasiando sobre o enredo da história, ela poderá ser capaz de solucionar questões inconscientes, encontrando sozinha o sentido das coisas, resolvendo os problemas por sua própria conta.

Através da literatura, a criança vai percebendo que todo o ato tem uma consequência, que cada personagem ao final da história sofre as consequências de suas ações no decorrer do conto. O infante vai gradativamente percebendo o caminho a ser seguido e a história vai sutilmente influenciando no seu desenvolvimento da sua autoestima e no aprimoramento na sua relação com o outro, levando-a a socializar-se no momento da narrativa de uma história, e aperfeiçoando a sua expressão como um todo. Para Campos (2005, p. 11), *“O texto literário possibilita ao indivíduo olhar para o outro e nele reconhecer-se; este ato contribui para a criação da sua identidade”*.

No entanto, é lamentável que nem toda família tenha o hábito da leitura, pois, o envolvimento da criança com textos literários, desde a infância, provoca nela o amor por histórias contadas e pela literatura em si, já que esta pode viajar nas páginas ilustradas dos livros e na interpretação do narrador, a leitura é o caminho infinito de descobertas e compreensão do mundo. De acordo com Walter Benjamin (1987), as melhores narrativas são aquelas que mais se assemelham com as histórias contadas pelos diversos narradores anônimos da história.

Abramovich (2001) afirma que o ato de ouvir histórias estimula na criança a criatividade para o desenho, para a música, desperta-lhe a imaginação para brincar, representar e escrever, e a vontade em ouvir novamente a mesma história ou muitas outras. Assim, a significação do conto pode ser conservada para revelar-se muito mais tarde. Corroborando com a ideia da autora, a professora P1 relata tal ação em sua prática e seus benefícios:

*[...] a gente geralmente trabalha com os desenhos, eles produzem a história para que eles também usem a criatividade deles, a gente sai lá fora pra fazer, no pátio, as atividades também, geralmente as cantadas, então... acabo fazendo o ambiente ajudar [...]". Em outro momento a mesma professora ratifica dizendo: P1 "[...] geralmente a gente faz depois da história alguma atividade relacionada a história, [...] então eles acabam fazendo desenho ou eles acabam brincando lá fora de inventar história, de fazer história, e aí fica na criatividade deles.*

A criatividade é um aspecto importante das práticas pedagógicas educacionais, como relatado acima pela professora, assim a criança cria, inventa, exerce sua capacidade de construir narrativas. Analisando a metodologia deste trabalho, considera-se que a tão importante quanto a criatividade e o diálogo, a autoria é fundamental na elaboração das narrativas feitas pelas crianças, exteriorizando a sua imaginação e criando suas próprias histórias.

O autor, para Foucault, é aquele que cria, que imagina e externaliza escrevendo, narrando ou desenhando. "O autor é o que dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real" (FOUCAULT, 2004, p. 28). Por vezes, a literatura instiga, na criança que não lê, a vontade de narrar uma história baseando-se nas imagens que ela tem em mãos. Assim, ela vai expressando a sua criatividade e imaginação sendo autora da sua própria narrativa.

Portanto, estar frequentemente envolvido com o mundo da literatura é estar em contato direto com o conhecimento, seja aprendendo sobre outras culturas, outras sociedades, outras possibilidades, seja percebendo a diversidade, as diferenças ou semelhanças, ou, ainda, compreendendo seus próprios sentimentos ou sentimentos alheios. Desta forma, ler ou ouvir histórias, sempre possibilita aprendizado.

### 3.2 AS CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTIL NO LETRAMENTO DO INFANTE

Além de todas as informações transmitidas pela literatura infantil, em relação à imensidão de conhecimentos, não se pode deixar de abordar a introdução da linguagem escrita, que no contato com a curiosidade da criança vai se tornando familiar e facilitando a compreensão dos seus signos no futuro. Destarte, antes mesmo do processo de alfabetização, a literatura infantil já contribui infinitamente para o processo de construção do conhecimento de que a criança necessita para que ela possa conhecer e interpretar os símbolos linguísticos de forma mais prazerosa e mais eficiente. Ouvindo, associando as imagens e, posteriormente, tentando recontar, aprimora a comunicação e a expressão oral e gestual da criança.

Abramovich (2001) considera também que ouvir histórias é o início para aprender a ser leitor. Assim como a autora, também se encontra essa afirmativa no discurso de duas entrevistadas. A P1 diz que:

*[...] eles estão no mundo de querer aprender a ler, escrevendo, da alfabetização né...então como eu trabalho com o pré, eles querem ler, eles querem aprender a ler as histórias, não só as gravuras então eles mostram esse interesse e pedem para gente né, -Ah pro, eu quero ler essa história, eu quero saber o que tá falando aqui nessa... nessa frase, aqui nessa palavra, então eles mostram esse... esse aguçar, de querer aprender e aí a gente só ajuda, a gente media esse momento para que eles aprendam a ler e escrever, alguns acabam saindo lendo e escrevendo outros ainda não.*

A professora P2 afirma que também utiliza a literatura para que seus alunos tenham contato com as letras e possam começar a identificá-las:

*[...] a questão dele ter o contato com o livro, com as letras porque muitas vezes em casa as crianças não têm esse contato, então na escola contando a história eu deixo muitas vezes eles ter aquele contato com o livro peço: ah... procura a tua letrinha... do teu nome... aí eles mostram -- Oh prof. eu achei aqui!*

A literatura estimula experiências no cérebro ainda imaturo da criança, afirma Coelho (2000), facilitando a codificação da linguagem escrita que é simbólica e abstrata. Freire (2011, p. 15) afirma que “O alfabetizando já sabe que a língua também é cultura, que o homem é sujeito: sente-se desafiado a desvelar os segredos de sua constituição, a partir da construção das suas palavras – também construção do seu mundo”.

Gonçalves e Motter (2010) pontuam que, apesar de suas limitações, a escola é um ambiente de aprendizagem da leitura, é na escola que se aprende a ler. No entanto, muitas vezes,

os alunos têm suas leituras limitadas pela falta de conhecimento dos professores em relação ao acervo das bibliotecas de suas escolas, o que restringe as possibilidades de leituras dos alunos. A liberdade de escolha dos educandos possibilita sua aproximação com os textos lidos, levando-os a ser ponderadores do seu mundo, cidadãos críticos, por meio da leitura a que lhes é disponibilizada e, assim, criadores de suas próprias narrativas. Restringir a sua busca limita as possibilidades de ampliar sua compreensão do mundo. Freire (2011) considera que a liberdade só é concreta quando há transformação do mundo e do próprio sujeito. Segundo o pensador “A prática da liberdade só encontrará adequada expressão numa pedagogia em que o oprimido tenha condições de, reflexivamente, descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação histórica” (FREIRE, 2011, p. 11).

Ser alfabetizado, segundo Freire (2011), não é a mera repetição de palavras, é saber interpretar o que se lê, é saber proferir as próprias palavras com consciência. O leitor necessita ter senso crítico para selecionar leituras que favoreçam o seu crescimento pessoal, como relata Werner (1999). Ao estabelecer um comparativo entre obras disponíveis no mercado auxilia o leitor a desenvolver o espírito crítico e seletivo por meio da interação de diversos leitores e diferentes obras literárias. No entanto, considera-se que até que o leitor tenha discernimento para selecionar seu acervo literário, cabe ao professor ou outro leitor experiente guia-lo nessa busca.

Gonçalves e Motter (2010) ponderam que sendo a leitura um instrumento de interação, ela não pode ser entendida apenas como um processo de decodificação de símbolos, mas como um veículo que possibilite a leitura de mundo, de modo a levar o sujeito a agir de forma atuante e cidadã. Werner (1999 p. 26) enfatiza: “Permita ler o que está escrito e o que não está escrito.” Desta forma não basta compreender o significado das letras, também é importante refletir e reconhecer o que está nas entrelinhas, de modo a compreender o que está sendo lido em todo seu contexto.

### 3.3 CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTIL PARA LEITURA DE MUNDO

Ler, para Abramovich (2001), significa abrir comportas para entender o mundo através dos olhos do autor e da vivência dos personagens. Na concepção da autora, a leitura foi e é um prazer maravilhoso. Por meio dela, é possível situar-se no universo, descobrir éticas, óticas, lugares, tempos e culturas.

Diante disso, Cademartori (2010, p. 23) observa que: “A obra literária recorta o real, sintetiza-o e interpreta-o através do ponto de vista do narrador ou do poeta. Sendo assim,

manifesta, através do fictício e da fantasia, um saber sobre o mundo e oferece ao leitor um padrão para interpretá-lo”.

Abramovich (2001) complementa que, enquanto a história vai sendo contada, a criança vai vivendo cada aventura junto ao personagem, vai conhecendo culturas, lugares, e viajando ao redor do mundo. Pode-se constatar a mesma visão desta possibilidade em conhecer outros mundos na visão da P1 que relata: “[...] *eles acabam... vendo um outro mundo que eles não têm em casa, [...] a gente acaba trazendo um mundo diferente pra eles e eles se encantam*”. Também a P2 acrescenta: “[...] *a criança às vezes conhece muitos mundos, muitas coisas que, às vezes, na realidade dela, às vezes, ela nunca vai ter oportunidade de conhecer [...]*”. Ao contrapor a realidade da criança com as possibilidades apresentadas pela literatura, busca-se levar a criança a viver outra realidade, a sonhar e buscar novas perspectivas, adentrando no enredo da história por meio da imaginação.

Lajolo (1999) ressalta que utilizando a literatura como forma de expressão, imaginários, preceitos, sentimentos e comportamentos se manifestam, dialogando sobre seus dilemas, anseios e utopias.

Em sua maioria, as obras de literatura infantis são fantasiosas, cheias de magias e de sobrenatural, descrevendo o folclore de cada povo e período da história da humanidade, repassados através dos tempos. Conhecer estas narrativas é, em muitas situações, como conhecer outros povos, outras culturas, crenças de outras épocas. Como ressalta Souza (2006, p. 61), “O folclore tem papel importante na literatura infantil que recupera as histórias populares da tradição oral, aquelas que estão na memória do povo”.

Considerando a literatura como a expressão de diversas culturas e sua leitura como possibilidade de desenvolver habilidades sociais, Souza (2006) complementa que:

A literatura infanto-juvenil é a primeira forma escrita de contato da criança e do jovem com as tradições culturais e literárias de seu povo. Ao mesmo tempo que promove recreação também cultiva valores necessários à vida em sociedade e favorece o raciocínio e a inteligência da criança e do jovem. Ela pode significar também uma evasão, se os elementos da fantasia e imaginação estiverem presentes. Sua função primeira é despertar, na criança e no jovem, o gosto pela leitura e permitir-lhe um contato com a realidade que o cerca (p. 53).

No que se refere ao leitor, Gonçalves e Motter (2010) acrescentam ainda que as competências para leitura dependem de experiências anteriores adquiridas pelo leitor, que possibilitam a percepção e interpretação de mundo, por meio da relação e interação com seu contexto. Levando-o assim, a desenvolver a compreensão da sua realidade de forma pessoal, formando uma conexão entre a realidade textual e a realidade social. Essa afirmação pode ser

percebida no relato da P2: “[...] *eles imaginam coisas que a gente não imagina e eles passam para gente, então é bem interessante isso*”. Logo, cada leitor, ainda que apenas de imagens como no caso desse relato, tem seu pensamento direcionado conforme a sua realidade e o seu contexto de vida.

Toda a literatura pode ser considerada, na concepção de Cademartori (2010), como a representação do mundo, pois através dela o leitor pode conhecer possibilidades e antecipar experiências que ele ainda não viveu. Em sua obra “A importância do ato de ler”, Paulo Freire (1982) aborda que a leitura de mundo sempre antecede a leitura da palavra, e essa é consequência da leitura de mundo. Deste modo a importância da leitura implica na percepção crítica e interpretação do que foi lido. Freire (2011, p. 15) também aborda essa relação ao afirmar que: “A ‘codificação’ e a ‘descodificação’ permitem ao alfabetizando integrar a significação das respectivas palavras geradoras em seu contexto existencial – ele redescobre num mundo expressado em seu comportamento”.

Coelho (2000) também ressalta que a evolução de um povo acontece verdadeiramente ao nível da consciência dos acontecimentos do mundo, o qual cada sujeito vai assimilando desde a infância. Nessa concepção, as literaturas, principalmente a infantil, tem a tarefa de transformar a sociedade, agindo na formação espontânea ou estimulada pelo meio escolar, pelo convívio e pelo diálogo entre o leitor e o texto literário. Portanto, a literatura é uma forma eficaz de ler o mundo.

Os pensamentos do leitor ou ouvinte da literatura infantil, na visão de Abramovich (2001), transcendem o infinito de possibilidades e sua mente expande através do conhecimento. “Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo...” (ABRAMOVICH, 2001, p. 16).

Ao abordar o processo de aprendizagem das leituras de mundo, Lajolo (1997) afirma que são as vivências que propiciam tal aprendizado. Enquanto a leitura de livros frequentemente é aprendida nas escolas, a leitura de mundo aprende-se na vida.

Lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela (LAJOLO, 1997, p. 7).

No que diz respeito ao ambiente escolar, Coelho (2000) afirma que a escola é um espaço de formação do homem, da consciência e da leitura de mundo, por meio do exercício

das percepções e na interpretação dos significados e do estímulo ao conhecimento das expressões comunicativas. Destarte, Freire (2006) vem enfatizar essa ideia quando afirma que, ao respeitar a leitura de mundo do outro, conforme a cultura e a historicidade que a embasa, a tomando como ponto de partida, torna-se possível vislumbrar novas perspectivas, construindo uma visão mais crítica do mundo que o cerca.

Diante do exposto, constata-se que a leitura de mundo inicia-se antes mesmo do que a leitura dos signos linguísticos. A criança consegue interpretar as narrativas que ouve conforme o seu contexto, assim como interpreta as obras literárias observando as figuras ali expostas, fazendo comparativos com seu mundo e com sua realidade.

#### 4 EDUCOMUNICAÇÃO: CONCEITO E PERSPECTIVAS

Esse capítulo tem o propósito de apresentar o conceito de educomunicação, e seus objetivos diante dos contextos educacionais, levando a compreender de que forma suas perspectivas podem contribuir na formação humana. Indubitavelmente, estamos vivendo em um mundo onde o processo comunicativo pode ser mais amplo, em que os meios de informação podem estar a serviço da construção de um mundo mais altruísta, de uma sociedade que se eduque para o bem coletivo, para o respeito a diferença, para a consciência e para a liberdade. É nessa perspectiva que o conceito de educomunicação vem contribuir nos processos de construção de conhecimento.

De acordo com Soares (2011), a educomunicação é uma ação emergente que visa a renovação das práticas sociais, por meio da expansão das possibilidades da expressão humana. Assim, com a ampliação dessas expressões, a juventude pode envolver-se em seu próprio processo educativo.

No ambiente educacional o aluno comunica-se de forma aberta com seu educador, todos constroem o conhecimento de maneira colaborativa, a aprendizagem acontece motivada pela cooperação mútua e pela mediação do professor. Para Freire (1983, p. 22) “o conhecimento não se estende do que se julga sabedor até aqueles que se julga não saberem; o conhecimento se constitui nas relações homem-mundo, relações de transformação, e se aperfeiçoa na problematização crítica destas relações.” Deste modo, todo conhecimento é valorizado e o sistema de ensino torna-se uma rede de troca de conhecimentos.

A perspectiva filosófica na relação da educomunicação com a escola vai além de confrontar e aliar educação e mídia, como afirma Soares (2011). É possível rever as práticas comunicativas entre docentes e discentes no ambiente escolar, transformar a comunicação em conteúdo curricular, enquanto linguagem, processo e produto cultural, levar os educandos a capacitar-se acerca das linguagens midiáticas, sejam elas tecnológicas ou literárias, para aprofundar conhecimentos, promovendo a transformação da vida à sua volta. Para Soares (2012), a educomunicação aborda as mídias, não por serem tecnologias, mas por fazerem parte das mediações que a cultura atual manifesta para assegurar as formas de expressão.

Bergomás (2014) constata que a acessibilidade da informação está tão disponível ao ser humano, que é possível encontrar inúmeras respostas para qualquer questionamento. Porém, é necessário avaliar estas informações, de modo que estas sejam validadas por meio da investigação e da reflexão, possibilitando, assim, a construção de conhecimento de forma

coletiva e colaborativa, atuando sobre o processo de aprendizagem de forma a criar, inovar e legitimar a informação recebida.

A criança, como ser humano em desenvolvimento, pode seguir muitos caminhos, ter acesso a muitas informações. Contudo, é importante que ela tenha alguém que lhe instigue a aprendizagem de forma reflexiva, que construa com ela o conhecimento, de forma que ela possa compreender o mundo que a cerca.

Na obra “Pedagogia da autonomia”, Paulo Freire afirma que “ensinar não é *transferir conhecimento*, mas criar as possibilidades para sua produção ou a sua construção” (2006, p. 22, grifo do autor). O escritor também faz referência semelhante na obra “Extensão ou Comunicação (1983)” ao ponderar que a educação deve ser problematizada, levando o educando a refletir sobre as relações do homem com o mundo ou com o próprio homem, conscientizando-se da realidade na qual está inserido, possibilitando atuar na sua transformação.

Sendo assim, pode-se considerar que para que um ambiente seja propício à construção de conhecimento é necessário que educandos tenham a liberdade de expressar-se e, em colaboração com colegas e professores, possam refletir sobre as questões abordadas, dialogando e reformulando os conhecimentos adquiridos.

Freire (1983) acrescenta que o conhecimento resulta das interações do homem e seu entorno e se aprimoram por meio da problematização. Segundo o autor, “Educar e educar-se, na prática da liberdade, não é estender algo desde a ‘sede do saber’ a ‘sede da ignorância’ para ‘salvar’, com este saber, os que habitam nesta” (Freire, 1983, p. 15).

Para Pereira (2017), a educomunicação baseia-se numa relação dialógica, que visa à reciprocidade e à construção coletiva de conhecimento em prol da ampliação do nível comunicativo no sistema educacional e social. Desta forma, é possível propiciar a mútua colaboração, fortalecendo vínculos, desenvolvendo maturidade, independência e criatividade, criando redes de cooperação e promovendo o sentido da reflexão e da ação. A partir do conceito da educomunicação, propõe-se que os planejamentos, as ações e as avaliações venham a fortalecer os ecossistemas comunicativos<sup>12</sup>, reconhecendo o outro como um sujeito comunicativo, portador de cultura. Assim, as tecnologias, no ecossistema educacional, diversificam a aprendizagem dos alunos numa trama de conhecimento que os leva a compreender a sociedade, modificando conceitos tradicionais a partir de novos ideais. Logo, a inter-relação comunicação/educação pode contribuir para a transformação social. Desta

---

<sup>12</sup> Ecossistema comunicativo é o ambiente comunicativo onde experiências culturais são trocadas por meio do diálogo (MARTIN-BARBERO, 2014).

maneira, processos culturais dialéticos e dialógicos, promovem a relação entre as linguagens, valorizando os sujeitos e seus contextos sociais, trabalhando em prol da valorização cultural.

Segundo Almeida (2016), educomunicação é tanto educação quanto comunicação, uma vez que ambas se correlacionam no desenvolvimento do conhecimento. A educomunicação aborda os recursos no processo educacional, por meio da comunicação, já que para educar é preciso se comunicar. Segundo esta autora, os objetivos para a mediação feita pelo educador devem ser evidentes, por meio de processos participativos dialógicos, onde mediador e aluno possam contribuir para o aprendizado de forma participativa. Desse modo, é necessário que o mediador tenha domínio do conteúdo, esteja em harmonia com os alunos, e seu discurso seja acessível à realidade dos discentes, que possibilite aprendizagens em locais variados, onde todos possam expor suas opiniões, refletindo e tirando suas próprias conclusões.

De acordo com Kaplún (1998), a ação do sujeito no processo educativo comunicativo, deve ser uma ação participativa, investigativa, em que problematizando seja possível encontrar respostas e alcançar conhecimentos. O objetivo é levar o aluno a pensar e, conseqüentemente, modificar a sua realidade. Assim, a aprendizagem acontece por meio de um processo de auto-gestão dos educandos, no qual só é possível aprender realmente o que se vive.

Apesar da educomunicação ser tema de inúmeras pesquisas voltadas para as tecnologias da comunicação e informação (TICs), é preciso desmitificar visões em relação às abordagens desse assunto, já que a concepção educacional não está ligada exclusivamente às tecnologias, mas sim, ao uso de inúmeros instrumentos que possibilitem o diálogo, a aprendizagem colaborativa e o protagonismo dos sujeitos. Almeida (2016) afirma que, nas perspectivas educacionais, a educação está comprometida com propósitos de emancipação, de valorização das relações interpessoais, resultantes de ambientes comunicativos e de uma pedagogia crítica.

Um dos propósitos da educação comunicativa é, conforme Kaplún (1998), a transformação de um sujeito acrítico para um sujeito crítico, de passivo a atuante sobre seu próprio destino, da valorização de princípios individualistas a concepções solidárias. Dessa forma, essa mudança não pode acontecer sob cenários de manipulações constantes. Mais que a recepção de conteúdos, o educando deve ser capaz de raciocinar, desenvolvendo sua própria capacidade de reflexão, comparação e síntese, apoiando-se em fundamentos libertadores que visam à autonomia.

Há uma imensa gama de dispositivos que podem ser utilizados no processo de aprendizagem. Contudo, não importa o instrumento que se utiliza, mas sim a mediação que se

faz em favor do diálogo e da educação. Qualquer meio em que a troca de conhecimento esteja pautada na comunicação e na reflexão, em que todos possam contribuir, expressando-se livremente, é uma ação da educomunicação.

#### 4.1 ASPECTOS EDUCATIVOS DA EDUCOMUNICAÇÃO

A educação é, na concepção de Freire (1983), a relação mediatizada entre sujeitos e conhecimento, no qual o conhecimento é reconstruído permanentemente por meio da problematização. Assim, cabe ao professor problematizar os conteúdos aos educandos, e não apenas repassá-los tal e qual os recebeu, como se fosse algo acabado. Ao problematizar as questões a serem compreendidas, os sujeitos abrem novas perspectivas de compreensão para si e para os demais, tornando o aprendizado um processo constante tanto para educadores quanto para educandos.

Considera-se interessante compartilhar com o leitor considerações da época do nascedouro da civilização ocidental. Assim, no que se refere à perspectiva socrática, Platão (2001) afirmava que a educação é a fonte de maior influência na formação do ser humano, a moral tem sua decorrência principalmente pela educação. Por intermédio dela, busca-se a ação do bem, a placidez e as virtudes. Quando bem alicerçada, a educação torna melhor os que a precederam, aprimora o caráter do educando, lhe impelindo o respeito às leis e ao próximo. Portanto, a escola está intrinsecamente ligada ao processo de formação da criança, na medida em que detém os meios, literários, de possibilitar a educação integral do sujeito.

Para Jaeger (1994), a Paidéia<sup>13</sup> possibilita um embasamento para o conhecimento e para a educação, já que a formação do homem grego e a sua sabedoria é o legado que influenciou os povos que o precederam. Somente o homem pode perpassar o seu conhecimento racional através do tempo. Desta forma, o homem sábio sente-se impelido a compartilhar seus conhecimentos. Uma educação conscientizadora pode transformar um homem em um cidadão melhor, à medida que ele vai internalizando o conhecimento e o desejo de melhorar a sua existência.

Werner Jaeger (1994), em seus estudos que possibilitaram a obra Paidéia, abordou aspectos da cultura grega, da mutualidade entre história e religião e sua relevância na concepção e espiritualidade do homem grego. Este filólogo alemão justifica seu estudo no espírito da

---

<sup>13</sup> Paideia é o ensinamento que objetivava a formação da alma do Grego, tanto do corpo quanto da mente, que na Grécia antiga abordava poesia, teologia, filosofia, gramática, retórica, matemática, música e astronomia (JAEGER, 1994),

criação educativa única dos gregos e sua influência nas sociedades dos séculos seguintes. Os filósofos gregos não se consideravam profetas, apenas mestres divulgadores dos seus ideais. Os intelectuais que melhor representavam a Paidéia grega eram os poetas, os músicos, os filósofos, os retóricos, os sábios que utilizavam-se de contos para realizarem seus ensinamentos.

Nesse sentido, as fábulas de Esopo são bons exemplos de como os contos são representantes dos ideais gregos de aperfeiçoamento moral e intelectual e de que a literatura pode contribuir para a educação das pessoas, e, no caso desta pesquisa, para a formação das crianças. Embasando essa afirmação, podemos notar que, em seus estudos Jaeger (1994), destacou a importância da cultura grega, ao afirmar que a Grécia representa a origem da vida social de princípios e cultura, uma vez que, poesia, oratória, filosofia, arte e espiritualidade, faziam parte da formação do homem grego como um todo e sua contribuição para a evolução cultural da humanidade não tem precedentes. Desta forma, a Paidéia tinha um significado extremamente amplo e integral para o povo grego, o qual compreendia o ensinamento do corpo, que visava o disciplinamento físico, e a instrução da mente, que objetivava os conhecimentos intelectuais.

Analisando o fato de que a cultura ocidental tem origem na cultura grega clássica, observa-se que, nossos ideais educacionais têm muito dos ideais gregos de formação humana, assim como, as perspectivas educacionais, que estão pautadas na educação filosófica, no diálogo, na criticidade, na autonomia e em ideais de igualdade.

Um dos precursores da educomunicação no Brasil, o professor doutor Ismar Soares (2011), afirma que a educomunicação se constitui na possibilidade de que todos possam construir o seu conhecimento de forma comunicativa, autônoma e solidária, com a mediação do professor e o apoio de todo o sistema educacional, de maneira que as redes de informações possam ser utilizadas de forma crítica e criativa, como um meio e não um fim ao conhecimento, cooperando na formação da personalidade do sujeito.

Dentre muitos conceitos de educomunicação abordados nesse estudo, Souza (2016), com propriedade, define que:

O conceito de educomunicação designa um campo de saber emergente na interface entre os tradicionais campos da educação e da comunicação. Configura-se, hoje, como um caminho de renovação das práticas sociais que objetivam ampliar a possibilidade de expressão de todos os segmentos humanos, especialmente infância e juventude (SOUZA, 2016, p. 2).

A prática educativa, na perspectiva educacional, amplia suas metodologias dialógicas, abrindo espaço para a participação ativa e consciente do aluno, de forma que

remanesça nenhum traço da pedagogia tradicional, do monólogo, em que o objetivo é que o aluno ouça e internalize a informação que o professor lhe transmite. Desse modo, Souza (2016, p.4) ratifica que “Somos sujeitos sociais, ensinamos e aprendemos em grupo, compartilhando saberes historicamente constituídos, negociando significados, em uma ação necessária, natural e inevitável”.

Abordando a amplitude do ambiente educativo, Pereira observa que:

[...] essa ação educomunicativa se dá integrada a todos os âmbitos no ambiente escolar – administrativo, disciplinar e transdisciplinar –, desde a gestão aos processos de convivência, passando pelos conteúdos curriculares. Para que isso ocorra é necessário *estabelecer metas programáticas* pensadas em cada âmbito a fim de priorizar a *formação do educador-educomunicador* para que saiba atuar de maneira educomunicativa, sendo que uma das possibilidades de ampliação dos *ecossistemas comunicativos* é o trabalho com a pedagogia de projetos que promove o diálogo horizontal entre educadores, disciplinas e alunos (PEREIRA, 2017, p. 60, grifo da autora).

No processo de aprendizagem pautado na educomunicação, o professor atua dialogicamente entre o educando e a informação, de forma a instigá-lo à criticidade e à construção de seu próprio conhecimento. Freire (1983) afirma que o processo de aprendizagem não é transferência de conhecimento, ele é a construção que acontece em parceria entre educando e educador, por meio da reflexão e do diálogo. O mesmo autor pontua que “Ensinar não é transferir conteúdo a ninguém, assim como aprender não é memorizar o perfil do conteúdo transferido no discurso vertical do professor” (FREIRE, 2006, 134). De acordo com Soares (2011), o educador é o mediador entre o conhecimento e o educando, ele não é o centro do processo.

A escola que se almeja para o processo eficaz de ensino-aprendizagem, segundo Souza (2016), deve possibilitar a integração dos educandos de forma cooperativa, ser acolhedora, disponibilizar o acesso aos conhecimentos culturais, sociais e intelectuais, onde seja possível conciliar conflitos, respeitar as diferenças, formulando construções pessoais cada vez mais complexas e holísticas, por meio de práticas educomunicativas, contemplando toda a diversidade e singularidade humana. Tal posicionamento nos direciona a concepção de Souza (2016) que afirma que:

Desenvolver essas competências exige mais do que formação acadêmica, pois implica cultivo de valores e princípios éticos, a fim de favorecer o desenvolvimento da dimensão humana em todos os sujeitos do processo. Para tanto, precisamos estar abertos às situações emergentes em sala de aula e no cotidiano escolar, possibilitando estabelecer novas práticas e desenvolver esquemas mentais que articulem

conhecimentos adquiridos e demonstrem mudanças de atitudes (SOUZA, 2016, p. 11).

Em relação à prática e à teoria, Freire (1983), pondera que o homem, como sujeito de pensamento, linguagem e interação com o mundo, por meio das reflexões sobre suas atividades, tornou-se um ser de práxis, pela qual a interação constante entre ação e reflexão em prol da busca do saber aprimora a teoria. O autor considera, também, que a “Assistência técnica, na qual se pratica a capacitação, para ser verdadeira, só pode realizar-se na práxis. Na ação e na reflexão. Na compreensão crítica das implicações da própria técnica” (FREIRE, 1983, p. 62).

Ponderando a respeito dos ambientes educativos, Pereira (2017) considera que esse deve ser um ambiente democrático, criativo e solidário, onde são proporcionadas experiências educacionais, que desenvolvem o protagonismo juvenil, além de habilidades e competências comunicativas, por intermédio da ação conjunta da comunidade educativa e de metodologias participativas.

Corroborando com as perspectivas educacionais anteriores, Pereira (2017) pontua que:

Sua efetivação se dá por meio de uma metodologia que facilita o trânsito de conhecimento que vai ocorrendo entre professor/aluno, demonstrando que os elementos essenciais nesse processo são o professor, o aluno e o conhecimento. Esse processo comunicativo é capaz de encaminhar novas práticas docentes direcionadas para a superação dos problemas inerentes ao modelo pedagógico tradicional. Nesse sentido, o saber escolar, que se constitui na vivência da relação sociopedagógica entre professores e alunos, é aprimorado pelos diferentes tipos de conhecimento, bem como pelo avanço das tecnologias de comunicação (PEREIRA, 2017, p. 81).

No que se refere à descentralidade do ensino, Canani (2018), afirma que este não deve ser unilateral, mas sim, processos colaborativos e de construção coletiva, em que mediados pelo desenvolvimento tecnológico, favorecem a comunicação escola-aluno-mundo. Nesse sentido, diante das novas formas de viver, sentir e pensar, demanda-se novas formas de aprender e de ensinar. Freire (1983) considera que a busca do conhecimento requer curiosidade, invenção e reinvenção, o que implica, portanto, na ação transformadora sobre o mundo.

Em relação às áreas de intervenção da educação, Pereira (2017), constata que os objetivos propostos são as metas de todos para a promoção de atividades nas áreas de ensino e aprendizagem, em que todas as esferas de conhecimentos são importantes e devem se integrar. Eles acontecem por intermédio de planejamentos democráticos, desenvolvendo o senso crítico de forma dialógica, possibilitando o discernimento na leitura das mídias e a ação em benefício de uma transformação coletiva.

Em suma, esse educador pode transitar da educação formal à não formal, ultrapassar as fronteiras entre escola e mídia, reconhecendo na área de *produção midiática* a possibilidade de um diálogo intencional com os meios de comunicação que apresentarem propostas educacionais. Enfim, todas as áreas têm a mesma intencionalidade: levar ao exercício da cidadania (PEREIRA, 2017, p. 86, grifo da autora).

Pensando sobre essa questão, é possível afirmar que o conhecimento é o resultado advindo de ambientes onde o conhecimento está pautado pelo diálogo e pela inter-relação entre os sujeitos e as informações, propiciando a mediação entre a manifestação da diversidade e a compreensão do novo.

No tocante às observações de profissionais sobre o avanço nas atribuições do sistema de ensino, Matilla (2016), reconhece que, para o seu avanço, é necessário substituir uma cultura educativa enraizada na transmissão de informação por uma que tenha capacidade de transformar e impulsionar este sistema estático diante das mudanças que ocorrem na sociedade.

Ese modelo educativo basado en una recepción pasiva debería ser progresivamente transformado por modelos procesuales que sirvieran para romper con los estrechos límites que fija un modelo de enseñanza caracterizado por la parcelación en asignaturas y por la separación entre el mundo de las denominadas ciencias puras y el mundo de las humanidades y de las ciencias sociales<sup>14</sup> (MATILLA, 2016, p. 71).

Segundo o autor, vivemos um mundo de mudanças, onde se observa a necessidade de uma re-alfabetização de todos, em uma sociedade em permanente mutação. A educação é o caminho para a transformação do modelo educativo centrado na aquisição de competências, no qual a promoção de novos modelos educativos trabalha o conteúdo conceitual para as ações criativas que envolvam os jovens emocionalmente, mobilizando-os na construção de uma sociedade mais culta, sensível, educada e solidária.

Ao abordar o ensino tradicional, no qual o professor é autoridade e único detentor do conhecimento, bem como a informação é repassada de cima para baixo, Kaplún (1998) a define como educação vertical e a considera como uma educação autoritária, informativa, individualista, que valoriza a internalização passiva de conteúdos, não proporcionando meios para pensar, que dita ideias e não a sua troca. Não é uma educação comunicativa, pelo contrário, uma educação que estimule a consciência crítica do aluno, a sua capacidade de raciocinar,

---

<sup>14</sup> “Este modelo educacional baseado em uma recepção passiva deve ser progressivamente transformado por modelos processuais que servem para romper com os estreitos limites estabelecidos por um modelo de ensino caracterizado pela divisão em assuntos e a separação entre o mundo das chamadas ciências puras e do mundo das ciências humanas e sociais”. (Tradução livre nossa)

recriar, inventar, e a sua competência, a solidariedade e valores sociais, sim é uma educação comunicativa. “Para que haya un proceso transformador real, es necesario que los estereótipos y los hábitos del hombre dominado afloren a su conciencia y él vaya poco a poco revisándolos críticamente”<sup>15</sup> (KAPLÚN, 1998, p. 52).

Há anos, novas práticas educativas vêm sendo elaboradas, novas metodologias e ideologias vêm sendo aplicadas no sistema educacional, muitas vezes com a inserção das mídias e das inovações digitais. Souza (2016) define que o objetivo principal da educomunicação é a promoção do diálogo, a interação de conhecimentos, a participação igualitária e a autonomia. As tecnologias são ferramentas que possibilitam a construção de conhecimento.

Para Soares (2011), não importa o instrumento que se utiliza, mas sim a mediação que se faz em favor do diálogo e da educação. Kaplún (1998) afirma, ainda, que não basta tentar modernizar o ensino com aparatos audiovisuais se, em sua estrutura, a educação continua rígida e autoritária e as mídias são utilizadas com o objetivo de reforçar a recepção dos conteúdos. O autor considera positiva a utilização de recursos que favoreçam a aprendizagem do aluno, desde que, trabalhado de forma reflexiva, dialógica, compartilhando e reelaborando ideias. Dessa forma, quando vivenciada, a verdadeira aprendizagem jamais será esquecida.

A educação dialógica se faz problematizando as questões a serem compreendidas, indica Freire (1983), de modo que instigue no sujeito a reflexão e o pensamento crítico. Trata-se de uma pedagogia libertadora, na qual se busca a conscientização do homem em suas ações.

Sob o mesmo ponto de vista, Soares (2011) acrescenta ainda que:

[...] a educomunicação não diz respeito imediata ou especificamente à educação formal, nem é sinônimo de Tecnologias da Educação (TE), ou mesmo Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs). No entanto, a escola se apresenta como um espaço privilegiado de aprendizagem a respeito dos benefícios da adoção desse conceito (SOARES, 2011, p. 18).

As metodologias de ensino que normalmente norteia os sistemas educacionais são os modelos tradicionais que, na visão de Kaplún (1998), são manipuladores e persuasivos, referenciais totalmente ultrapassados e devem ser sobrepostos pelo que ele denomina de pedagogia comunicativa, uma metodologia educacional motivadora, ampla, ativa e reflexiva, que tenciona a transformação e o crescimento pessoal. Para o autor, a educação comunicativa é um processo permanente de descobertas, reelaborações, produções e construções dos próprios

---

<sup>15</sup> “Para que ocorra um processo transformador real, é necessário que os estereótipos e os hábitos do homem dominado emergam na sua consciência e ele vá pouco a pouco revisando-os criticamente” (Tradução livre nossa).

conhecimentos. É um processo de refletir sobre as próprias ações e reformulá-las a partir de experiências e de práticas coletivas. Nessa perspectiva, o professor tanto ensina como aprende, incitando a análise e reflexão do educando, onde todos aprendem e ensinam juntos. “El modelo se basa en la participación del sujeto en el proceso educativo, y forma para la participación em la sociedade”<sup>16</sup> (KAPLÚN, 1998, p. 51).

De acordo com Kaplún (1998), essa abordagem educativa refere-se a uma educação em grupo, através do compartilhamento de experiências, e a inter-relação com o coletivo, enaltecendo a solidariedade e a cooperação, aprimorando a criatividade e valorizando a capacidade do sujeito em todo o seu potencial. Destarte, o professor tem a função de encorajar, auxiliar no processo de busca, para problematizar, perguntar, ouvir e auxiliar os educandos no aprimoramento de sua expressão. Assim, a informação acessada pelo aluno deve ser problematizada, provocar inquietações, até que, a partir de diálogos, ele se aproprie do conhecimento construído coletivamente.

A educação deve agir de forma reflexiva e libertadora. Werner (1999) ressalta que escolas que priorizam a reprodução e a memorização buscando um aluno passivo e subserviente, escravizam. Freire (1983, p. 35) também pondera que “O papel do educador não é o de ‘encher’ o educando de ‘conhecimento’, de ordem técnica ou não, mas sim o de proporcionar, através da relação dialógica educador-educando, educando-educador, a organização de um pensamento correto em ambos.” Em vista disso, a educação deve ser articulada e ativa, de modo que o próprio indivíduo possa buscar seu conhecimento. Deve ser, ainda, uma educação abrangente e libertadora, que torna a sociedade mais justa, com visão coletiva, levando o indivíduo para além de seus próprios ideais.

O que se ensina afeta toda a comunidade e também é tocado por ela. O conhecimento transforma o indivíduo pela sua inter-relação com o outro, tanto no seu exterior como na sua espiritualidade. Desta maneira, a educação sólida imprime valores em uma sociedade, ou até mesmo de maneira global, influenciando no desenvolvimento do planeta.

#### 4.2 ASPECTOS COMUNICATIVOS DA EDUCOMUNICAÇÃO

A comunicação é o meio e a habilidade imprescindível à prática pedagógica, sem ela o processo educacional não ocorre. O professor é o mediador entre conhecimento e aluno e essa intervenção só é possível por meio da comunicação. Assim, incentivar as habilidades

---

<sup>16</sup> O modelo se embasa na participação do sujeito no processo educativo, e o forma para a participação em sociedade. (Tradução livre nossa)

comunicativas, e o desenvolvimento das linguagens em seus alunos, é uma ação educativa. Para isso é crucial que o docente estimule tais habilidades em seus estudantes, por meio de narrativas de histórias, dramatizações, interpretações, músicas, poesias e diálogo em rodas de conversas.

Na perspectiva educomunicativa, o professor é o mediador que possibilita ao educando acessar a informação, utilizando de técnicas e disponibilizando instrumentos para que os alunos consigam, por meio do diálogo e da reflexão, formular suas próprias considerações. Para Freire (2006), o bom professor é aquele que consegue conduzir o aluno a acompanhar o seu raciocínio, clareando suas dúvidas, lhe instigando à curiosidade, desenvolvendo a capacidade de formular hipóteses, comparando e criando possibilidades.

Gianotto (2011) é outra autora que destaca as habilidades de um bom professor, ao pontuar que:

Neste sentido, são posturas necessárias ao professor: assumir o ensino como mediação, conhecer estratégias de ensinar a pensar e ensinar a aprender a aprender, auxiliar os alunos a pensar os conteúdos a partir da perspectiva crítica, assumir o trabalho em sala de aula como um processo comunicacional e desenvolver capacidades comunicativas [...] (GIANOTTO, 2011, p. 04).

Segundo Almeida (2016), os processos comunicativos sociais foram evoluindo à medida que tecnologias de informação e comunicação (TICs), foram surgindo na vida dos sujeitos. Inicialmente foram rádios, jornais, cinemas e TVs; posteriormente surgiram computadores e demais mídias digitais. Os primeiros, com seus programas educativos, enfatizaram a relação indissociável entre educação e comunicação, e os meios mais modernos confirmaram essa relação e a necessidade de estudos aprofundados sobre o termo educomunicação e sua abrangência.

Baldissera (2009) afirma que a comunicação pode influenciar a cultura de forma a manter-se ou transformar-se, dependendo da sua necessidade. Deste modo, a mudança cultural acontece por meio da comunicação, assim como as formas de comunicar-se são modificadas em ajustes com a cultura. A cultura está constantemente em mudanças, subordinada à influência da comunicação. Portanto, a linguagem influencia a cultura assim como esta é influenciada pela linguagem. “Assim como a cultura depende da comunicação, também a comunicação depende da cultura para se materializar em um grupo sócio cultural assumindo forma e sentidos específicos” (BALDISSERA, 2009, p. 54).

Estas transformações que ocorreram no decorrer do desenvolvimento humano, no qual, a cada período de evolução principia-se uma habilidade que anteriormente não era conhecida, também são observadas por Santaella (2013). Para cada período de transformação a

autora denomina “era”, e divide a evolução humana em seis eras culturais: a cultura oral, que se refere ao desenvolvimento da linguagem verbal humana, mais adiante o surgimento da cultura escrita, posteriormente da cultura impressa, com a invenção da imprensa, em seguida a cultura de massa, com o surgimento do rádio e da televisão, logo após a cultura das mídias, com vídeos, *video games* e finalmente a cultura digital, com todas as tecnologias digitais que temos à nossa disposição.

Nesse sentido, Santaella (2013) afirma que:

Antes de tudo, deve ser declarado que essas divisões estão pautadas na convicção de que os meios de comunicação, desde o aparelho fonador até as redes digitais atuais, embora efetivamente, não passem de meros canais para a transmissão de informações, os tipos de signos que por eles circulam, os tipos de mensagens que engendram e os tipos de comunicação que possibilitam, são capazes não só de moldar o pensamento e a sensibilidade dos seres humanos, mas também de propiciar o surgimento de novos ambientes socioculturais (SANTAELLA, 2013, p. 13).

Santaella (2013) pontua que cada uma das culturas, a seu tempo, adquiriu seu próprio espaço, não de forma linear, mas numa relação de entrelaçamento e/ou sobreposição, criando relações cada vez mais complexas, sem que, apesar dos temores, a anterior fosse dissipada. Assim, cada cultura é interativa com a cultura anterior, persistindo, se transformando, ou até mesmo formando alianças.

Para Baldissera (2009), a cultura é influenciada pelos sujeitos e esses são influenciados pela cultura. A cultura pode ser comparada a uma teia onde as relações se entrelaçam e dessas relações surgem organizações entre os indivíduos. A cultura é constituída pelas relações de comunicação, onde uns têm mais influência do que outros. Cada cultura tem em sua linguagem, símbolos, significados específicos, que na relação de organização entre várias culturas, pode sofrer divergências, tensões e podem modificar-se por meio de negociação, permutas, contendas, influências da cultura mais sólida sobre a mais fraca, levando os sujeitos à reconstrução de sua própria cultura. Assim, a cultura é reestruturada pela ação da comunicação.

Pode-se observar que a cultura é exteriorizada por meio da interlocução, e a comunicação é a base da metodologia de aprendizagem nos ambientes educacionais. Porém, para um processo educacional educacional, é primordial que o professor se reconheça como não sendo o único detentor da linguagem verbal, pois é fundamental que todos sejam respeitados na sua cultura e forma de se comunicar e que tenham a oportunidade e o desejo de se expressar e contribuir de forma receptiva e interativa na construção de conhecimento.

De acordo com Freire (2006), é de suma importância saber ouvir, uma vez que, escutando o outro abertamente aprende-se a falar, possibilitando a transformação do seu

discurso e o aprimoramento da sua prática. Para Soares (2011), as relações comunicacionais são o ambiente da educomunicação, baseando-se no direito de todos à expressão, no qual, propõe-se, com o suporte das mídias, ampliar o potencial comunicativo na educação, melhorando a qualidade dessas relações, intensificando sua interação. Assim a linguagem é a principal ferramenta na mediação do conhecimento.

Não é possível educação sem a ação comunicativa, afirma Soares (2011), ele ressalta também que a comunicação está presente em todos os aspectos da formação do homem, seja ela no sistema de “educação bancária”<sup>17</sup>, no qual o educador transmite a mensagem e o aluno apenas a recebe, ou na educação dialógica, em que a construção de conhecimento acontece de forma comunicativa e solidária, através do compartilhamento de experiências. Entretanto, de acordo com Freire (2011) na educação bancária não há diálogo, tampouco reflexão crítica, elementos fundamentais nas práticas educacionais. O autor acrescenta que “A palavra viva é diálogo existencial. Expressa e colabora o mundo em comunicação e colaboração. O diálogo autêntico – reconhecimento do outro reconhecimento de si, no outro – é decisão e compromisso de colaborar na construção do mundo comum” (FREIRE, 2011, p. 28).

A educação e a comunicação se entrelaçam frequentemente e, devido à ligação existente entre elas, ambas educam e comunicam. “A educomunicação se volta para o planejamento de uma ação de pessoas, dentro de um ecossistema, garantindo que os sujeitos sociais envolvidos tenham a possibilidade de expressar-se de igual maneira” (SOARES, 2012 [sp]).

Para Martín-Barbero, (2014), é possível denominar de ecossistema comunicativo, o entorno comunicativo onde experiências culturais podem ocorrer, como o caso das mídias tecnológicas nas escolas. Nesses ecossistemas, ao mesmo tempo em que se trabalha com as informações, pode-se recriar, fortalecendo a sensibilidade e as emoções nos educandos. A partir disso, pode-se dizer que ecossistema comunicativo é o ambiente onde acontecem as relações comunicativas em prol da troca de experiências e da construção coletiva de conhecimento.

Assim, é nesse ambiente comunicativo que o processo de aprendizagem acontece, por meio da participação de todos, e cada um é colaborador nessa ação. Nessa perspectiva, Souza (2016) define que:

Possibilitar aprendizagem colaborativa é promover o Protagonismo Juvenil. São atitudes que podem ampliar olhares e visões de mundo, transformar e emprestar significados aos saberes, nos diferentes momentos históricos, sociais e culturais. Em

---

<sup>17</sup> A educação como um ato de depositar, em que os educandos são os depositários, e o educador o depositante. (FREIRE, 2011, p. 80)

uma perspectiva que se abre, sucessivamente, para muitas outras (SOUZA, 2016, p. 14).

Almeida (2016) considera que a ação pedagógica comunicativa consiste em promover a construção de conhecimento por meio do diálogo e da inter-relação entre as pessoas, utilizando metodologias que impulsionem a interação no sistema educacional, incentivando a participação de todos. É também comunicar-se bem, usando recursos que facilitem a compreensão dos assuntos em pauta. Assumir a pedagogia da comunicação é ser verdadeiro, evitando proferir uma ideia e não colocá-la em prática. “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 1983, p. 46).

A mediação comunicativa entre professor e aluno, em que sejam possibilitadas atuações ativas em sociedade, é um dos propósitos da educomunicação. Desta forma, a dialogicidade nos ambientes de ensino e aprendizagem viabilizam a formação integral do sujeito. De acordo com Freire (1983):

Ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não sloganizar. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade. Esta é a razão pela qual, sendo o diálogo o conteúdo da forma de ser própria à existência humana, está excluído de toda relação na qual alguns homens sejam transformados em “seres para outro” por homens que são falsos “seres para si”. É que o diálogo não pode travar-se numa relação antagônica. O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o “pronunciam”, isto é, o transformam, e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos (FREIRE, 1983, p. 28).

Segundo Pereira (2017), o educador, na perspectiva educomunicativa, tem por objetivo a formação do aluno para tornar-se um promotor de comunicação e produtor de cultura. Isto pode se concretizar por meio da troca de ideias e sentimentos, garantindo a equidade de condições e oportunidades de participação, agindo de forma a organizar os ambientes, gerindo a disponibilidade dos recursos e intermediando o processo educomunicativo.

Mediante o exposto, pode-se afirmar que o papel do professor nesse processo educomunicativo, é criar possibilidades para que o aluno se desenvolva integralmente, ampliando sua visão de mundo, aprimorando sua expressão comunicacional, sua compreensão e criticidade em relação às ciências, desenvolvendo sua personalidade e sua sensibilidade.

Ao abordar a importância do diálogo para o processo educativo, Freire (1983, p. 33) ressalta que “Não há que se considerar perdido o tempo do diálogo que, problematizando, crítica e criticando, insere o homem em sua realidade como verdadeiro sujeito da transformação”.

As educadoras entrevistadas compreendem a importância do desenvolvimento das linguagens e da comunicação e relatam de que forma desenvolvem isso em suas práticas: A P1 aponta que é: *“Através de atividades criativas, dinâmicas, eu tento trazer alguma coisa da realidade deles, fazendo com que eles participem de todas as atividades propostas”*. A entrevistada P2 relata:

*Bom, eu procuro sempre... auxiliar eles, na... na... tanto na hora da atividade, na hora da conversa, muitos ainda são... alguns tem vergonha, são um pouco tímidos, mas ah... a gente procura de alguma maneira que consiga cativar eles, para eles se comunicar, conversar, transpassar aquilo que eles querem pra gente.*

Já a P3 pontua que é: *“Através de histórias estimulando diálogo entre... a conversação, seria essas formas. Diariamente cantigas de roda eu canto em toda... quando eu vou para o refeitório eu canto, a música está presente, então seria um dos estímulos. Assim como a P4 que afirma que é: “Através de histórias, músicas infantis, atividades relacionadas, atividades pedagógicas relacionadas com a história trabalhada, brincadeiras entre outros, parlendas, contos também, músicas infantis também [...]”*. A comunicação é tema fundamental para todas as entrevistadas, sendo que o desenvolvimento dessa habilidade é trabalhada de inúmeras formas para que a criança se sinta segura em se expressar.

Pode-se considerar que as habilidades de linguagem são necessárias para o processo de ensino e aprendizagem, já que concernem às capacidades comunicativas e a linguagem é a manifestação das experiências humanas e reflexo da época em que foram vivenciadas. Freire (2006, p. 113) pondera que: *“[...] não é falando aos outros, de cima para baixo, sobre tudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles.”* Assim toda expressão deve ser ouvida e respeitada em seu conhecimento, de forma a promover novas ideias e diferentes perspectivas do mundo.

## 5 A LITERATURA INFANTIL NO CONTEXTO EDUCOMUNICATIVO E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO DO SUJEITO

No primeiro capítulo pode-se observar como a valorização da literatura infantil, como elemento eficiente na formação integral da criança e na vida cultural das sociedades, esboça um dos aspectos que a liga à educomunicação, bem como o desenvolvimento da criatividade, a representatividade do homem e da vida em sociedade. As possibilidades no uso da literatura para formação do sujeito, para a construção de conhecimento, para o desenvolvimento da autonomia e da consciência social e, posteriormente, para a criticidade, demonstram o quanto essa ampla mídia, que é o livro, apoiado em práticas educucomunicativas, pode auxiliar o professor na mediação do aluno com o conhecimento. Assim, nesse capítulo, será feito um paralelo entre literatura infantil e metodologias de ensino educucomunicativas, analisando de que forma a literatura infantil no contexto da educomunicação, pode estar influenciando na aprendizagem das crianças na educação infantil e na sua formação.

Abordando essa possível relação, Sartori e Kornatzki (2011), afirmam que a literatura infantil, aliada a práticas pedagógicas educucomunicativas, pode ser considerada como eficiente dispositivo à construção de conhecimento, à medida que se possibilite ações reflexivas e o desenvolvimento da consciência crítica. No entanto, Werner (1999) enfatiza que olhar reflexivamente sobre a leitura requer diálogo e interação. Construir coletivamente o conhecimento desenvolve um leitor competente, que aprende a partir do que lê, interagindo com a ideia do autor refletindo sobre os próprios pensamentos e aprimorando-os, desenvolve no leitor a criticidade.

Ao estar rodeada por livros, lhe propiciando diversas possibilidades de escolha, a criança é estimulada ao desenvolvimento da sua autonomia. Assim, ao escolher suas histórias, ela pode elaborar as próprias narrativas, como relatado aqui pelas educadoras entrevistadas, a P1 afirma: [...] *“eles adoram, brincam e ajudam, contam, reconto e querem participar, geralmente pegam os livros e contam pros colegas, eles participam bastante e gostam bastante”*. A P3 também pontua:

*[...] “já tem um cantinho lá dos livrinhos, da leitura, eles mesmos vão lá e já pegam o livrinho e sentam pra contar, e assim o que eu observei, a gente observando eles contando para eles mesmos até a maneira que a gente fala eles contam uns para os outros, até na hora que a gente... ali da musiquinha da história tudo [...]”*. P4 *“Eles adoram eles gostam muito, se identificam, querem saber, perguntam, querem contar depois, eles são bem participativos.*

Respeitar a autonomia do aluno é ético, afirma Paulo Freire (2006). O aluno que tem a liberdade de ser curioso e inquieto aprende a ser autônomo, a dialogar, a respeitar as diferenças. E, quem desrespeita a curiosidade, a linguagem do aluno, ironizando-o ou humilhando, transgride os princípios éticos. A interação constante com as diferenças permite ver com nitidez, ouvir com respeito, e ter consciência de não ser portador da verdade.

Muitas das obras de literatura infantil contidas nas escolas apresentam conteúdos utilitários e pedagógicos, o que já demonstra a preocupação de vários autores em produzir conteúdos literários educativos, com abordagens mais sociais e ambientais. Outros, porém demonstram apenas a intenção de divertir, recrear e entreter. De qualquer forma, é possível afirmar que, a literatura transmite conhecimento, seja de forma descontraída, sem que se perceba que está aprendendo, ou de forma mais direcionada.

No que diz respeito às contribuições da literatura infantil para a formação da criança, as entrevistadas ponderam três pontos de vista distintos. A P1 aborda a saúde afetiva da criança ao afirmar que:

*[...] a literatura vem influenciar a criança, através da literatura a gente pode mudar o pensamento, uma criança que vem de um lar com... com violência [...] a gente consegue mudar essa visão da criança, colocar um pouquinho de esperança, de imaginação na mente dela e eu acho que a sala de aula é um momento que ela pode distrair, mudar o pensamento, e é aqui que a gente pode plantar a sementinha do amor para crescer um adulto mais consciente, mais honesto e eu acredito que a gente pode na educação infantil plantar essa sementinha pra que lá no futuro quando eles estiverem no ensino fundamental nas séries iniciais eles retornem a este momento de afetividade de carinho e a literatura traz muito isso... a socialização que a literatura traz o carinho, o amor, o respeito através das histórias é uma sementinha também que a gente planta e que depois a gente vai colher eu tenho certeza que depois a gente colhe isso depois.*

Na perspectiva da professora 1, a criança pode utilizar-se da literatura para vislumbrar uma realidade diferente da sua, conhecendo novas possibilidades sociais e afetivas. A P2 refere-se aos valores sociais e pondera que:

*É como também falei, muitas histórias elas têm, no final dela e mesmo no decorrer da história, a gente percebe que ela tem uma certa...[...] um objetivo pra...pra passar, [Fundo moral?] ...é um fundo moral, isso mesmo, e ele... então a criança assim, acho que ah... aprende muito e o valor também, os valores, muitas histórias vêm cheia de valores de... que são importantes para a formação deles, então isso acho que contribui muito também.*

A professora 2 menciona sobre a importância da literatura infantil contribuir na construção de valores necessários à formação da criança. Já a P4 aborda que a literatura contribui no desenvolvimento de expressão e socialização e diz:

*[...] tira a timidez primeiro, ajuda na socialização, porque ele já está falando ali na frente dos colegas, então, a partir do momento que ele está falando ali, ele já está quebrando o medo de estar ali, tem muitas crianças que não vão de forma alguma, já tem outras que, de livre espontânea vontade, contam histórias, vão lá na frente, entendeu, então é um tipo de quebrar a timidez, de socializar, de se expressar melhor.*

A professora 4 salienta que a literatura possibilita o desenvolvimento da expressividade da criança, desinibindo, aprimorando a socialização.

No que se refere às contribuições da literatura na formação da criança, diversos aspectos são relatados pelas entrevistadas, confirmando o pensamento dos autores estudados nesse trabalho. Portanto, observando todos os pontos abordados, é possível perceber a existência de exercícios de expressão e de colaboração nas práticas realizadas pelas professoras, destacando-se as atividades de literatura infantil e narrativas trabalhadas de forma comunicativa, criativa e em que as crianças se expressam e constroem juntas o seu conhecimento.

## 5.1 A CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO POR MEIO DA LITERATURA INFANTIL E DE PRÁTICAS EDUCOMUNICATIVAS

Como abordamos anteriormente, todo o conhecimento da criança adquirido ou influenciado pela literatura infantil provavelmente permeará por toda sua vida. Tal afirmação se dá no sentido de que a construção de conhecimento vai se formando e se fortalecendo com o passar do tempo, adentrando a vida adulta do indivíduo.

Diante da subjetividade humana, Bettelheim (1980), pontua que o significado que cada um dá para o que lê ou ouve é pessoal, assim como a reação que se evoca após a leitura de cada história. Quando o significado muda, muda também a preferência e a criança passa a se interessar por outro conto. Ao abordar a relação da criança com suas emoções e a contribuição da literatura nesse processo, Ramos considera:

*[...] em relação a conteúdos narrativos, ainda podemos verificar, neste rol de livros infantis, o foco no jogo e nos sentimentos a transmitir à criança. A criança necessita não só de aprender, como necessita de se divertir e de interiorizar determinados sentimentos que representam uma mais-valia na sua vida futura. A amizade e a liberdade são considerados, por todos os escritores, os sentimentos mais importantes a transmitir aos mais pequenos (RAMOS, 2010, p. 11).*

A história da literatura infantil é riquíssima em obras e em ensinamentos, sendo possível observar todos os sentimentos relatados anteriormente, tanto nos antigos clássicos

gregos, quanto nos clássicos da literatura infantil europeia, bem como nos contos mundiais ou em obras nacionais.

As fábulas de Esopo são exemplos dessa intenção educativa próprias de alguns contos literários como em “A lebre e a tartaruga”, que ensina a respeito da arrogância e da humildade, ou em “A Galinha dos ovos de ouro” que orienta sobre as consequências da ganância e da impaciência.

Os clássicos da literatura europeia, em relação às versões originais<sup>18</sup>, geralmente apresentavam versões diferentes das conhecidas hoje pelo público infantil, e foram adaptadas de forma que as narrativas estivessem condizentes para o contexto a que se destinasse. Também são exemplos de conhecimento advindo da literatura infantil: “João e Maria”, dos escritores alemães irmãos Grimm, onde a irmã se submete às ordens da bruxa pelo bem de seu irmão; pode se observar também, a generosidade, a gentileza, a arrogância em “A bela e a Fera”, conto escrito originalmente pela francesa Gabrielle-Suzanne Barbot; a humildade e a gratidão, a inveja, em “A branca de Neve e os Sete Anões”<sup>19</sup>, obra reescrita pelos irmãos Grimm; ou como em “A roupa nova do Imperador” do escritor Dinamarquês, Hans Christian Andersen, em que o excesso de vaidade pode tornar-se um embaraço.

Igualmente, pode-se perceber ensinamentos em clássicos dos mais diversos países, como em “O magico de Oz”, escrito pelo americano Lyman Frank Baum em que a menina Dorothy, no decorrer do seu caminho, vai encontrando personagens que, mesmo com suas limitações e diferenças, são convidados a acompanhá-la em sua viagem em busca da superação de suas dificuldades; ou como em “Mogli, o menino lobo”, escrito pelo britânico/indiano Joseph Rudyard Kipling, em que o personagem se sente extremamente triste por ter que deixar seus amigos, mas aproveita ao máximo os momentos em que passam juntos; ou como no conto chinês “O cego e o Sol” do escritor Su Tungp’o, que fala sobre as diversas perspectivas que as pessoas podem ter sobre a realidade; ou ainda, como na lenda africana “Ananse”, de autor desconhecido, que aborda a importância que o povo africano dá para os contos e narrativas.

Da mesma forma, os clássicos brasileiros, nas obras “Reinações de Narizinho”, de Monteiro Lobato, que conta as aventuras de Emília, Pedrinho e Lúcia (Narizinho) no sítio da vovó Benta, no qual são abordados temas como a amizade e a solidariedade; ou como em “A

---

<sup>18</sup> Sinopse das versões originais no endereço: <http://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-112347/?page=10>

<sup>19</sup> Na versão original dessa história, a Rainha manda matar Branca de Neve, come os órgãos que foram trazidos. O príncipe tenta levar o corpo da Branca de Neve com ele, mesmo achando que ela está morta. A garota não acorda com um beijo: o príncipe deixa o caixão cair, e o pedaço de maçã que a sufocava sai da sua boca, permitindo que ela acordasse. O príncipe e Branca de Neve se casam, e convidam a Rainha para a cerimônia. Os dois forçam a vilã a usar sapatos incandescentes, e dançar até morrer.

festa no Céu” de Luís Câmara Cascudo, que trata da coragem e da determinação do personagem principal, ou ainda, na obra “Marcelo, marmelo, martelo” de Ruth Rocha, na qual o personagem principal está sempre demonstrando curiosidade e vontade de aprendendo com ela. Em todas as obras são apresentadas habilidades ou características importantes, tanto para o convívio em sociedade, como para o aprendizado das crianças.

Assim também, vemos ensinamentos nos contos modernos, como nas obras traduzidas “Carona na vassoura”, da escritora escocesa Júlia Donaldison, na qual os personagens se unem em prol do socorro de sua amiga, a personagem principal que corre perigo; e “Orelha de Limão”, das escritoras alemãs Katja Reider e Angela Von Roehl, que contam a história da ovelhinha que passou a ver a beleza do mundo e ser mais feliz depois que se aceitou com sua característica peculiar, sua orelha amarelo-limão; ou em “Menina bonita do laço de fita”, escrito por Ana Maria Machado, em que a linda menininha de pele negra, desperta a admiração de um coelho pela sua beleza e a sua curiosidade para saber a origem de tal característica.

Para Cristóvão (2010), os contos infantis também tratam das aflições da vida, como: a necessidade de ser amado, conflitos, adversidades, rejeições, solidão e temores diversos. Entretanto, em uma outra perspectiva, Fernandes (2003) pontua que as histórias podem também disseminar estereótipos, distorcer a realidade, padronizando personagens, fomentando o preconceito. Logo, a mediação do professor é fundamental para a escolha de uma boa literatura, pois reconhecer estes conceitos equivocados requer um pouco mais de habilidade, que talvez a criança não dispõe.

Sartori e Kornatzki (2011) salientam que, por meio do diálogo, a literatura infantil pode fomentar no leitor um olhar investigativo, de maneira a promover uma educação transformadora e libertadora, possibilitando, tanto ao docente quanto ao discente obter e reconstruir informações, convertendo-as em conhecimento.

As possibilidades de aprendizagem, propiciadas pela literatura infantil, são diversas e o aprimoramento da sensibilidade para o reconhecimento da diversidade é uma das habilidades que podem ser potencializadas pela mediação do professor. Outras possibilidades também são encontradas na Base Nacional Comum Curricular, de 2017:

As experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo. Além disso, o contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis etc. propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros (BRASIL, 2017, p. 40).

A literatura tem em sua essência o objetivo de levar o leitor a sonhar, viajar, desenvolvendo seu conhecimento de maneira lúdica, uma vez que a convivência com ela no decorrer da vida do ser humano, pode fazê-lo repensar conceitos, visualizar outras perspectivas, possibilitando o aprimoramento da sociedade e mudança da história.

A presença da literatura na infância pode contribuir no desenvolvimento da autoestima, da socialização, da expressão oral, corporal e visual. Ela também pode auxiliar no desenvolvimento intelectual, na visão crítica e indagadora, além de ajudar na construção do discernimento em relação a preceitos morais, podendo construir concepções de condutas sociais, quanto ao respeito ao outro e a diversidade, bem como contribuir com a formação do sujeito, suscitando a coragem, o otimismo e a ética.

Para Coelho (2000), ainda que a literatura seja uma linguagem simbólica, o público a quem se destina a literatura infantil está em idade de aprendizagem, onde toda experiência é absorvida numa proporção tão intensa, que emoções e informações absorvidas contribuem com a compreensão da criança a respeito de valores, convívio social e conduta humana. Igualmente, para Fernandes (2003), a literatura habilita a criança a compreender as pessoas e a sociedade em que vive.

Ao narrar história para as crianças, as professoras também têm como objetivo levá-las a compreenderem os valores sociais. É possível observar tal situação nas falas das professoras entrevistadas. A P2 reconhece: *“Bom o que eu gosto mais de contar para eles são histórias que falem assim sobre os valores, o respeito, o cuidado [...]”*. A P3 acrescenta que tanto clássicos da literatura, quanto novas histórias, podem trazer ensinamentos:

*Olha eu gosto de todas as histórias, ah tanto os clássicos, mas nada impede da gente trazer as novas, porque tem tantos escritores novos que trazem umas histórias que colocam para criança uma lição, que trazem um conteúdo, [...] que nem “A Menina Bonita do Laço de Fita”, que nem essa aí faz parte da minha, do meu acervo de histórias, e os clássicos, eu não abandono porque todos eles trazem uma lição de vida, tanto para a criança como para nós [...] (P3).*

A P4 também aborda os ensinamentos propiciados pela literatura quando, após mencionar a história *“Só um minutinho”*, de Yuyi Morales e tradução de Ana Maria Machado afirma: *“Então assim eles usam a imaginação, é uma forma... foi uma forma de abordar a morte, de uma forma... através da literatura, da história.”*

A literatura na infância pode desenvolver o gosto pela leitura, o prazer em ouvir, narrar e ler, e o prazer de estar mergulhando na história e desvendando o mundo dos livros. Fernandes (2003) aborda o envolvimento do leitor com o texto literário ao sustentar que:

A literatura infantil deve, preferencialmente, dar ensejo a uma atividade afetiva da mente, respeitando as possibilidades de conexão que ela pode estabelecer; deve dar liberdade para que as sensações sensoriais implícitas nas palavras deem ensejo a reconstruções particulares, para que o leitor se torne cúmplice do livro (FERNANDES, 2003, p. 44).

Além de proporcionar prazer, a literatura infantil, na visão de Fernandes (2003), pode desempenhar ação pedagógica na relação do leitor com a obra, atuando sobre o intelecto infantil, sem que, no entanto, se perca a ludicidade e a sua essência poética, dirigindo-se aos seus sentimentos a fim de alcançar sua consciência.

Constatou-se, na práxis das professoras entrevistadas, a utilização da literatura para fins pedagógicos, uma vez que todas afirmam utilizar a literatura infantil para introduzir temas de conhecimento. P1: *“Geralmente para introduzir algum tema, que eu quero trabalhar com eles ou do gosto deles, eles escolhem eu conto, eu sempre faço o momento da história [...]”. A P2 exemplifica sua prática dizendo: “[...] por exemplo, se eu for trabalhar alimentação eu procuro um livro, por exemplo a cesta da Dona Maricota, livros diversos que tenham como tema alimentação, o que o Animalzinho lá come, qual a importância daquele alimento através da história”.* A P3 também relata sobre sua forma de construir conhecimento por meio da literatura:

*Eu, dependendo do conteúdo, sempre procuro achar alguma forma, alguma história que encaixe naquele conteúdo que eu vou repassar para criança porque ele entende melhor através da história, o conhecimento, no caso, o aprendizado vai ser melhor se eu colocar alguma coisa com a história junto com conteúdo, o aprendizado dele flui melhor.*

A entrevistada P4 menciona que: *“Geralmente eu conto histórias devido... assim a datas, alguma data, ou a alguma atividade relacionada que eu quero trabalhar aí eu procuro uma história, aproximadamente, que fale do tema que eu quero desenvolver com eles”.* Todas confirmam utilizar a literatura para introduzir o tema a ser trabalhado como forma de facilitar o aprendizado, construindo o conhecimento a partir da história que foi ouvida, tornando-o lúdico e prazeroso.

Segundo Cristóvão (2010), privar a criança da fantasia e da imaginação proporcionadas pela literatura infantil pode limitar a sua criatividade e sua imaginação. Por exercer tão forte influência sobre o imaginário infantil, é necessário que os adultos conheçam as histórias que melhor desempenhem esse papel, para que possam selecionar o que for melhor para o aprimoramento de tais habilidades nas crianças.

As histórias representam acontecimentos da vida humana, ainda que com interferências fantasiosas e miraculosas. Vários séculos de cultura são representados pelas vastas e diversas obras literárias. Segundo Machado (2002), é inadmissível não conhecer e aproveitar tão rico legado que atravessou o tempo.

A literatura possibilita a familiaridade com realidades distintas à vida do leitor, oportunizando sua reflexão, interpretação e empatia com outras culturas e outros hábitos, além de compreender sua própria sociedade, conhecer a história, compreender o agora e vislumbrar possibilidades, tornando-o capaz de interferir no presente e modificar o futuro.

## 5.2 AS NARRATIVAS NA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO

A fim de que a criança possa ter contato com histórias desde sua tenra infância, se faz necessário que a literatura seja introduzida no seu mundo, por meio da narrativa dessas histórias. Os contos, quando atraentes e bem elaborados, adequados à idade do ouvinte, despertam neles, desde muito cedo, o gosto pela literatura.

Para narrar uma história é necessário estar familiarizado com o texto. O narrador precisa transmitir confiança, motivar a atenção do aluno e despertar sua admiração. É importante envolvê-lo por meio do encantamento, a fim de que a criança se mantenha atenta no momento da história. Coelho (1999) afirma que o sucesso em narrar histórias está em escolher um livro com antecedência e planejamento, com empenho e estudo, de forma a familiarizar-se com a história e não improvisar, contando a história com naturalidade, habilidade e dinâmica, também considerando o estilo de contar, o assunto deve ser interessante, adequado à faixa etária, deve ser de qualidade literária, que agrade ao narrador, fomentando, assim, a imaginação e a linguagem de bom gosto. Fernandes (2003) observa que quando uma história não reflete as expectativas do seu escritor no pequeno leitor, possivelmente, não está de acordo com a faixa etária a que se destina ou não foi bem elaborada pelo autor. Além desses dois pontos apontados pelo autor, pode-se também observar que, em alguns casos, o narrador pode não estar devidamente familiarizado com a narrativa, o que tornaria a narrativa cansativa e enfadonha.

Coelho (1999) afirma que uma boa história ajuda no desenvolvimento da atenção, da criatividade e da expressividade, e que esta não termina ao final da narrativa, ela permanece no pensamento da criança, sendo incorporada pela sua imaginação. Já Bettelheim (1980) pondera que o conto deve ser envolvente de forma a despertar a curiosidade da criança. Conseqüentemente, trabalhar a literatura de forma repetitiva e enfadonha, segundo Werner

(1999), aniquila as inúmeras possibilidades construtivas da literatura infantil e a possibilidade da formação de um novo leitor.

Destarte, para encantar a criança com a literatura, é preciso que o narrador demonstre encantamento, as narrativas devem ser dramatizadas, interpretadas, conter movimentos, ser ativas e animadas, em suma, o livro deve ser uma fonte de prazer. Para Cunha (1999), o livro não pode ser imposto à criança como um remédio ruim, a literatura deve entrar na vida da criança de forma espontânea, a leitura deve ser prazerosa, descomprometida. Assim como para Gonçalves e Motter (2010), a leitura deve ser livre, sem análise de recursos linguísticos ou sintáticos ou apenas para assimilar modelos de conduta impostos pela sociedade. Legitimando tal afirmativa uma entrevistada pondera que:

*[...] a criança tem que perceber que o professor gosta de contar história, o professor tem que passar para a criança isso, porque ele só vai gostar se eu estimulá-lo a gostar, se ele perceber que o professor gosta de contar histórias. Não adianta eu querer dizer: - agora você vai ler, tem que ler, mas se eu não passar esse gosto para ele, ele jamais vai gostar de ouvir. (P3)*

Afim de despertar o interesse da criança pelos livros, é primordial aproximá-la da literatura, mesmo antes que ela saiba ler. Logo, é inevitável a interferência do narrador, que necessita estar familiarizado com a história e demonstrar entusiasmo pelo mundo da literatura. Mas como apresentar uma narrativa para as crianças, quando não se sabe ao certo, qual escolher ou como começar?

Para elucidar essa dúvida e auxiliar os contadores de histórias e futuros narradores nessa tarefa tão gratificante, autores compartilham direções utilizadas por eles nessa atividade. Corroborando com isso, Machado (2002) afirma que a leitura não deve ser um ato obrigatório, falar com paixão e entusiasmo da literatura, inspira curiosidade e desejo pelos livros.

A estrutura do conto é um fator importante para o bom desempenho da narrativa, relata Coelho (1999), as histórias que contém inicialmente uma introdução, na qual tempo, local e personagem são inicialmente apresentados, introduz melhor a narrativa ao ouvinte, seguida pelo enredo que se trata de conflitos e relações dos personagens, que são elaborados de forma a envolver a atenção do espectador até o ponto culminante da narrativa, no qual após algumas ações bem sucedidas, chega seu desfecho final.

As histórias podem ser apresentadas de várias formas, segundo Coelho (1999), das quais abordaremos aqui duas delas:

- Como simples narrativa, na qual o contador não utiliza nenhum acessório além de sua voz, expressão corporal, ou livro. Quando suas gravuras mostram

riquezas de detalhes, que não estão presentes no texto ou, em caso de narrativas poéticas, na qual as rimas estão presentes em todo o corpo da história, e o narrador vai contando com suas próprias palavras a história, com segurança de quem está familiarizado com a narrativa, enquanto folheia lentamente o livro;

- Com gravuras que podem representar histórias de livros, porém em tamanho ampliado, que facilita a observação dos detalhes, e torna-se mais atrativo e eficiente para crianças pequenas. Dispõe-se as figuras empilhadas em ordem, cada uma que vai sendo contada vai sendo anexada em suporte para apreciação, uma a uma cada gravura vai sendo substituída pela próxima de forma fluente e tranquila.

Além das opções sugeridas pela autora é possível citar outras duas, utilizadas pelos contadores de histórias, professores de educação infantil ou de literatura infantil:

- Avental ou Jaleco, no qual paisagens de contos infantis são estampados, para cada ponto do cenário um pedacinho de tecido aderente<sup>20</sup> é fixado, de modo que, a cada momento da história, cada personagem seja fixado na vestimenta no ponto da paisagem a que a narrativa está se referindo. Os personagens podem ser feitos de flanela, EVA, tecido ou outros.
- Com fantoches, pode haver cenário ou não, sendo que nessa técnica cada personagem que vai sendo introduzido na história vai interagindo com o próximo à medida em que o enredo avança.

Em ambas opções, o narrador deve estar totalmente familiarizado com a história, para que a narrativa siga fluente e atrativa. Segundo Gonçalves e Motter (2010, p. 3), “Para que a leitura do texto literário seja desenvolvida na escola, é importante que os professores sejam leitores de literatura e tenham construído previamente seu próprio repertório de leituras”. Portanto, pode-se observar, a partir das considerações acima, que para o bom desempenho de uma narrativa, deve-se ter conhecimento da história, de cada fala, de cada acontecimento, para que o narrador possa fazer sua interpretação, com mudanças de voz, suspense e outros elementos que fazem com que a narrativa prenda a atenção da criança e a faça viajar pelo mundo da imaginação, além de tudo é muito importante gostar do que se está fazendo.

Outras formas de se contar histórias são observadas no discurso da entrevistada P1 que menciona trabalhar também com histórias cantadas. Já a P2 menciona que procura diversificar para não se tornar uma atividade repetitiva. A P4 também menciona utilizar teatro como forma

---

<sup>20</sup> Sugere-se a utilização de velcro.

de trabalhar a literatura além de fantoches e de livros impressos. A P3 também relata suas formas de narrar história para seus alunos descrevendo que:

*Eu... pouco eu utilizo o livro, eu utilizo o avental, fantoches, dedoches, televisão, depende do dia, [televisão de papelão?]<sup>21</sup> É aquela televisão de papelão que tem a história e você vai contando e vai (a professora fez o gesto de manivela com a mão indicando rolar da história). Em outro momento ela acrescenta: [...] eu gosto muito de me caracterizar para contar história que eu acho que chama mais atenção, quando você está caracterizado, a criança fica mais, ainda ali, entusiasmada e te olhando, e aí eles não perdem o foco, eles ficam sempre ali atento a tudo que você fala. (P3)*

Coelho (1999) sugere que se faça a introdução do tema da história para que as crianças, ao se identificarem com ele, possam, além de se expressar, dar ao narrador a oportunidade de a conhecer melhor. A autora acrescenta ainda que comentários descontraídos sobre a história, após o seu final, pode ser divertido e mensurar o aprendizado construído com narrativa.

No que se refere à liberdade de expressar-se, possibilitada pela atividade mencionada anteriormente, Freire (2006) afirma que o educador que escuta, respeitando posições e concepções dos sujeitos, aprende a transformar o seu discurso em um diálogo com o educando. O autor define que escutar é estar aberto a fala, aos gestos e as diferenças do outro, se posicionando, refletindo e provocando no outro a reflexão.

Para o desenrolar de uma narrativa, a autora propõe desenvolvê-la com naturalidade, segurança e conhecimento prévio da história, sendo, portanto, necessário a preparação prévia e a atuação entusiasmada, com variações vocais, ritmos, entonações diferentes modulações para cada personagem, clareza, sem vícios de linguagem e conhecimento do público para a melhor escolha da narrativa. Além de tudo, é importante divertir-se enquanto conta a história. Também é relevante conhecer o local, o público-alvo e o número de espectadores, se possível dispô-los sentados no chão ou cadeiras em semicírculo, com relativos espaços entre eles, onde todos tenham uma boa visão do narrador. É importante também introduzir a história com uma cantiga, de modo a direcionar as atenções ao início da narrativa.

O Quadro 1, a seguir, demonstra as categorias de histórias do interesse de cada faixa etária elaborado por Coelho (1999):

---

<sup>21</sup> Material pedagógico artesanal feito com caixa de papelão aberto totalmente no fundo e com bordas na frente com dois furos de cada lado, dois em cima e dois em baixo, de forma que seja possível introduzir duas manivelas, geralmente confeccionadas com cabos de vassoura no qual são presos o rolo de papel, cada ponta do papel é fixado em uma das manivelas, no rolo de papel contém a história desenhada em forma de filme, conforme vai girando a manivela a história vai sendo apresentada.

Quadro 1 – Faixa etária e narrativas

Pré-escolares	Até 3 anos: fase pré-mágica	<ul style="list-style-type: none"> <li>• História de bichinhos, brinquedos, objetos, seres da natureza (humanizados)</li> <li>• História de crianças</li> </ul>
	3 a 6 anos: fase mágica	<ul style="list-style-type: none"> <li>• História de repetição e acumulativas (Dona Baratinha, a Formiga e a Neve, etc.)</li> <li>• Histórias de fadas.</li> </ul>
Escolares	7 anos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Histórias de crianças, animais e encantamento;</li> <li>• Aventuras no ambiente próximo: família, comunidade;</li> <li>• Histórias de fada;</li> </ul>
	8 anos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Histórias de fada com enredo mais elaborado;</li> <li>• Histórias humorísticas;</li> </ul>
	9 anos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Histórias de fada;</li> <li>• Histórias vinculadas à realidade;</li> </ul>
	10 anos em diante	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aventuras, narrativas de viagens, explorações, invenções;</li> <li>• Fábulas, mitos e lendas;</li> </ul>

Fonte: Coelho (1999, p. 15).

A autora sugere que atividades de enriquecimento podem ser realizadas após a narrativa, atividades artísticas e educativas, espontâneas e de livre participação como:

- Dramatizações que funcionam melhor com histórias conhecidas ou de movimentos de fácil memorização. Todos podem participar, uns como personagem outros como parte do cenário, conforme a predisposição de cada um, ou podem haver mais de um elenco em mais de uma dramatização.

Freire (2011, p. 81), pondera que “Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros.” Ao abordar outras possibilidades de narrar, de expressar-se, o educador possibilita a comunicação, e a construção coletiva, proporcionando o protagonismo do sujeito, e lhe dando a liberdade de criar.

### 5.3 INDÍCIOS DE FORMAÇÃO HUMANA NA ANÁLISE DAS NARRATIVAS

Pautada nas práticas educomunicativas de construção coletiva e colaborativa de conhecimento, autoria e criatividade, buscou-se com essa pesquisa-ação a construção de narrativas elaboradas pelas crianças coletivamente e em ambiente escolar. A pesquisa foi organizada de forma que fosse possível perceber a inter-relação da literatura infantil e da

educomunicação nas expressões das crianças, na construção de novos conhecimentos, observando conhecimentos prévios da vivência das crianças, dos seus contatos anteriores com a literatura infantil, além de sua criatividade e imaginação.

Conforme relatos das entrevistas, foi observado que as narrativas feitas pelas crianças já faziam parte frequente das atividades pedagógicas das entrevistadas, enfatizado novamente aqui nos discursos das professoras:

*[...] muitas vezes se eles recontam as histórias eles trazem os livros de casa, eles fazem a roda, eles contam e... ou quando eu conto e eles acabam recontando bem certinho na lógica, tudo certinho. Então é uma interação na verdade porque senão fica chato para eles o momento da história tem que ser um momento gostoso criativo[...]* (P1).

Em alguns momentos, as narrativas feitas pelas crianças aconteciam por iniciativa dos próprios alunos e outros por incentivo das professoras:

*[...] eu procuro deixar, como eu disse, eu conto às vezes, aí depois, às vezes, já é eles mesmo que me pedem:-- Professora posso contar agora eu a história? Eu deixo ele escolher o livro e ele vai contar olhando o desenho, a imagem, então eu deixo eles fazerem parte desse momento também* (P2).

Frequentemente, as narrativas são feitas por meio de livros, outras vezes são elaboradas por meio de figuras: “*[...] eu gosto muito de depois entregar o livro para eles e eles vão contar para os amigos, a gente continua na roda e eles vão recontando a história como ele entendeu, aí eles abrem um livro, aí eles olham e falam e é gratificante você ver [...]*” (P3).

Também foram observadas tanto a repetição da história como conhecida, quanto novas elaborações e novos desfechos:

*[...] muitas vezes eu conto história e convido um ou dois para contar novamente, daí eles contam da forma que eles entenderam... [Eles repetem o que você falou ou eles modificam?] ...Algumas coisas eles repetem outras coisas eles modificam, eles criam também, usam a imaginação do jeito deles, assim, é bem legal* (P4).

Essa prática realizada pelas professoras pode ter facilitado o desenvolvimento dessa pesquisa que ora desenvolvemos, pois, ainda que as cartas de conto fossem uma novidade, as crianças já tinham o hábito de expressar-se, de ouvir os colegas e de usar a criatividade elaborando narrativas diversas.

Por meio da realização dessa pesquisa-ação com os alunos dos anos finais da educação infantil, no qual a autoria e a criatividade eram pontos fundamentais, foi possível perceber

diferentes situações ocorridas no decorrer dos encontros e das narrativas das crianças, ficando destacada aqui quatro situações:

1. Algumas apresentaram evolução no desenvolvimento das suas narrativas. Inicialmente elas apenas descreviam as cartas que haviam pego, às vezes, não dando continuação na história, sendo necessário várias intervenções da pesquisadora. Por vezes, sem a elaboração de uma sequência lógica. E, à medida que se familiarizavam com a pesquisadora e/ou com a atividade, a cada encontro elas iam acrescentando detalhes em suas narrativas como podemos observar nos exemplos a seguir:

Primeiro encontro: **Princesa** “Era uma vez um Pinóquio, o Pinóquio achou a fadinha então eles passearam pela floresta pela ponte, então eles acharam botas que são mágicas...”

*Princesa – Era uma vez uma fada, que achou uma casa de doces, que achou um tapete mágico... [O que ela fez?] ...Ela foi no tapete mágico, ela sentou e foi voando. (Terceiro encontro)*

*Princesa – Era uma vez uma fada que foi no jardim... foi no lago mágico e ela encontrou uma carruagem bonita e então ela encontrou um príncipe no castelo ela perdeu o sapatinho e o príncipe achou e daí ele foi até a casa dela e o sapatinho ela colocou pirlimpimpim... pirlimpimpim. (Quinto encontro)*

Observa-se no exemplo acima, que a criança foi ampliando suas narrativas no decorrer dos encontros. Nos últimos encontros ela acrescentou mais componentes na história do que nos primeiros encontros, acrescentando mais detalhes bem como elemento de ligação.

No caso a seguir, também houve uma ampliação do repertório da criança, possibilitando novas formas de contar a história. No primeiro encontro a criança falou pouco e houve necessidade de interferências da pesquisadora como pode-se perceber aqui: **Borboleta** “Era uma vez uma Bruxa... que morava num Castelo Encantado... as botas... [O que que a Bruxa fez com as botas?] ...pegou e saiu voando de Botas, assim voando de botas.” Já no terceiro encontro, a narrativa aumentou consideravelmente e, no sexto encontro, a criança estendeu-se muito mais:

*Borboleta – Era uma vez um ogro que vivia numa floresta encantada... um pão... daí o ogro comeu o pão inteirinho e não sobrou nada para outro dia, daí ele passou, passou, passou, passou e ficou muito bravo ele queria mais, mais, mais, mais de mil pães daí ele achou outro pão outro pão outro pão depois ele foi e comeu todos os pães e ficou com um barrigão de leão, de e ficou de novo bravo, ele ficava toda hora bravo, depois ele queria mais... e mais... e mais pão, ele achou um monte de pão e comeu ele foi passeando, passeando, passeando até que ficar bravo, bravo, bravo, muito bravo uhrrr, uhrr e fim.(Terceiro encontro)*

*Borboleta – Num lugar bem distante daqui havia um gênio mágico, que estava se escondendo debaixo de uma árvore (lago), não sei porquê, e encontrou uma varinha mágica, e ele disse assim: - Ahh, encontrei uma varinha mágica, meu Deus do céu, eu não sei o que faço com esse troço! (Modificou a voz para interpretar a voz do gênio). Ele pegou a varinha mágica e disse:- Abracadabra sinsalabim... Abracadabra sinsalabim... ele disse três vezes... Abracadabra sinsalabim... [E daí?]*

*...E daí ele olhou para baixo e viu um lago brilhante, ele se olhou no lago e disse: - Eu sou muito feio, com uma vida assim. E daí: - ah!! Ele viu uma aranhinha desse tamanho (mostrou o tamanho com os dedos em forma de pinça) que era pretinha, ele ficou com muito medo e se escondeu debaixo de uma árvore, e ficou com bastante medo, depois ele encontrou o óculos de um neném e vestiu: -Ai tá apertado. E a sobrançelha dele ficou desse tamanho. E ele foi... quando aconteceu um trovão... - prooummm. Mil anos depois... -zzzzzzzzzzzzzzzzzzzz (encenou cochilo)... {Estava dormindo!} terminou. (Sexto encontro)*

Situação semelhante podemos reconhecer no próximo exemplo, em que percebe-se que nas primeiras narrativas a criança falava muito baixo reduzindo ainda mais o som da sua voz logo no início da narrativa ou quando acabavam as cartas, tornando-se impossível ouvi-lo: (Primeiro encontro) **Tiranossauro** “*O Ogro achou um inseto... [Onde ele encontrou o inseto?] ...na floresta ele achou um livro... [O que ele fez com o livro?]... ele leu.*” (Segundo encontro) **Tiranossauro** “*João e Maria ele achou uma casa de doces da bruxa e começou a comer a casa de doces da bruxa, eles foram por ali... (inaudível).*”

Já no quarto encontro observa-se que, apesar de ainda haver momentos de timidez no expressar-se, a criança consegue elaborar uma história com sequência e com mais detalhes, conseguindo dar um fim a sua história e com menos interferências por parte da pesquisadora:

***Tiranossauro** – O ogro estava numa floresta da bruxa, ela estava com morcego e a assombração, naquela casa assombrada sempre assustadora, ela estava com um gato sempre (Inaudível) pecinhas vermelhas (cesta de doces), o ogro achou (inaudível) ele comeu e virou humano para proteger os humanos, aí ele matou a bruxa para nunca ser mais mal de todo o mundo, um vampiro apareceu atrás dele e matou um humano, daí ele matou, só para saber ele estava com fome e com sede e daí ele mordeu e vingou a bruxa, e uma pantera apareceu atrás do vampiro e arranhou e matou o vampiro e daí ela caçou morcegos, e comeu todos os morcegos, ela foi embora para Floresta dela do perigo, ela matou todos os soldados da morte, ela matou todos os soldados do reino e fim. (Quarto encontro)*

Nota-se, nos exemplos acima, que a evolução foi acontecendo de forma gradativa, no qual as crianças foram acrescentando, a cada encontro, mais acontecimentos comparadas a narrativa do encontro anterior, necessitando cada vez menos a interferência da pesquisadora.

Diante dos resultados observados, é possível observar que as atividades com literatura infantil contribuem para a formação humana, fornecendo elementos que possibilitam o desenvolvimento de novos conhecimentos e ampliam a percepção da realidade de outro modo, a leitura de mundo.

2. Na segunda situação observou-se que algumas crianças se mantiveram mais reservadas, falando pouco tanto nos primeiros encontros quanto nos encontros finais: Primeiro encontro: **Fada** “*Era uma vez um duende que andava na floresta que achou um tapete mágico, é um gato? ...Uma casa de bruxa parece [casa assombrada], assombrada...*” Terceiro

Encontro: **Fada** “Era uma vez uma princesa (princesa Tiana) que estava no castelo achou uma poção mágica, tomou e daí ficou invisível.” Quinto Encontro: **Fada** “Tinha um dragão... uma casa de doce... e achou... uma flauta e ele tocou, ele não sabia nem tocar.”

É possível observar, nas narrativas acima citadas, que apesar de tímida a criança conseguiu acrescentar um detalhe ou outro nas histórias no decorrer dos encontros, vislumbrando possibilidades de desenvolvimento das suas expressões na prática das narrativas e da comunicação. Como diz Freire (1983, p. 44) “O mundo humano, é desta forma, um mundo de comunicação”.

3. Outras crianças, diferente das mencionadas anteriormente, aumentaram as suas narrativas apenas quando dispunham de mais cartas e da história já elaborada pelos colegas que iniciaram as narrativas naquele grupo, como pode-se notar nos exemplos a seguir: Primeiro Encontro: **Capitão América** “Era uma vez uma rainha e nas montanhas ela andava e achou uma bota e ela colocou.” Sexto Encontro: **Capitão América** “Era uma vez a Chapeuzinho Vermelho, e ela comeu doce e achou uma torre e era de um bicho e achou um espelho e ela morreu. Nessas duas narrativas acima, o aluno não dispunha de outras cartas para construir sua história, além das três que ele mesmo sorteou, limitando-se a descrever o que estava em suas mãos. No entanto, quando dispunha de mais elementos, ele elabora narrativas mais ricas em detalhes. Já nos quarto e quinto encontro ele dispunha de mais cartas e da narrativa dos seus colegas para agregar à sua:

*Capitão América – Um príncipe, daí achou uma floresta, acham as botas e colocou, e tinha bomba dentro e ele achou uma poção mágica e tomou e virou uma princesa, [fada], uma fada, e ela achou um helicóptero quebrado ele voou e caiu lá do espaço... [O que mais?], e daí veio duas criancinhas e pegaram ele, e salvaram e eles acharam uma bruxa e a bruxa transformou ele numa casa. (Quarto encontro)*

*Capitão América – Era uma vez uma fera e ele estava dançando e comendo e achou um túnel (caverna) e morou lá e achou migalhas de pão e comeu tudo e comeu o Hulk B e comeu o Lobo bonzinho, e achou um anão (duende) e comeu ele e foi num castelo (Torre) e disse: - Pegue... {Não... agora você misturou né} [não faz mal... conte...] – e ele disse: -Passa. E ele entrou e pulou e comeu ela (Rainha)... [O que mais?] ...E achou um helicóptero (Migalhas de pão) e ele foi andando para o rio e ele caiu e destruiu.*

Aqui está outro exemplo, que demonstra que algumas crianças desenvolvem as narrativas com mais detalhes, quando dispõe de mais elementos:

*Flor – Era uma vez era uma vez uma princesa chamada... Bela e ela... ela estava em um jardim encantado, e daí no jardim encantado ela achou uma cesta de piquenique, e daí ela disse: que que eu vou fazer com essa cesta de piquenique, daí ela pensou ah eu acho que eu vou comer. E daí ela comeu, comeu, comeu. E daí fim. (Primeiro encontro)*

*Flor – Era uma vez uma fada que morava numa ponte... ela achou uma varinha mágica, e ela disse assim: - como é que eu vou usar essa varinha? Então ela começou a pensar e descobriu como ahm... como usar e daí ela saiu voando para usar em um lugar... (Segundo encontro)*

*Flor – Era uma vez uma bruxa que estava limpando a casa dela (casa assombrada) e daí ela encontrou um livro de magias, e daí ela pensou: -O que vou fazer com esse livro? Eu vou fazer uma mágica, eu vou lá pegar a minha varinha. - Cadê minha varinha, eu acho que eu perdi, eu acho que eu vou procurar ela... (Quinto encontro)*

Nas três narrativas acima a Flor foi a primeira criança a narrar a história e suas narrativas eram relativamente curtas. Já no exemplo a seguir, sua narrativa ficou bem mais elaborada, uma vez que ela foi a última criança a falar e utilizou-se das cartas dos colegas para acrescentar detalhes à sua história.

*Flor – Era uma vez uma menininha chamada Chapeuzinho Vermelho e ela foi entregar flores para avó... para a vó dela, que estava morando na torre e no caminho ela achou uma varinha, e daí ela achou o príncipe, e com o príncipe ela viu uma maçã do lado da mão dele, e daí ela viu um espelho que via o futuro e lá no castelo ela encontrou a bruxa e ela disse... e ela disse: - Oi Chapeuzinho Vermelho, tudo bem? Eu estou varrendo aqui o castelo né. Vai lá comer. Daí a Chapeuzinho Vermelho disse: -Tá bom. Daí ela foi caminhando, caminhando, até ver um monte de comida em cima da mesa, e daí ela comeu um de cada vez, e daí ela até cansou de comer, e daí ela foi lá dormir, quando ela subiu ela achou o rei... o príncipe ele estava lá na cama dele e daí a chapeuzinho descansou e depois voltou para casa, e daí a chapeuzinho disse: - O que eu vou fazer com essa varinha... Daí ela voltou para falar com a bruxa e disse: - Bruxa, você sabe de quem é essa varinha? daí a bruxa disse: - Ah, essa varinha é minha. - Então toma. E daí ela descobriu o mistério e foi para casa e fim. (Quarto encontro)*

A elaboração das narrativas acima também foi criativa e elaborada, e apresentaram aspectos do cotidiano, possibilitando identificar elementos da leitura de mundo. Coelho (2000) afirma que o meio escolar é também um espaço libertador, direcionador, que permite o autoconhecimento do seu entorno cultural.

4. Também houve quem, desde o início, tenha elaborado histórias ricas em detalhes baseando-se em suas vivências, utilizando-se de conhecimento prévio das histórias ou de heróis de filmes e desenhos animados como personagens de suas narrativas:

*Arqueiro verde: - Era uma vez um gato que é um cowboy, que olhou pelos inimigos e ele atacava todos os inimigos pelo combate. E uma vez ele morava naquele buraco ali (caverna) e ele viu um dragão e fugiu e ele morava numa coisa... caverna, daí ele ficou com medo e daí o lobisomem e daí uma maçã de lobisomem que ele comeu e ele morreu. Ele acordou e virou no lobo malvado, maldito, muito corajoso e ele virou de volta no gato e atacou dragão... e o dragão pegou o gato e eu vou pegar o gato e o gato subiu aqui, daí ficou perto e daí ele fugiu de uma coisa que tá aqui uma vez ele ficou muito bravo, deu,deu,deu... (Primeiro encontro)*

*Arqueiro Verde: - Era uma vez um Hulk (duende) ele parava naquele castelo (torre) e o Thor estava acabando com o Hulk, e o Hulk acabava com o Thor e... e ele morava no outro lugar, e ele pegou um troféu (lâmpada do gênio) que aparece um fantasma,*

*que está de bigode, e uma vez ele vai dizer porque ele foi no castelo de volta e destruir o Thor e destruiu e acabou com o Hulk e ele matou o Thor e daí veio o Capitão América e o Thor e o Homem de Ferro e daí a garota e daí o Hulk e a Mulher Maravilha e daí eles atacaram o Hulk e o Hulk morreu fim. (Segundo encontro)*

**Arqueiro Verde** – *Esse gato morava num outro lugar (jardim secreto), ele morava em nenhuma armadilha e ele caiu no buraco e apareceu esse estojo aqui, [flauta], flauta e ele cantou e os bichos escutaram, o ganso escutou, o tatu escutou e daí aquele bicho, o lobisomem quer comer os animais, é o lobisomem, e o gato não conseguiu subir para salvar os animais porque o lobisomem quase comeu os animais, aquele lobisomem é o Woody, o Woody é o lobisomem porque o gato agora não pode ir pela armadilha e ele conseguiu sair da armadilha e se defender com a sua espada, a sua espada está para você atacar, se você não atacar você vai morrer, e os animais morreram... agora deu. (Terceiro encontro)*

**Arqueiro Verde** – *Esse gato morava num outro lugar (jardim secreto), ele morava em nenhuma armadilha e ele caiu no buraco e apareceu esse estojo aqui, [flauta], flauta e ele cantou e os bichos escutaram, o ganso escutou, o tatu escutou e daí aquele bicho, o lobisomem quer comer os animais, é o lobisomem, e o gato não conseguiu subir para salvar os animais porque o lobisomem quase comeu os animais, aquele lobisomem é o Woody, o Woody é o lobisomem porque o gato agora não pode ir pela armadilha e ele conseguiu sair da armadilha e se defender com a sua espada. -A sua espada está para você atacar, se você não atacar você vai morrer. E os animais morreram... agora deu. (Quinto encontro)*

Nos exemplos acima a criança construiu narrativas ricas em detalhes e com inúmeros personagens advindos tanto de filmes como de desenhos animados, utilizando-se de vocabulário próprio dessas produções.

**Batman** – *Era uma princesa (rainha) com uma coroa na cabeça e uma... Como é que é o nome mesmo? [Leque] ...O leque e assim fazendo (abanou-se), foi no seu castelo, mas é igual da Rapunzel né [torre], ...Uma torre e tinha uma maçã que tinha uma bruxa que disse para engolir a maçã né... (solicitou reiniciar a narrativa). Era uma vez uma princesa que tinha uma coroa na cabeça e um leque assim e não fazendo chacoalhando e daí ela foi numa torre, andando na floresta com alegria, e tinha uma bruxa na torre que disse para engolir a maçã... comer, comer... [E ela comeu?] ...Não comeu. Era uma vez uma princesa com a coroa na cabeça e ela se instalou no castelo, no bosque, não numa torre quer dizer e tinha uma bruxa que disse para comer maçã, e fim da história. (Primeiro encontro)*

**Batman** – *Era uma vez o Joãozinho e a Joazinha cabeçona (João e Maria), daí eles encontraram uma floresta muito sombria, {Daí o que que eles acharam lá?} Um pauzinho mágico de vara [varinha de condão] de condão, [E o que mais que aconteceu?] ...Só, comeram e ficaram gordos, e aquela dali, a menininha ficou com uma cabeça de elefante, o outro ficou com a cabeça de rinoceronte, eles estavam tão gordos que acharam um tapete mágico sentaram e foram voando para o castelo muito sombrio, deu boa. (Terceiro encontro)*

Na primeira narrativa de Batman, é possível observar que os personagens dragão e bruxa foram acrescentados devido aos seus conhecimentos prévios. Ao sortear a carta da caverna e a carta da maçã, ele associou-a dragão à caverna e maçã envenenada à bruxa. É possível observar, nas seis narrativas citadas anteriormente, que as crianças acrescentaram muitos outros detalhes advindos de suas memórias, vivências e imaginação quanto ao que poderia estar relacionado às cartas que foram sorteadas.

Formulando um comparativo entre a primeira e as demais semanas de pesquisa-ação, observando a evolução de cada criança na descrição sucinta das cartas no início dos encontros e no aumento dos detalhes das suas narrativas nas semanas seguintes, podemos perceber o desenvolvimento das suas capacidades narrativas e de colaboração de umas crianças na história das outras. Soares (2011) afirma que partilhando objetivos, aspirações, cultura e conhecimento, a educomunicação potencializa a aprendizagem colaborativa e novas perspectivas de ver o mundo. Tanto o processo como o resultado são exemplos da contribuição da literatura infantil no contexto educacional na formação humana, possibilitando que a criança se expresse e seja sujeito de sua história, atuando no seu contexto com maior autonomia.

É possível perceber, também, a diversidade nas expressões de imaginação e criatividade, como na fada que virou paraquedista e nas migalhas de pão que se tornaram helicóptero, além do desenvolvimento de autoria na elaboração de detalhes relacionados às mudanças:

***Batman** – Era uma vez uma fada do dente que encontrou uma floresta muito assustadora [Na beira do lago.], na beira do lago, um lago bem brilhante, viu uma batata fedorenta quebrada no meio (migalhas de pão) e ela ficou assim: Dudu, Dudu... [O que mais?] [...] Era uma vez... essa aqui (fada) vou fingir é um cara de paraquedas né. Era uma vez dez caras que caíram de paraquedas e depois eles caíram lá em uma floresta muito assustadora perto de um lago e o helicóptero quebrou no meio e fim*

A riqueza das narrativas foi notada na criatividade e na imaginação das leituras das imagens feitas pelas crianças. Para Matilla (2016), a educomunicação envolve uma vasta dimensão de conteúdo, na qual as análises e leituras de imagens, e os processos de alfabetização, que há anos influenciam os meios e sistemas de informação e comunicação, devem refletir uma perspectiva coletiva. Ao mesmo tempo, se fomenta a criatividade dos sujeitos desde a infância, por meio da produção de imagens e se buscam práticas apropriadas que justifiquem uma produção para a prática didática com vistas ao conhecimento.

Abordando o desenvolvimento infantil, Sartori e Kornatzki (2011) complementam a ideia anterior ao afirmar que:

[...] a especificidade da Literatura Infantil está no fato de que é um conteúdo educativo, expresso por texto e imagem, em alguns casos também por som, que provoca o desenvolvimento cognitivo e emocional de seu receptor, mas que também se relaciona ao seu produtor no que se refere às intenções comunicativas, expressivas, aos seus objetivos artísticos e educacionais (SARTORI; KORNATZKI, 2011).

A autoria é a ação de criar, inventar e expor o que está no pensamento e na imaginação. Foucault (2004) afirma, outrossim, que o discurso proferido pelo autor é o resultado de muitos discursos internalizados por ele, e proferidos conforme a sua visão.

Auxiliar a criança no desenvolvimento da sua criatividade é muito importante para o aprimoramento do seu conhecimento e desenvolvimento da autoria, imaginação, bem como na capacidade de resolver problemas e lidar com sentimentos. A entrevista com as professoras demonstrou conformidade com a afirmação acima e o relato da P2 corrobora com esse fato quando menciona que:

*[...] é assim, um momento que surpreende a gente, por que às vezes a gente pensa assim: Ah, ele vai falar o que eu falei, ele vai repetir o que eu falei, mas não, eles inventam, eles fazem, assim às vezes, de uma coisa que a gente, nem mesmo a gente, consegue fazer tanto como eles criam, dentro da história, e é muito gratificante, por que a gente percebe assim que eles têm uma imaginação que vai muito além do que a gente imagina. (P2)*

A P1 declara que, usando a imaginação, as crianças trazem muito da sua vida para dentro das narrativas.

*[...] eles chegam lá na frente e eles contam eles narram, algumas até narram a mais do que é a história, já traz para vida real já coloca a mãe e o pai e o parente no meio da história eles acabam influenciando a história, alguns já inventam histórias que não é dos livros mas que é da imaginação da cabeça deles, então... e sabem contar e transmitir (P1).*

Pode-se constatar tal afirmação nas narrativas das crianças, como nas histórias narradas pela menina Flor, quando nos encontros quatro e cinco, já mostrados anteriormente, menciona a atividade de limpar e de varrer a casa, bem como no sexto encontro em que ela fala sobre ir ao mercado e fazer comida:

*Flor – Era uma vez um Ogro que morava numa casa assombrada e quando ele entrou ele achou um espelho... e daí ele tinha um tapete voador... e daí ele voou no tapete dele... e daí ele encontrou o príncipe... e daí ele disse oi... e daí o príncipe disse: - Quer entrar na minha casa? E daí o Ogro disse: -Sim. E daí o duende estava lá dentro... e daí o príncipe também tinha um tapete voador... e daí o príncipe foi no mercado comprar comida... e daí o Ogro foi pra casa dele... daí ele fez comida pra ele... daí ele comeu e foi dormir e fim.*

Nas duas narrativas a seguir, nota-se que em ambas as vezes em que pequeno narrador pega a carta das migalhas de pão ele associa à alimentar peixes, e em nenhum momento ele menciona a história de João e Maria: **Hulk B** “Era uma vez uma princesa com flor

*(Tiana), estava no jardim, e migalhas de pão que ela jogou para os peixes, [Que mais?] ...e saiu do jardim.*

**Hulk B** – *O Gato de Botas no castelo encantado onde ele morava, migalhas de pão ele deu migalhas para o peixe, [E o que aconteceu com tudo isso?] e o Gato de Botas pegou as migalhas de pão e jogou para os peixes, Ele quer o mais corajoso entrou nessa casa aqui ó, a casa assombrada, daí ele pegou a espada e foi e matou todos os bichos, e para morar ele matou esse daqui arrancou essas árvores, aí ele pintou e arrumou por dentro e foi morar lá.*

Já no quinto encontro, ele cria outra história utilizando-se das alterações feitas pelos seus colegas, não mencionando mais as migalhas como alimento para peixes, mas as transforma em helicóptero como imaginado por um colega, acrescentado, assim, muitos outros detalhes recordados de filmes de batalha. É possível também perceber fatos do cotidiano nas narrativas, em que o menino descreve a reforma da casa para que seja possível aos personagens viverem ali:

**Hulk B** – *Era uma vez um dragão nas montanhas, ele estava soltando fogo e ele achou uma cesta de doces... e daí ele... o príncipe veio com uma espingarda e o dragão soltou fogo e matou ele, daí ele chamou o helicóptero ele estava em cima com um sniper [sniper?] -É aqueles lá que seguram assim (gesticulou mira com arma,) que tem que ficar escondido, porque se não ficar escondido os cara dão um tiro Nester. [ah! ... continue.] ...Daí ele tinha uma cesta de doces, tinha queijo, Toddyinho, uva, caderno e folhas de chá, daí ele pegou a fera, [o dragão pegou?] ...É, a Fera e esses três viraram amigos, [...] Fera foi para cá [casa assombrada], o dragão foi para cá para outra casa assombrada e o Príncipe entrou e foi aqui, daí o príncipe achou uma poção ele botou na porta ele fez um dragão que solta fogo e daí ele destruiu dragão e daí ele achou migalhas de pão, e o Príncipe, o dragão e a Fera, eles tiraram todas as coisas assombradas, eles botaram coisas novas, mataram todos os morcegos e arrancar o daqui essas chaminés voltaram tudo novo, deixaram a casa assim... assim boa, eles pegaram, compraram coisas novas, mataram todos os morcegos e tiraram essa árvore daqui, tiraram essa... e tiraram essa, e daí eles pegaram e arrumaram as coisas tudo assim e daí eles foram para sair, e daí eles acharam um carrinho... uma carroça (carruagem), daí eles entraram e foram... e foram, e foram, até que numa hora eles chegaram num castelo e tinha uma princesa triste chorando e eles pegaram ela deixaram na casa deles, daí eles abandonaram ela, o príncipe quis ficar com ela, daí a fera e o dragão ficaram aqui no castelo (torre), e daí eles foram para caçar um túnel, daí lá tinha casa... uma casa de doce e daí eles encontraram uma bruxa, daí eles correram para chamar o príncipe, eles trancaram o túnel, daí o príncipe veio e a princesa e daí eles acharam uma poção e jogaram com a varinha e daí ela foi morar com o príncipe na casa que eu falei e fim.”(Quinto encontro)*

A riqueza das narrativas está no fato de misturar fantasia com realidade, criando novas histórias baseadas na vida cotidiana e no mundo da imaginação. A autoria não é exclusivamente elaborada por uma única mente, ela é inspirada nas criações alheias, influenciadas pelas vivências do autor e sua imaginação criativa.

No decorrer da pesquisa, a colaboração esteve sempre presente, muitas vezes influenciando os narradores e tornando as histórias uma construção coletiva. No que diz respeito às coautorias das narrativas, pode-se observar como a história de cada criança ia sendo influenciada pela interferência dos colegas no momento de cada fala, como no exemplo a seguir: **Gavião Arqueiro** – “Era uma vez um príncipe (rei) que morava no castelo de uma bruxa (casa assombrada), e ele achou um pincel, {flauta}, [pode ser um pincel!], [O que mais... o que mais que aconteceu?].... [O que a bruxa fez com a flauta] ela fez virar um pincel”. Aqui a criança elaborou o final da história de forma que a sugestão dos amigos fosse acatada.

As narrativas também foram influenciadas pelas narrativas elaboradas anteriormente, como nos exemplos abaixo:

**Batman** – Era uma vez uma fada e... Posso fingir que isso aqui é um foguete (torre)? [Pode] ...Daí encontra ou um foguete mágico, e encontrou um helicóptero quebrado da Guerra (migalhas de pão), e foi até lá no túnel (caverna), encontrou dois soldados {É João e Maria}...Mas eu quero fingir que é soldado... [que mais?] encontrou uma bruxa... [E o que aconteceu?] ...Ela estava armada com uma espingarda [E o que aconteceu com os soldados, com a bruxa e com o foguete?] ...daí eles decolaram de um túnel bem escuro que eles pensaram... pensaram que tinha um grande gigante que queria quebrar o helicóptero de novo deles, bem novo, que eles iam comprar, daí eles decidiram entrar no túnel, no túnel estava cheio de osso de dinossauro e mais comida e mais... e mais... e mais nada e só um túnel, o osso e uma comida, terminei.

**Lobo bonzinho** – Uma vez encontrou uma princesa, ela encontrou uma casa de doces e daí encontrou uma poção mágica e... [O que mais?] (sussurraram sugestões) daí tinha uma bruxa... [E o que ela fez?] ...e daí a bruxa viu um helicóptero e também um foguete, o foguete estava ali e daí a princesa subiu em cima do foguete e daí encontrou um livro lá na lua {pode fingir que é um livro mágico}, o livro mágico e daí ela criou uns soldados (João e Maria) e estavam armados e também a bruxa, e daí encontraram uma caverna que pensaram que tinham um gigante, mas daí não tinha, tinha um dinossauro rex e daí foram em cima do foguete e atiraram com a arma no dinossauro rex, daí eles colocaram a arma em cima do foguete e decolaram e daí a bruxa ficou lá com o dinossauro, mas daí atiraram bem no livro da bruxa, daí o dino morreu.

**Capitão América** – Um príncipe, daí achou uma floresta, acham as botas e colocou, e tinha bomba dentro e ele achou uma poção mágica e tomou e virou uma princesa, [fada], uma fada, e ela achou um helicóptero quebrado ele voou e caiu lá do espaço... [O que mais?], e daí veio duas criancinhas e pegaram ele, e salvaram e eles acharam uma bruxa e a bruxa transformou ele numa casa.

**Homem-Aranha B** – Tinha uma princesa que morava num... num...[lago] ...lago, tinha um carro de... de... abóbora (carruagem) e... que morava num castelo, e depois tinha um príncipe que ele caminhava numa floresta e vestiu uma bota que tinha uma bomba e tinha uma poção mágica e ele tomou... [o que mais?], e virou uma princesa e tinha uma caverna ele entrou na caverna e viu uma bruxa, e depois ele encontrou um livro mágico e depois engoliu... [O que mais?] ...que era da bruxa e depois tinha um espelho que tinha umas crianças em uma floresta que acharam um príncipe e depois tinha... [O que que o príncipe fez?] ...O príncipe foi capturado e salvaram ele [as crianças?] ...as crianças... fim

Ao utilizar a autonomia e a imaginação, e alterar as cartas de torre para foguete, migalhas de pão para helicóptero e João e Maria para soldados, estas foram sendo adotadas

pelas demais crianças e incorporadas em suas histórias, acrescentando outros detalhes a cada narrativa, como espingarda, bomba, dinossauro, o que fez do conjunto da narrativa desse grupo tornar-se rica em criatividade.

Fernandes (2003) pontua que a literatura infantil envolve a criança pelos sentidos antes de aguçar o intelecto. As obras literárias podem incentivá-las às ações de virtudes, de generosidade, de respeito ao outro e ao meio ambiente. Logo, a criança deve estar imersa no mundo das histórias infantis, desde muito cedo, para que antes que ela possa ter o hábito da leitura, ela tome o gosto pela literatura. Para a autora, é importante que a criança tenha livros ao seu alcance, para que ela mesma possa escolher os que mais lhe agrade, de modo que ela possa folheá-lo, apreciá-lo e fazer sua própria leitura das imagens, possibilitando a criação de sua própria história, baseada em sua criatividade.

No que se refere à formação das crianças, em relação às normas de condutas, foi possível reconhecê-las logo na escolha do nome fictício de um menino, quando disse que desejava chamar-se lobo bonzinho; e nas narrativas desta mesma criança que descreveu traços positivos em seus personagens ou finalizou algumas de suas histórias com a mudança das características dos seus personagens que, a princípio, eram maus e tornaram-se bons no final.

***Lobo Bonzinho** – Era uma vez um lobo feliz[...]*

***Lobo Bonzinho** – [...] e daí tiveram um soldado e daí ele encontrou uma princesa e daí apaixonou, e daí ele falou assim: Quer casar comigo? – Quero! E Viveram felizes e fim.*

Nas duas situações acima, percebe-se a expressão de felicidade no personagem que, ao contrário do citado nos clássicos literários, ele citou como sendo feliz. Bem como nas narrativas abaixo, nas quais ele edifica os personagens maus, transforma o negativo em algo positivo:

***Lobo Bonzinho** – Era uma vez um lobo que encontrou uma casa de doces ele achou uma varinha mágica e transformou a casa de doces em uma casa de verdade.*

***Lobo bonzinho** – Era uma vez um príncipe, que daí encontrou a casa mal assombrada e encontrou uma maçã... [O que ele fez?] Ele comeu, daí ele sentiu uma força e daí ele chamou os soldados e ordenou uma guerra contra a fera e daí ele mandou o helicóptero encontrar a fera né, e a fera estava numa caverna, daí encontrou um anão, daí mandou para pegar a fera e aí ele estava com uma metralhadora pegou a fera e colocou... e tiraram, e a fera virou bonzinho, tudo bem.*

***Lobo bonzinho** – [...] e daí foram lá para o castelo, e daí mandou... mandou um helicóptero, um a jato para destruir a casa... a casa assombrada para... para... para... matar a fera, porque a fera matou todos os soldados do castelo. Daí o rei falou: espera eu vou aí te pegar, Porr, porr, porr. E daí a fera pegou o helicóptero balançou e não conseguiu, mas daí foram os soldados, pegou a fera e arrumou na cadeia e soltou, e soltou a fera, e a fera virou bonzinho.*

É possível observar, nas falas anteriores, que em todas as suas narrativas a criança destacou-se em relação a alguns de seus colegas, que apenas narravam as características conhecidas dos personagens e identificavam-se com personagens mais amados. Ele expressou o desejo de que tudo sempre acabe bem, seja em relação à felicidade dos personagens, ou a transformação na moradia ou na remição dos personagens que a princípio eram maus.

Fernandes (2003) pontua que a criança está mais inclinada a escolher os personagens mais amados, aquela que é a personalidade mais querida no conto, como as fadas, por exemplo, que representam proteção e segurança, ou outros personagens, heróis, mães, avós, que como elas representam o cuidado, o bem e a bondade.

Diante de todas as análises realizadas nessa pesquisa, pode-se verificar que as práticas das professoras entrevistadas e os seus discursos, estão condizentes com os pensamentos dos autores que embasaram essa dissertação, e que as contribuições da literatura infantil estão claramente incorporadas por elas. Além disso, pode-se também constatar que a criatividade das narrativas das crianças, é o resultado da imaginação, das experiências e do contato delas com a literatura infantil. Reconhecer nas suas falas elementos de construção coletiva de conhecimento e de princípios de condutas sociais evidencia a importância das práticas educacionais e da literatura infantil para a formação do sujeito.

## 6 PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES PARA A LITERATURA INFANTIL

Há milênios a humanidade sente a necessidade de registrar e expressar suas experiências de vida, de forma real ou fantasiosa. A literatura foi o principal veículo de transmissão, renovação ou revolução nas tradições e legados de um povo. E continua ainda sendo uma ferramenta importante no processo educativo, mesmo estando ambientada na era da imagem e do som. Em vista disso, nesse capítulo serão abordados a literatura infantil diante das novas realidades tecnológicas, suas perspectivas diante desse novo contexto mundial, seu futuro em ambientes de educação e de ensino, além das possibilidades para a literatura infantil nesse contexto de mudanças.

Souza (2016) salienta que a pedagogia educ comunicativa deve apoiar-se nos contextos sociais, diversidades culturais, econômicas e políticas. Os avanços tecnológicos, midiáticos e comunicacionais possibilitam práticas socioculturais, que vem conquistando a comunidade escolar e impondo novos desafios ao contexto educacional. Eles Promovem, assim, novas formas de viver sentir e pensar, novas formas de aprender e ensinar, inserindo professor e aluno no mundo das tecnologias e mídias. Repensar os desafios do trabalho pedagógico, por meio delas, visando a comunicação e a expressão também são metas da educomunicação.

No momento em que os termos oriundos do mundo digital começaram a fazer parte dos discursos educacionais e a valorização do conhecimento foi evidenciada, Santos (2013) constata que os alunos não utilizam mais as tecnologias para fins de instrução, mas sim de construção de conhecimento, desenvolvendo a criatividade e a cognição, o que para a autora, foi um ponto positivo, já que os educandos demonstram grande interesse pela sua existência.

Pereira (2017) discorre que a educomunicação, na visão latino-americana, aborda principalmente as relações de aprendizagem por meio do diálogo, motivando sensibilidades, percepções, interagindo de forma criativa com o tempo e o espaço, através de mediações culturais e das mídias, como forma de fortalecer os ecossistemas comunicativos. Envolvendo, assim, ampla dimensão social e embasando-se em uma relação igualitária, para a conquista de uma educação libertadora.

Pautado nas perspectivas das práticas educ comunicativas, nas possibilidades da literatura infantil para a construção de conhecimento e na sua importância para a formação do sujeito, abordadas anteriormente, pode-se destacar a gama de possibilidades que a união entre educomunicação e literatura infantil podem propiciar ao processo de ensino e aprendizagem. Por outro lado, preocupações surgem a respeito da possível crise a que a literatura pode estar

sendo submetida, e quais podem ser as possibilidades para resgatar ou elevar a valorização da literatura infantil diante de tantas opções de recreação e entretenimento.

Nessa perspectiva, Martín-Barbero (2014) pondera que a adversidade a que o livro e a literatura estão sofrendo se deve, em parte, às mudanças culturais que estão ocorrendo na sociedade atual, onde jovens e crianças estão tão absorvidos na cultura audiovisual que acabam por abandonar a literatura impressa.

Coelho (2000) também aponta para a possibilidade de existir lugar tanto para a literatura quanto para a literatura infantil nesse mundo tecnológico, onde a informática se difundiu com tanta intensidade. Porém, a autora pondera que a literatura continua muito presente nessa época de imagens e comunicação instantânea, apesar dos percalços a que vem sendo submetida.

Como visto no capítulo Educomunicação: conceito e perspectivas, em que foram abordadas as eras culturais elaboradas por Santaella (2013), pode-se observar que, em todas as mudanças culturais a cultura anterior não era extinta, mas, continuava perpetuando suas obras, muitas vezes aprimorada diante da nova realidade. Mediante o exposto, pode-se ponderar que a literatura infantil e as demais literaturas, assim como as eras culturais, sempre terão seu espaço garantindo nos ambientes de diversão, fantasia e de conhecimento. Algumas vezes na forma impressa e, em outras, adaptada ao mundo tecnológico como no caso da literatura digital ou da literatura digitalizada.

É possível encontrar praticamente qualquer obra literária no ciberespaço<sup>22</sup>, tanto obras digitalizadas, quanto as obras digitais. De acordo com Kirchof (2013), obras digitalizadas são aquelas que foram publicadas de forma impressa, e que só posteriormente foram copiadas e transmutadas para dentro de dispositivos digitais. Segundo o autor, já são inúmeras as obras que sofreram esse processo, umas foram digitalizadas com a finalidade de preservação de documentos, outras para facilitar o acesso. Essa diversidade de títulos vem possibilitando a expansão do conhecimento, ampliando a rede de alcance da literatura. Já a literatura digital, diferentemente da literatura digitalizada, é elaborada para o mundo digital, utilizando-se, ao mesmo tempo, da linguagem literária e da linguagem do ciberespaço.

Assim, é possível observar que:

Tanto a literatura digitalizada quanto a literatura digital são capazes de interferir em práticas sociais e culturais contemporâneas ligadas à escrita, à leitura e à fruição

---

<sup>22</sup> Ciberespaço é “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos [...], na medida em que transmitem informações proveniente de fontes digitais ou destinadas à digitalização” (LEVY, 1999, p. 85).

literária. Tais transformações e deslocamentos colocam desafios para qualquer campo pedagógico, mas são particularmente significativos para o campo do ensino da literatura (KIRCHOF, 2013, p. 12).

No que se refere à literatura no ciberespaço, Silva e Debus (2016) pontuam que a interatividade propiciada pela literatura digital, no qual o leitor faz suas próprias escolhas e seu próprio caminho no decorrer da história, diversificando as possibilidades, pode potencializar a diversão e o gosto pela literatura infantil. A leitura de literatura nas tecnologias digitais proporciona movimento, som, imagem e a participação ativa do leitor. “Consideramos que para a LI online ser significativa precisa ter valor literário e se apresentar diferente do texto impresso, com características que esse meio oferece” (SILVA; DEBUS, 2016, p. 182).

Gonçalves e Motter (2010) afirmam que as tecnologias auxiliam na aprendizagem de forma interativa, comunicativa e motivacional do aluno, tornando-o, ao mesmo tempo, emissor e receptor da informação, refletindo, compreendendo e agindo sobre a história. Os autores reiteram ainda, que o percurso da revolução digital vem tornando a construção de conhecimento mais prazerosa e a aprendizagem mais significativa para o educando.

É possível observar a inserção das tecnologias digitais no cotidiano de várias escolas. Muitos professores já utilizam esta ferramenta para fomentar o interesse do aluno e, conseqüentemente, obter melhores resultados no aprendizado da criança. Constatou-se essa inserção na prática das entrevistadas, pois todas confirmam a utilização de tecnologias em suas práticas. A P2 é objetiva ao dizer “*Sim, eu às vezes ah... eu procuro levar assim no, através do computador alguma história [...]*”.

A entrevistada P1 também relata:

*Ah não tem como não usar, eles estão no mundo da tecnologia, então o meu celular acaba passando de mão em mão, o computador, hoje ainda vou fazer uma atividade com o computador com eles trazer do Sítio do Pica-pau Amarelo para que eles assistam a lenda do Saci, então não tem como a gente não usar tecnologia, porque é o mundo que eles vivem hoje em dia, então a gente acaba usando para que eles também se sintam mais à vontade (P1).*

Do mesmo modo, a P4 afirma: “*A gente utiliza o DVD, o pen drive às vezes, eu passo alguma... tipo ali no folclore, tinha historinhas curtinhas, eu passei para o pen drive e passei para eles para eles entenderem... [No notebook?] No notebook, aham*”.

Também é possível perceber a utilização de outros tipos de tecnologias na prática das professoras, como no relato da P3:

*Uma vez por semana, eu tenho os clássicos no CD, aí se eu conto alguma história, depois eu coloco para ele assistir, para eles verem outras maneiras, as gravuras, como é que é, porque você mostrando, tipo no avental, no livro não é a mesma coisa do que eles estarem vendo lá na televisão, os detalhes de tudo.*

Diante dos relatos acima, podemos constatar que, para as professoras, as tecnologias são apenas ferramentas no auxílio da aprendizagem, permanecendo os livros impresso e outros instrumentos de narrativas como principais elementos para a construção de conhecimento e desenvolvimento da imaginação, criatividade e gosto pela leitura.

A educação, aliada às novas tecnologias, vem realizando contribuições consideráveis no sistema de ensino. Silva (2011) acrescenta que o livro eletrônico também vem viabilizando inúmeras possibilidades de interatividade no ambiente virtual, possibilitando participações sonoras, verbais e visuais, além da sua participação na construção dos textos, a escolha do percurso e da estrutura da história fazendo do leitor um coautor da narrativa.

Por outro lado, Cabello (2014) observa que muitas são as preocupações diante da inclusão digital, já que muitos demonstram dificuldades no uso de tecnologias e diante de tantas evoluções tecnológicas ninguém pode estar excluído. Esta parece ser uma preocupação legítima, já que as tecnologias afetam a educação, a qualificação profissional e a qualidade de vida de modo geral.

A literatura digital pode revelar limitações no ambiente escolar, Kirchof (2013) constata que, por ser ainda uma forma de literatura pouco conhecida, até mesmo entre professores, como também, por exigir tecnologias digitais para viabilizar o seu acesso, o que não é possível em qualquer instituição de ensino, são poucas as práticas pedagógicas que utilizem dessa literatura.

Tomando por base a necessidade de oportunizar o acesso às tecnologias digitais, Cabello (2014) reitera que é necessário haver uma mudança de atitude diante delas. Ações que promovam a aprendizagem, a busca por informações, saber como e para que utilizá-las, modificando-as e adaptando-as às próprias necessidades. Isto para que uma mudança em sala de aula seja possível e que o professor possa desenvolver o seu trabalho com entusiasmo, de modo a promover a participação coletiva e colaborativa de todos, propiciando condições de compreensão da realidade, para agir sobre ela e transformá-la.

Para uma efetiva mediação é necessário que se se tenha conhecimento daquilo que se deseja mediar. O professor deve estar constantemente buscando formação, atualizando o seu conhecimento e aprimorando suas habilidades quanto às suas metodologias de ensino e à familiaridade com os aparatos tecnológicos.

Para Cabello (2014), a inclusão digital efetiva é aquela em que o indivíduo tem conhecimento suficiente para poder utilizar-se dos recursos tecnológicos com eficácia, de forma a melhorar suas condições de vida e de modo a ampliar suas formas de comunicação e expressão. Corroborando com isso Kirchof afirma que:

O professor de literatura na era da digitalização se vê, portanto, frente a um cenário desafiante, que apresenta simultaneamente a enorme vantagem propiciada pela disponibilização jamais antes vista de acervos e obras, que apresenta simultaneamente a enorme vantagem propiciada pela disponibilização jamais antes vista de acervos e obras, juntamente com a desvantagem de uma demanda igualmente crescente quanto à respectiva formação de um repertório cultural e acadêmico em torno das obras, tarefa que parece estar sendo absorvida fortemente pela cultura das mídias. (KIRCHOF, 2013 p.19).

Para ser um bom professor, não basta deter os conteúdos e compreender os conceitos, Gianotto (2011) define que é primordial ter domínio de estratégias didáticas variadas, técnicas e tecnologias educacionais, que auxiliem a compreensão do aluno. Kirchof (2013) observa que, diante da complexidade da elaboração das obras literárias nos ciberespaços, para seu efetivo acesso e utilização nos ambientes educacionais, são necessárias formações interdisciplinares e novas metodologias de avaliação.

Para que o processo de formação de leitores seja mais eficaz, Gonçalves e Motter (2010) reiteram que o educador deve propiciar a participação ativa e a interação constante por parte dos educandos, de acordo com a especificidade e individualidade de cada um, instrumentalizando-os para a interpretação do espaço simbólico da literatura e para a formação crítica e autônoma do leitor.

Por meio de conhecimento prévio dos dispositivos tecnológicos, o professor pode trabalhar de forma educacional, valendo-se das obras literárias infantis disponíveis na *web*, para envolver seus alunos na troca de conhecimento e na criatividade e autoria de novas obras de contos infantis. Tomando por base a contextualização acima, Bergomás (2014) ratifica que a *web* é um ambiente onde relações podem ser constituídas, interagindo com o uso das informações em prol da construção de conhecimento, de forma a desenvolver a expressão, a interatividade, a participação e a colaboração coletiva.

Gonçalves e Motter (2010, p. 9), afirmam que:

Ao utilizar-se das Tecnologias de Comunicação Digital (TCD) no processo de aprendizado, busca-se uma possibilidade do usuário participar ativamente, de modo que todos os sujeitos envolvidos troquem, negociem e façam um intercâmbio de saberes. Essa possibilidade de imersão vai ao encontro ao texto literário quando permite que o indivíduo imerja com maior profundidade na significação do texto e se projete na leitura, tendo um aproveitamento maior dos signos ali expostos.

É possível observar, nos dias de hoje, que há espaço na *web*, tanto para a literatura infantil quanto para as demais literaturas. Silva (2011, p. 02), afirma que, “A *Internet* é acima de tudo um campo para divulgação de ideias e conhecimento; nesse campo denominado de ciberespaço a literatura encontrou um meio ideal para sua propagação”. Dessa forma, pode-se constatar a diversidade de possibilidades de acesso disponível nesse campo. São inúmeros os *sites* que difundem tanto histórias novas para crianças, como os clássicos da literatura infantil<sup>23</sup>. Desta forma, cabe aos educadores, de modo geral, aprimorar nas crianças o gosto pela leitura, seja ela impressa ou digitalizada.

No que diz respeito às literaturas infantis atuais, a impressa ou a digital, Silva e Debus (2017) enfatizam que ambas são agentes de incontáveis possibilidades para potencializar a formação do leitor, tanto uma quanto a outra enriquecem e diversificam as possibilidades de leitura. Portanto, nenhuma substituirá e nem será substituída pela outra, pois em cada acesso que o aluno tiver ao mundo da leitura, mais ele intensificará seu convívio com a literatura, fomentando sua formação como leitor.

Ao vislumbrar o futuro da literatura infantil impressa, Silva (2011) pontua que a sua extinção, em detrimento da implantação da educação tecnológica, violaria o direito do leitor em manusear o livro impresso e desrespeitaria seu direito a escolher entre as obras digitalizadas e as obras impressas.

Como o uso das mídias mais antigas, a utilização das mídias digitais deve ser dirigida de forma a trazer benefícios à educação de jovens, crianças e inclusive adultos, conforme relata Almeida (2016). A escritora complementa dizendo que, tendo como meta da educação a construção de conhecimento, o desenvolvimento do senso crítico, a formação da cidadania, o respeito às diferenças e a construção de um mundo melhor, pode-se dizer que as TICs e a literatura têm um imenso papel de suporte nesse processo.

Ademais, não se pode deixar de observar que tanto as tecnologias digitais quanto as obras de literatura infantil são amplos suportes de comunicação e de aprendizagem e, se separadas, cada uma pode contribuir efetivamente com a construção de conhecimento e a formação da criança. Pondera-se que, unidas, elas podem contribuir ainda mais prol do desenvolvimento humano.

---

<sup>23</sup> É possível acessá-los em: [www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br), <http://turmadamonica.uol.com.br/quadrinhos/>, <https://issuu.com/issulivros/docs>, <http://www.planetinha.com.br/era-uma-vez>, <http://www.elivros-gratis.net/elivros-gratis-infanto-juvenil.asp>, <http://www.leiturinha.com.br/>, entre outros.

Diante de tantas possibilidades disponibilizadas pelos desenvolvimentos tecnológicos e das inúmeras perspectivas educativas a que tais avanços vislumbram, não é possível estagnar-se no passado e deixar de usufruir desses avanços a que todas as áreas do conhecimento têm acesso. Transformações acontecem, adaptações ocorrem, contudo, o tradicional também pode coexistir junto ao contemporâneo. A literatura infantil impressa continua atuante nos ambientes educativos e recreativos, assim como a literatura infantil digital e digitalizada vem conquistando seu próprio espaço e ambas podem, cada uma à sua maneira, contribuir com o desenvolvimento da criança.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os motivos que impulsionaram a pesquisa e o tema de estudo em questão foram inúmeros, mas, o que mais pode ser destacado aqui, é o amor da pesquisadora pela literatura infantil e suas possíveis contribuições para o aprendizado da criança. Sabe-se que a literatura desperta a imaginação, o interesse, faz a criança sonhar e viver como se fizesse parte da história. No entanto, o motivo dessa pesquisa não é falar sobre o que se sabe, mas sim investigar o que mais tem para ser conhecido e em que esse estudo pode contribuir.

Primeiramente, pode-se dizer que, além de a literatura infantil contribuir no desenvolvimento lúdico da criança, ela também possibilita ao leitor ou ao ouvinte de uma narrativa conhecer lugares, culturas, ver perspectivas diferentes aprendendo a respeitá-las e construir novos conhecimentos a partir dos vários contextos, compreendendo melhor o mundo. Utilizando-a em contextos educacionais, tornamos a aprendizagem mais prazerosa, auxiliando também na formação do sujeito, já que construir a partir do que se lê e do que se vive facilita a construção de conhecimento. A literatura infantil também auxilia na resolução de conflitos internos, levando o sujeito a aprender a lidar com sentimentos, despertando emoções, criando sua identidade.

No que diz respeito ao letramento, o contato com livros possibilita ao leitor associar imagens, reconhecer símbolos, estimulando experiências no cérebro. Assim, o contato com a literatura possibilita tanto a decodificação dos signos linguísticos para a leitura das palavras quanto para a leitura de mundo.

Vale ressaltar que a pesquisa foi além do que a literatura sozinha pode realizar. Buscou-se também associá-la às práticas educacionais, na tentativa de potencializar as contribuições da literatura para a formação da criança. No ambiente pautado em práticas educacionais o sujeito deve ter a liberdade de expressar-se de forma aberta com colegas e professores, onde todos constroem o conhecimento horizontalmente de maneira colaborativa. Deste modo, todo conhecimento é valorizado e o sistema de ensino torna-se uma rede de compartilhamento de conhecimentos no qual a aprendizagem acontece motivada pela cooperação mútua, mediada pelo educador.

Comunicar e educar são ações que se inter-relacionam, de forma que para educar é preciso comunicar-se e, à medida que se dialoga está se educando. Assim, a comunicação é o meio e a habilidade imprescindível ao processo educacional.

Para a educomunicação, os espaços de construção do conhecimento devem ser democráticos, solidários, significativos e reflexivos, nos quais toda e qualquer tecnologia é um instrumento da inter-relação entre a informação e os sujeitos.

Como visto anteriormente, a educação é direito de todos, e essa é o reflexo da sua formação cultural e da soma dos conhecimentos compartilhados até o momento. Assim como o conhecimento transforma os indivíduos pela sua inter-relação com o outro, tanto no seu exterior como na sua espiritualidade, mudando uma sociedade, ou até mesmo de maneira global, influenciando no desenvolvimento do planeta, também a cultura muda pela sua interferência. Santaella (2013) define cada período dessa mudança como “era cultural”, na qual a cultura se ajusta a cada nova descoberta, a cada mudança tecnológica.

As narrativas existem há milênios e são inerentes a inúmeras culturas. O hábito de contar e de ouvir histórias conserva-se até os dias atuais. Contudo, é necessário dispor de certas habilidades para desenvolvê-la, competências que com encantamento e entusiasmo podem ser aprendidas. Crianças que ainda não sabem ler necessitam ouvir histórias que as introduzam ao mundo da leitura para que, desde muito pequenas, possam familiarizar-se com a literatura infantil e desenvolver o interesse pelas obras literárias. Desta forma, quando tiverem em mãos um livro, terão o desejo de saber o que está ali, ou tentarão elas mesmas interpretá-los.

Foi gratificante a realização dessa pesquisa, ouvir as crianças e identificar o conteúdo imaginativo e criativo das suas narrativas, bem como, buscar entre elas saberes existentes e presenciar o conhecimento sendo construído coletivamente, por meio da criatividade, imaginação e colaboração foi recompensador. O contato prévio das crianças com a literatura infantil contribuiu imensamente nesse resultado já que, baseando-se no relato das professoras, as crianças da educação infantil, convivem com a literatura quase que diariamente. Perceber que parte da responsabilidade por essas habilidades é oriunda, não só do contato das crianças com a literatura infantil, como também é responsabilidade das práticas pedagógicas comunicativas das professoras da educação infantil, que ao desenvolver esse trabalho, em que as crianças podem se expressar e desenvolver suas atividades de forma cooperativa e criativa, estão, ainda que inconscientemente, trilhando pelos caminhos da educomunicação, foi esclarecedor.

Unir nessa pesquisa a literatura infantil com práticas educacionais na pesquisa reforçou ainda mais as possibilidades existentes com essa inter-relação, como a construção coletiva de conhecimento, a possibilidade de ler e compreender o mundo, construindo possibilidades de participação efetiva nos espaços e nos grupos de sua convivência. Além da aprendizagem possibilitada pelas práticas já realizadas pelas professoras entrevistadas, como o

desenvolvimento da expressividade, da criatividade e da socialização, na realização de rodas de conto, nos quais todos tem a oportunidade de se comunicar, de contribuir, de criar, de refletir sobre o que já foi criado; as encenações teatrais, nas quais todos podem participar e desenvolver sua expressão oral e corporal. Todos estes são exemplos de como a literatura infantil, no contexto da educomunicação, pode contribuir nos processos de construção de conhecimento e na formação humana. Também é possível destacar a forma lúdica como as professoras tentam compartilhar, por meio da literatura infantil, conhecimentos pertinentes necessários para o seu desenvolvimento. Saberes que contribuirão para que a criança se torne um futuro leitor tanto dos signos linguísticos quanto do mundo que a cerca, tornando-se um cidadão participativo, crítico e criativo, consciente das injustiças do mundo, reflexivo em relação as suas práticas de forma a estar sempre buscando melhorá-las e tornar-se um promotor do bem coletivo.

Foi importante conhecer e disponibilizar a futuros leitores desse trabalho, os caminhos trilhados pela literatura infantil e as possibilidades de aprendizagem propiciadas pela interação da criança com o mundo da literatura. Além de descobrir que existe uma infinidade de obras, estrangeiras ou nacionais disponíveis aos leitores, que sabendo escolher ou tendo auxílio para discernir as que tem algo a ensinar das que nada tem a contribuir, podendo assim escolher as que mais lhes edificarem, auxilia no desenvolvimento do senso crítico do leitor.

Reconhecer as inúmeras possibilidades de aprendizagem propiciadas pela literatura infantil na formação da criança como cidadã, como pessoa e como leitora, nos leva a constatar a sua relevância para a sociedade, firmando a probabilidade de que sempre haverá lugar para esse instrumento rico em conhecimento e possibilidades que é a literatura infantil. No entanto cabe ao professor sempre disponibilizar a criança obras de literatura infantil de forma que desperte o seu interesse mantendo-se sempre atualizado e apresentando a elas novas possibilidades de leitura e interação com a literatura.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosura e bobices**. 2 ed. São Paulo: Scipione, 2001.
- ALMEIDA, Lígia Beatriz Carvalho. **Projetos de intervenção em educomunicação**. 2016. Disponível em: [https://dadospdf.com/download/projetos-de-intervenao-em-educomunicacao-\\_5a4d1341b7d7bcab67312e8b\\_pdf](https://dadospdf.com/download/projetos-de-intervenao-em-educomunicacao-_5a4d1341b7d7bcab67312e8b_pdf). Acesso em: 08 fev. 2019.
- ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Tradução José Fonseca. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BALDISSERA, Rudimar. A comunicação no (re)tecer da cultura organizacional. **Revista Latino Americana de ciências de la comunicação**, São Paulo, ano 6, n. 10, p. 52-62, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://www.alaic.org/revista/index.php/alaic/article/view/82>. Acesso em: 08 fev. 2019.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a Literatura e a História da Cultura**. Tradução Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BERGOMÁS, Gabriela A. Nuevas relaciones con el conocimiento. *In*: SARTORI, Ademilde (org.). **Educomunicação e criação de ecossistemas comunicativos: diálogo sem fronteiras**. Florianópolis: DIOESC, 2014.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução Cirlene Caetano. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BIOGRAFIA de Esopo**. PENSADOR. 7 Graus © 2005 - 2018 Disponível em: <https://www.pensador.com/autor/esopo/biografia/>. Acesso em: 25 abr. 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. dez. 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/12/BNCC\\_19dez2018\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/12/BNCC_19dez2018_site.pdf). Acesso em: 26 fev. 2019.
- CABELLO, Roxana. Tecnocultura escolar: hacia una efectiva inclusión digital. *In*: SARTORI, Ademilde (org.). **Educomunicação e criação de ecossistemas comunicativos: diálogo sem fronteiras**. Florianópolis: DIOESC, 2014.
- CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.
- CAMPOS, Maria Inês Batista. **Ensinar o prazer de ler**. São Paulo: Olho d'Água, 2005.
- CANANI, Carlos Eduardo. **Narrativas digitais de professores: perspectivas educacionais para as práticas pedagógicas**. 2018. 162 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Planalto Catarinense, Lages, 2018. Disponível em: <https://biblioteca.uniplaclages.edu.br/biblioteca/repositorio/000000/00000066.pdf>. Acesso em: 08 fev. 2019.
- COELHO, Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade**. 10. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria análise didática**. 7. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

CRISTÓFANO, Sirlene. **A formação de leitores ativos e múltiplos suportes.** 2010. Disponível em: <http://www.ufjf.br/darandina/files/2010/12/A-Literatura-e-as-Novas-Tecnologias-A-Forma%20de-Leitores-Ativos-em-M%20suportes.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2018.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: teoria e prática.** 18. ed. São Paulo: Ática, 1999.

FERNANDES, Dirce Lorimier. **A literatura infantil.** São Paulo: Edições Loyola, 2003.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se complementa.** São Paulo: Cortez, 1982.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 50.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France,** pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 10. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

GIANOTTO, Dulcinéia Ester Pagani. **Os saberes necessários à prática pedagógica do professor de ciências.** Universidade Estadual de Maringá/UEM. 2011. Disponível em: <http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/viiiinpec/resumos/R0230-2.pdf> Acesso em: 19 ago. 2017.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais.** 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

GONÇALVES, Alisson Roberto; MOTTER, Rose Maria Belim. **O uso de tecnologias digitais no ensino de literatura para crianças.** 2010. Disponível em: [http://cac.php.unioeste.br/eventos/iisnel/CD\\_IISnell/pages/simposios/simposio%202005/OUSODETECNOLOGIASDIGITAISNOENSINODELITERATURAPARACRIAN%20C7AS.pdf](http://cac.php.unioeste.br/eventos/iisnel/CD_IISnell/pages/simposios/simposio%202005/OUSODETECNOLOGIASDIGITAISNOENSINODELITERATURAPARACRIAN%20C7AS.pdf). Acesso em: 15 fev. 2018.

JAEGER, Werner Wilhelm. **Paidéia: a formação do homem grego.** Tradução Artur M. Parreira. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

KAPLÚN, Mário. **Una pedagogia de la comunicación.** Madrid: Ediciones de la Torre, 1998.

KIRCHOF, Edgar Roberto. Ensino de literatura na era da cultura digital: obras digitalizadas e digitais. In: SANTOS, Alckmar Luiz dos; SANTA, Everton Vinicius de (org.) **Literatura, arte e tecnologias.** Tubarão: Copiart, 2013.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura de mundo.** 3. ed. São Paulo: Ática, 1997.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: História e histórias.** 6. ed. São Paulo: Ática, 2002.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

MACHADO, Ana Maria. **Como e porque ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MANZINI, Eduardo José. Uso da entrevista em Dissertações e Teses produzidas em um Programa de Pós-graduação em Educação. **Revista Percurso – NEMO**, Maringá, v. 4, n. 2, p. 149-171, 2012. Disponível em: <http://docplayer.com.br/8436330-Uso-da-entrevista-em-dissertacoes-e-teses-produzidas-em-um-programa-de-pos-graduacao-em-educacao.html>. Acesso em: 27 fev. 2017.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. Tradução Maria Immacolata Vassallo de Lopes e Dafne Melo. São Paulo: Contexto, 2014.

MATILLA, Agustín García. La educación midiática desde la educomunicación. **Revista de educomunicación**, Soria, n. 1, abr. 2016. Disponível em: [https://issuu.com/miriamtello/docs/revista\\_de\\_educomunicaci\\_\\_n-abril\\_2](https://issuu.com/miriamtello/docs/revista_de_educomunicaci__n-abril_2). Acesso em: 27 fev. 2017.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

PEREIRA, Antônia Alves. **Educomunicação: um diálogo criativo com a pedagogia de Dom Bosco**. Porto Alegre: Editora Fi, 2017. Disponível em: <https://www.editorafi.org/173antoniaalves> Acesso em: 05 fev. 2018.

PLATÃO, **A República**. Tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAgJpIAG/livro-metodologia-trabalho-cientifico-metodos-tecnicas-pesquisa-trabalho-academico-2-ed-prodanov>. Acesso em: 24 abr. 2012

RAMOS, Dina Isabela Lemos, **Literatura infantil na Madeira**. Universidade da Madeira, Centro de Competências de Artes e Humanidades. Ilha da Madeira. 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.13/1788>. Acesso em: 03 nov. 2016

SANTAELLA, Lúcia. **Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano**. São Paulo: Paulus, 2013.

SANTOS, Vanice dos. **Ágora digital: o cuidado de si no caminho do diálogo entre tutor e aluno em ambiente virtual de aprendizagem**. Jundiaí: Paco. 2013.

SARTORI, Ademilde Silveira; KORNATZKI, Luciana. **Literatura infantil e educomunicação: relações para pensar seu uso no espaço escolar**. V Simpósio Nacional ABCiber - Novembro de 2011 – UDESC/UFSC. Disponível em: <https://abciber.org.br/simpósio2011/anais/Trabalhos/artigos/Eixo%201/14.E1/386-644-1-RV.pdf>. Acesso em: 27 out. 2017.

SILVA, Antonio Carlos Braga. **A Literatura na era digital**. Artigo apresentado no XII Congresso Internacional da ABRALIC, 2011. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC1118-1.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2018.

SILVA, Erika; DEBUS, Eliane Santana Dias. A literatura infantil em diálogo com as mídias digitais: análise do *site* educativo O Pequeno Leitor. **Texto digital**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 161-184, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/1807-9288.2016v12n2p161>. Acesso em: 08 jul. 2017

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Paulinas, 2011.

SOARES, Ismar. **Mídias na educação**. NCE – USP. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8iMyk4ddXZI>. Acesso em: 28 fev. 2018.

SOUZA, Edemilson Gomes de. **A prática pedagógica educ comunicativa como estímulo ao diálogo da comunidade escolar: aprendizagem colaborativa e protagonismo juvenil**. Recife: Centro de Convenções de Pernambuco, 2016. 5º Congresso Marista de Educação. Disponível em: <http://www.congressomarista.com.br/wp-content/uploads/2016/10/006-1.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2018.

SOUZA, Glória Pimentel Correia Botelho de. **A literatura infanto-juvenil brasileira vai muito bem, obrigada!** São Paulo: DCL, 2006.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

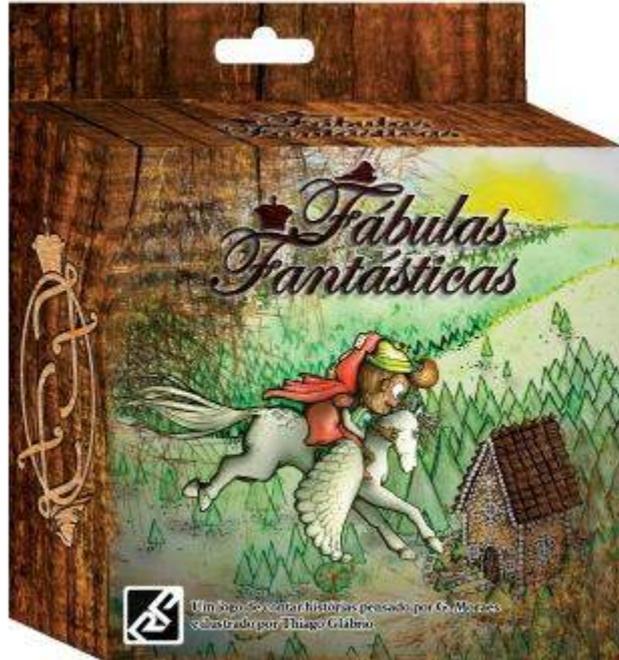
VIEIRA, Sonia. **Como elaborar questionários**. São Paulo: Atlas, 2009. 1 recurso online. Acesso em: 28 out. 2017.

WERNER, Patrícia Constâncio. **A leitura e os leitores na escola: um olhar sobre a leiturização na formação continuada dos seus sujeitos**. 1999. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 1999.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. **Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e texto**. 3. ed. São Paulo: Global, 1988.

## ANEXO A - CARTAS DE FÁBULAS FANTÁSTICAS

Figura 3: Embalagem das cartas



Fonte: [http://retropunk.net/editora/cardgames/fabulas\\_fantasticas/](http://retropunk.net/editora/cardgames/fabulas_fantasticas/)

Figura 4: Categorias de cartas



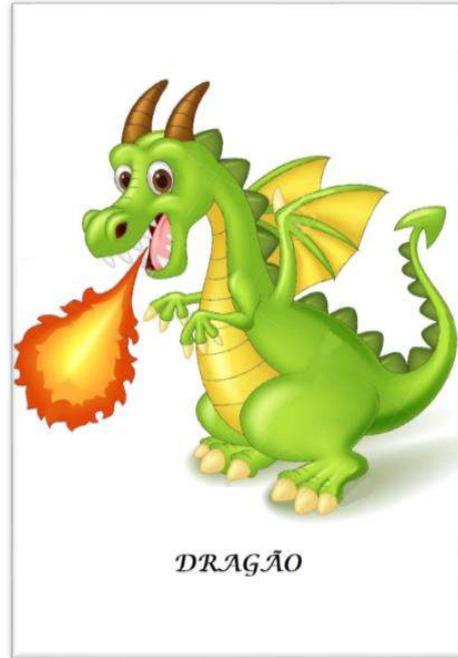
Fonte: [http://retropunk.net/editora/cardgames/fabulas\\_fantasticas/](http://retropunk.net/editora/cardgames/fabulas_fantasticas/)

**APÊNDICE A – CARTAS DE CONTOS ELABORADAS PELA AUTORA****Categoria Personagens****Figura 5: Carta Alladin****Figura 6: Carta Alice****Figura 7: Carta da Bela****Figura 8: Carta da Bruxa**

**Figura 9: Carta da Chapeuzinho Vermelho**



**Figura 10: Carta do Dragão**



**Figura 11: Carta do Duende**



**Figura 12: Carta da Fada**



Figura 13: Carta da Fera



Figura 14: Carta do Gato de Botas



Figura 15: Carta do Gênio

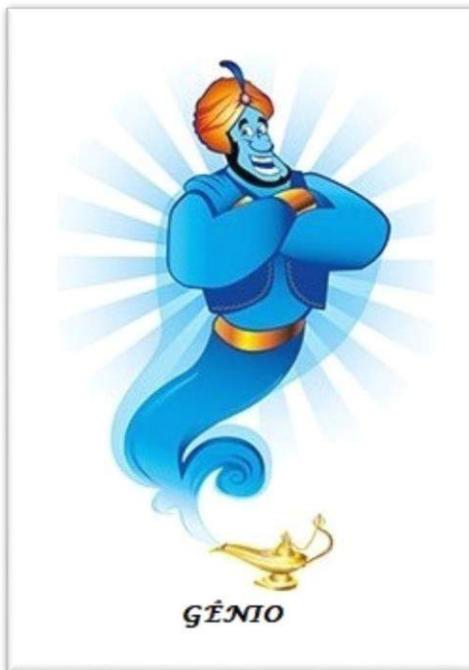
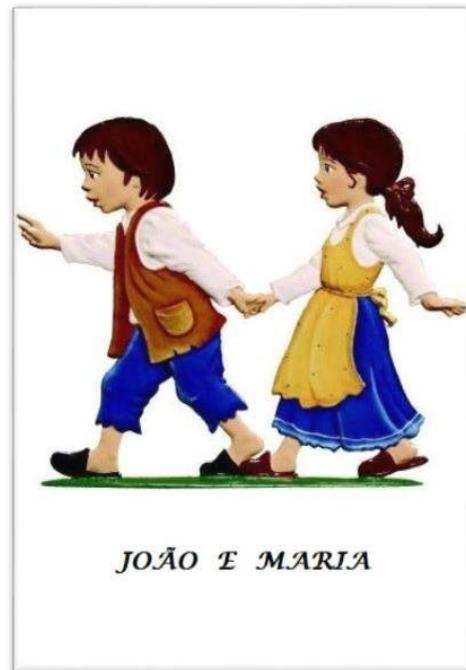


Figura 16: Carta de João e Maria



**Figura 17: Carta do Lobo Mau**



**Figura 18: Carta do Ogro**



**Figura 19: Carta do Pinóquio**



**Figura 20: Carta da Princesa**



Figura 21: Carta do Príncipe Encantado



Figura 22: Carta do Príncipe Sapo



Figura 23: Carta da Rainha



Figura 24: Carta do Rei



**Figura 25: Verso das cartas dos personagens**



## **Categoria Lugares**

**Figura 26: Carta do bosque encantado**



**Figura 27: Carta da casa assombrada**



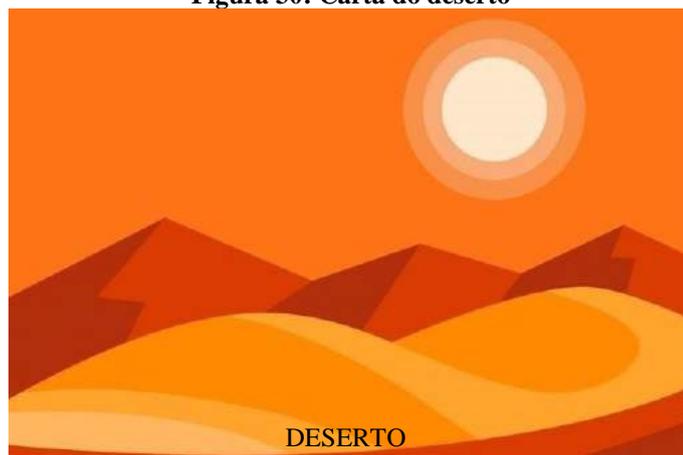
**Figura 28: Carta da casa de doces**



**Figura 29: Carta da caverna**



**Figura 30: Carta do deserto**



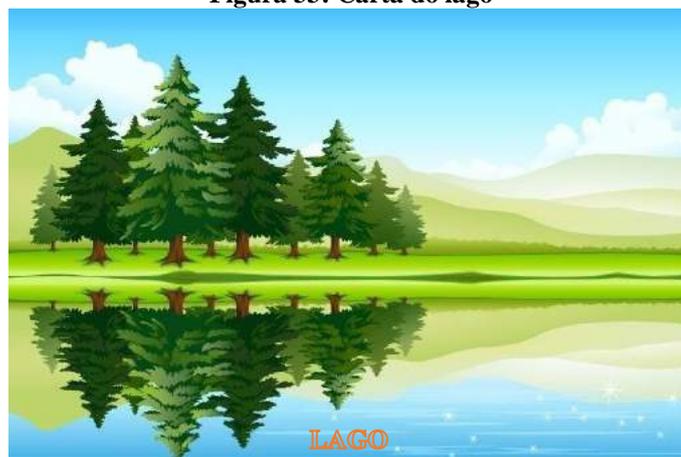
**Figura 31: Carta da floresta**



**Figura 32: Carta do jardim secreto**



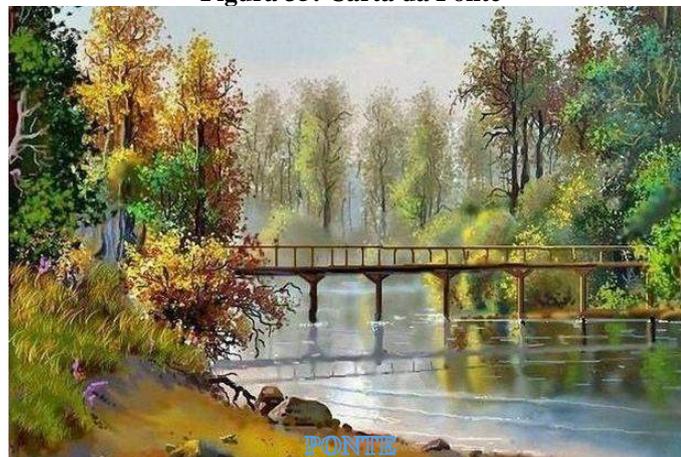
**Figura 33: Carta do lago**



**Figura 34: Carta das montanhas**



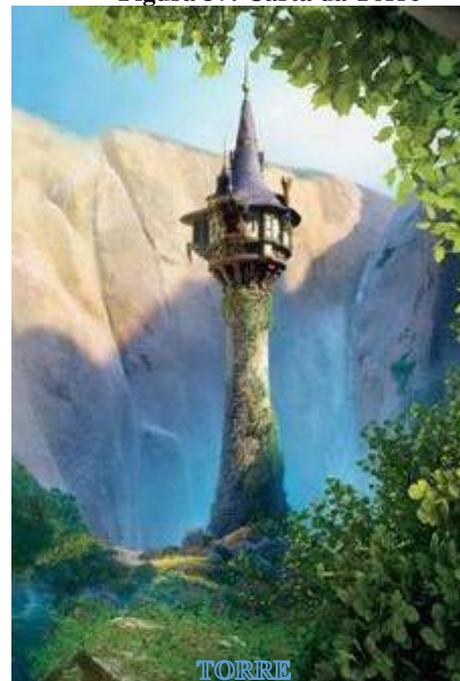
**Figura 35: Carta da Ponte**



**Figura 36: Carta do Castelo Encantado**



**Figura 37: Carta da Torre**



**Figura 38: Verso das cartas dos lugares**



### **Categoria Objetos**

**Figura 39: Carta das botas mágicas**



*BOTAS MÁGICAS*

**Figura 40: Carta da Carruagem**



*CARRUAGEM*

**Figura 41: Carta da Cesta de doces**



*CESTA*

**Figura 42: Carta do Espelho Mágico**



*FLAUTA*

**Figura 43: Lâmpada do Gênio**



*LÂMPADA DO GÊNIO*

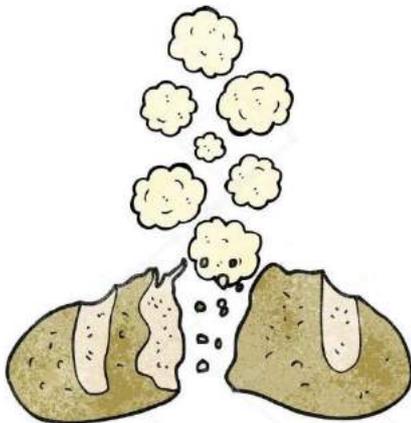
**Figura 44: Carta do espelho mágico***ESPELHO MÁGICO***Figura 45: Maçã envenenada***MAÇÃ***Figura 46: Migalhas de Pão***MIGALHAS***Figura 47: Poção Mágica***POÇÃO MÁGICA*

Figura 48: Livro de Feitiços

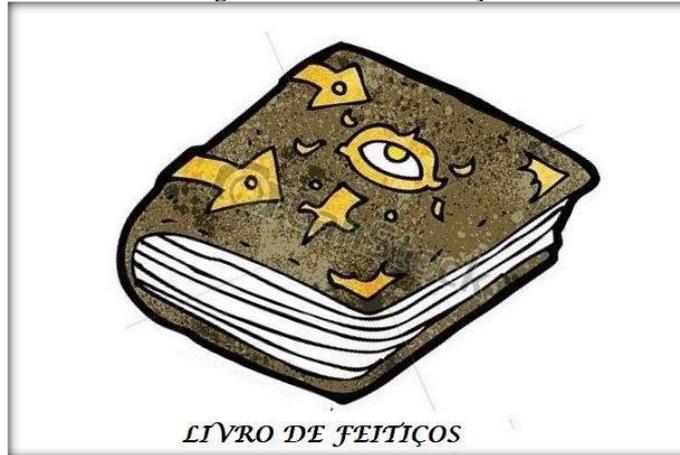


Figura 49: Tapete Voador



Figura 50: Varinha de Condão



Figura 51: Verso das cartas de objetos



**APÊNDICE B - AUTORES E OBRAS DA LITERATURA INFANTIL  
BRASILEIRA**

<b>Período</b>	<b>Autor</b>	<b>Obras<sup>24</sup></b>
<b>1890 a 1920</b>	<b>Figueiredo Pimentel</b>	<b>O patinho aleijado</b>
	<b>Arnaldo de O. Barreto</b>	<b>O patinho feio</b>
	<b>Francisca Júlia</b>	<b>Hino à pátria (poema)</b>
		<b>O gato (poema)</b>
		<b>O patinho (poema)</b>
	<b>Júlia Lopes de Almeida</b>	<b>A pobre cega</b>
	<b>Olavo Bilac</b>	<b>A pátria</b>
		<b>A boneca (poema)</b>
		<b>A casa (poema)</b>
	<b>Zalina Rolim</b>	<b>Em caminho (poema)</b>
	<b>Pedro Diniz</b>	<b>Vozes de animais</b>
	<b>Talles de Andrade</b>	<b>Governo</b>
		<b>Pescaria</b>
<b>1920 à 1945</b>	<b>Monteiro Lobato</b>	<b>Em férias</b>
		<b>O sítio de dona Benta</b>
		<b>O abalo do país</b>
		<b>Pôr-do-sol de trombeta</b>
		<b>A chave do tamanho</b>
	<b>Viriato Corrêa</b>	<b>A contadeira de histórias</b>
		<b>O primeiro dia</b>
	<b>Érico Veríssimo</b>	<b>As aventuras do avião vermelho</b>
		<b>Vi um preto refestelado...</b>
	<b>Graciliano Ramos</b>	<b>A terra dos meninos pelados</b>
		<b>Os homens</b>
		<b>Primeiras dificuldades</b>

<sup>24</sup> Foram conservadas as ortografias originais.

		<b>O olho torto de Alexandre</b>
	<b>Menotti del Picchia</b>	<b>Viagens de João Peralta e Pé-de-Moleque</b>
		<b>A promessa</b>
		<b>A festa</b>
	<b>Lúcia Miguel Pereira</b>	<b>Fada menina</b>
	<b>José Lins do Rego</b>	<b>Aos meninos do Brasil</b>
		<b>O macaco mágico</b>
<b>1945 a 1965</b>	<b>Francisco Marins</b>	<b>O rei café</b>
		<b>A astúcia de um brasileiro</b>
		<b>Finalmente, os martírios?...</b>
	<b>Ofélia e Narbal Fontes</b>	<b>A cruz de Anhangüera</b>
	<b>Maria José Dupré</b>	<b>A ilha perdida</b>
		<b>A felicidade voltou</b>
	<b>Lúcia Machado de Almeida</b>	<b>Xisto cavaleiro andante</b>
	<b>Jerônimo Monteiro</b>	<b>3 meses do século 81</b>
		<b>Corumi, o menino selvagem</b>
		<b>Bumba, o boneco que quis virar gente</b>
	<b>Alfredo Mesquita</b>	<b>Silvia vá prá escola</b>
	<b>Hernâni Donato</b>	<b>O primeiro fogo</b>
<b>1965 a 1980</b>	<b>Odette de Barros Mott</b>	<b>Rosa dos ventos</b>
	<b>Isa Silveira Leal</b>	<b>Glorinha bandeirante</b>
	<b>Ganymedes José</b>	<b>A galinha Nanduca</b>
	<b>Henry Corrêa de Araújo</b>	<b>Pivete</b>
	<b>Giselda Laporta Nicolelis</b>	<b>O grande dia</b>
	<b>Lygia Bojunga Nunes</b>	<b>A bolsa amarela</b>
	<b>Edy Lima</b>	<b>O elixir de levitar</b>
	<b>Stella Carr</b>	<b>Uma conversa suspeita</b>
	<b>João Carlo Marinho</b>	<b>O gênio do crime</b>
	<b>Sidônio Muralha</b>	<b>Conversa (poema)</b>
	<b>Vinícius de Moraes</b>	<b>O tempo (poema)</b>

	<b>Vinicius de Moraes</b>	<b>As abelhas (poema)</b>
		<b>A casa (poema que virou canção)</b>
	<b>Clarice Lispector</b>	<b>A mulher que matou os peixes</b>
	<b>Ana Maria Machado</b>	<b>História meio ao contrário</b>
	<b>Ruth Rocha</b>	<b>O reizinho mandão</b>
		<b>Marcelo, marmelo, martelo</b>
	<b>Marina Colasanti</b>	<b>A primeira só</b>
	<b>Haroldo Bruno</b>	<b>O misterioso rapto de Flor-do-Sereno</b>

Fonte: Adaptado de Zilberman; Lajolo (1988).

## APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você está sendo convidado a participar em uma pesquisa. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que está sendo realizada. Sua colaboração neste estudo é muito importante, mas a decisão em participar deve ser sua. Para tanto, leia atentamente as informações abaixo e não se apresse em decidir. Se você não concordar em participar ou quiser desistir em qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você. Se você concordar em participar basta preencher os seus dados e assinar a declaração concordando com a pesquisa. Se você tiver alguma dúvida pode esclarecê-la com o responsável pela pesquisa. Obrigado(a) pela atenção, compreensão e apoio.

Eu, (\_\_\_\_\_), residente(\_\_\_\_\_) portador da Carteira de Identidade, (\_\_\_\_\_), nascido(a) em (\_\_\_\_\_), concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário da pesquisa (Convergência da Educomunicação e Literatura Infantil para a construção de conhecimento).

Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas. Estou ciente que:

1. O estudo se refere a análise das possibilidades contributivas da convergência da literatura infantil e da educomunicação, nos processos de construção do conhecimento na infância e para a formação do sujeito.
2. A pesquisa é importante porque tem como objetivo compreender de que forma a convergência da literatura infantil e da educomunicação pode contribuir nos processos de construção de conhecimento. Desta maneira, conhecer as características que as unem e compreender de que forma, esse vínculo pode influenciar na aprendizagem das crianças na educação infantil e na construção de conhecimento, identificando estratégias para intensificar a valorização da literatura infantil junto aos professores.
3. Participarão da pesquisa professoras da educação infantil de um CEIM da rede municipal de Lages/SC.
4. Para conseguir os resultados desejados, a pesquisa será realizada nas dependências de uma escola de educação infantil de Lages no momento da hora atividade, ou no local de preferência da entrevistada, nos horários e local a serem combinados com as participantes.
5. As participantes deste estudo deverão: (a) ser educadoras na escola selecionada (b) ser adulta e atuar na educação infantil (c) atuar no mínimo um ano na instituição.
6. Serão convidadas a participarem desta pesquisa, quatro educadoras que atuem a mais tempo na educação infantil da rede municipal de Lages e que aceitem participar da entrevista semiestruturada.
7. O participante terá liberdade em não participar ou interromper a sua colaboração com este estudo se assim o desejar, sem necessidade de justificar-se ou fornecer explicações. Sua desistência não acarretará prejuízos ou constrangimentos.
8. Toda pesquisa envolve riscos e constrangimentos e, neste caso é uma pesquisa qualitativa com realização de observação participante em sala de aula e, posteriormente entrevista semiestruturada com professoras que atuam na educação infantil. Caso, a professora se sinta desconfortável durante a observação ou no momento da entrevista, a mesma será encaminhada para o Setor de Psicologia da UNIPLAC (gratuitamente), para receber tratamento psicológico e amenizar os efeitos do possível constrangimento ou mal-estar provocado pela pesquisa.
9. As informações obtidas a partir deste estudo serão mantidas em sigilo, e em caso de divulgação dos resultados ou publicações científicas, os dados pessoais não serão

mencionados, sendo identificados apenas por codinomes ou iniciais. A entrevista será gravada em áudio.

10. Se, no transcorrer da pesquisa, eu tiver alguma dúvida ou por qualquer motivo necessitar posso procurar a pesquisadora Luciana Nunes Garcia Ferreira ou no endereço Av. Marechal Castelo Branco, 170 - Universitário, Lages SC, 88509-900.
11. Caso eu desejar, poderei pessoalmente tomar conhecimento dos resultados ao final desta pesquisa. Estarão disponíveis na UNIPLAC – CCJ.
12. Tenho a liberdade de não participar ou interromper a colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação. A desistência não causará nenhum prejuízo a minha saúde ou bem-estar físico. As informações obtidas neste estudo serão mantidas em sigilo e; em caso de divulgação em publicações científicas, os meus dados pessoais não serão mencionados.

DECLARO, outrossim, que após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consinto voluntariamente em participar (ou que meu dependente legal participe) desta pesquisa e assino o presente documento em duas vias de igual teor e forma, ficando uma em minha posse.

Lages, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

Responsável pelo projeto: Luciana Nunes Garcia Ferreira  
Endereço para contato: rua Caramuru N° 220. Guarujá  
Telefone para contato (49) 999401459  
E-mail: lununesgarcia@gmail.com

CEP UNIPLAC  
Endereço: Av. Castelo Branco, 170 – Bloco I - Sala 1226.  
Bairro Universitário  
Cep: 88.509-900, Lages-SC  
(49) 3251-1086 Email: cep@uniplaclages.edu.br e cepuniplac@gmail.com

**APÊNDICE D – ROTEIRO PARA A ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**

1. Há quanto tempo você atua como Professora na educação infantil?
2. De que forma você auxilia seus alunos no desenvolvimento de suas capacidades comunicativas?
3. Seus alunos gostam de histórias? Como é a receptividade deles nesse momento?
4. Geralmente, com quais objetivos você conta histórias a seus alunos?
5. Na sua opinião, qual a importância da literatura infantil para o aprendizado da criança? Por quê?
6. Você usa Literatura para abordar outras áreas do conhecimento além das Linguagens? Quais?
7. Quais histórias você mais gosta de contar aos seus alunos? E o que você mais gosta nessas obras?
8. Nos momentos em que trabalha Literatura, você se utiliza de outros recursos além do livro impresso?
9. Você utiliza alguma tecnologia com as crianças, para fomentar o gosto pela leitura? Qual?
10. Como você conduz o momento do conto? As histórias são narradas exclusivamente pela professora ou também são construídas pelas crianças?
11. Como você percebe esse momento de narrativas feitas pelas crianças? Qual o papel pedagógico desse momento?
12. Na sua opinião, a literatura pode contribuir na formação da criança?
13. Em que aspectos isso é possível?

## APÊNDICE E – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

### Entrevista com a P1

1. Há quanto tempo você atua como professora na educação infantil?

Há uns 16 anos mais ou menos

2. De que forma você auxilia seus alunos no desenvolvimento de suas capacidades comunicativas?

Através de atividades criativas, dinâmicas, eu tento trazer alguma coisa da realidade deles, fazendo com que eles participem de todas as atividades propostas.

3. Seus alunos gostam de histórias? Como é a receptividade deles nesse momento?

Sim... Ah, eles adoram, brincam e ajudam, contam, reconto e querem participar, geralmente pegam os livros e contam pros colegas, eles participam bastante e gostam bastante.

4. Geralmente com quais objetivos você conta histórias para os seus alunos?

Geralmente para introduzir algum tema, que eu quero trabalhar com eles ou do gosto deles, eles escolhem eu conto, eu sempre faço o momento da história, eu tenho um livro com 365 histórias, então todo o dia antes de começar a aula a gente conta uma história, para iniciar a aula, pra que eles... pra introduzir mesmo a aula, e fazer uma dinâmica diferente com eles, quando eu tenho algum tema que eu preciso trabalhar eu trago uma história e conto também dentro da história o tema que eu preciso trabalhar com eles.

5. Na sua opinião qual a importância da Literatura Infantil para o aprendizado da criança?

Totalmente, eles estão no mundo de querer aprender a ler escrevendo, da alfabetização...então como eu trabalho com o pré, eles querem ler, eles querem aprender a ler as histórias, não só as gravuras então eles mostram esse interesse e pedem para gente, ah pro eu quero ler essa história, eu quero saber o que tá falando aqui nessa... nessa frase, aqui nessa palavra, então eles mostram esse... esse aguçar de querer aprender e aí a gente só ajuda, a gente media esse momento para que eles aprendam a ler e escrever, alguns acabam saindo lendo e escrevendo outros ainda não, ainda não tem esse momento, mas todos eles participam de uma forma ou de outra olhando as gravuras, os desenhos ou até aprendendo na leitura mesmo.

6. Você usa a literatura para abordar outras áreas do conhecimento além das linguagens?

Sim, tem as histórias cantadas que ajudam muito na coordenação motora fina e ampla, e eles adoram participar, acham divertido, e eu uso as vezes para que ajude no tema e ajude também no desenvolvimento deles.

7. Quais histórias você mais gosta de contar a seus alunos? Os Clássicos, eles adoram os clássicos. [E o que você mais gosta nessas obras?]

Ah... eu gosto porque a gente vê o brilho no olhar deles, eles gostam de ouvir os clássicos, a Cinderela, eles adoram a Rapunzel, a Bela e a Fera, eles adoram... agora a gente está trabalhando o folclore, então vem agora a lenda do saci e a gente explica o que que é lenda, e o que que é conto, porque o folclore, então a gente trabalha um pouquinho culturalmente e acaba trazendo também o mundo da imaginação para eles, eles adoram a Cuca, a gente assiste os desenhos do Sítio do Pica-pau Amarelo, de Monteiro Lobato então eles acabam ah... vendo um outro mundo que eles não têm em casa, porque infelizmente esses desenhos em casa, hoje em dia não passam mais, só nos canais fechados e eles não têm acesso, mas a gente acaba trazendo um mundo diferente pra eles e eles se encantam.

8. Nos momentos em que trabalha literatura você se utiliza de outros recursos além do livro impresso?

Fantoches a gente geralmente trabalha com os desenhos, eles produzem a história para que eles também usem a criatividade deles, a gente sai lá fora pra fazer no pátio as atividades também, geralmente as cantadas então, ah... acabo fazendo o ambiente ajudar não só história e o livro em si.

9. Você utiliza alguma tecnologia com as crianças para fomentar o gosto pela leitura? Ah não tem como não usar, eles estão no mundo da tecnologia. então o meu celular acaba passando de mão em mão, o computador, hoje ainda vou fazer uma atividade com o computador com eles trazer do Sítio do Pica-pau Amarelo para que eles assistem a lenda do saci então não tem como a gente não usar tecnologia porque ao mundo que eles vivem hoje em dia então a gente acaba usando para que eles também se sintam mais à vontade.

10. Como você conduz o momento do conto? As histórias são narradas exclusivamente pela professora ou também são construídas pelas crianças?

Têm vários momentos, têm os momentos em que eu conto a história, quando eu preciso contar uma história inserindo um tema e depois a gente reflete sobre isso e discute sobre isso, e eles podem então tá falando que entenderam, ou se isso relaciona com a vida deles, o que eu contei ou muitas vezes se eles recontam as histórias eles trazem os livros de casa, eles fazem a roda, eles contam e... ou quando eu conto e eles acabam recontando bem certinho na lógica, tudo certinho, então é uma interação na verdade porque senão fica chato para eles o momento da história tem que ser um momento gostoso criativo e geralmente a gente faz depois da história alguma atividade relacionada a história para que eles sintam que essa história é real... é prático não é só ali no livro que existe, então eles acabam fazendo desenho ou eles acabam brincando lá fora de inventar história, de fazer história, e aí fica na criatividade deles.

11. Como você percebe esse momento de narrativa feito pelas crianças?

Tem algumas crianças que fazem que são professores já, eles chegam na lá na frente e eles contam eles narram, algumas até narram a mais do que é a história, já traz para vida real, já coloca a mãe e o pai e o parente no meio da história, eles acabam influenciando a história alguns já inventam histórias que não é dos livros mas que é da imaginação da cabeça deles, então... e sabem contar e transmitir.

12. Na sua opinião a literatura pode contribuir na formação da criança?

Sim, e muito, a literatura vem influenciar a criança, através da literatura a gente pode mudar o pensamento, uma criança que vem de um lar com... com violência uma criança que vem de uma família que usa ah... drogas e a gente tem muito isso na nossa realidade aqui do CEIM, a gente consegue mudar essa visão da criança, colocar um pouquinho de esperança, de imaginação na mente dela e eu acho que a sala de aula é um momento que ela pode distrair mudar o pensamento e é aqui que a gente pode plantar a sementinha do amor, para crescer um adulto mais consciente, mais honesto e eu acredito que a gente pode, na educação infantil, plantar essa sementinha, pra que lá no futuro, quando eles estiverem no ensino fundamental, nas séries iniciais, eles retornem a este momento de afetividade de carinho e a literatura traz muito isso... a socialização que a literatura traz o carinho, o amor, o respeito através das histórias é uma sementinha também que a gente planta e que depois a gente vai colher, eu tenho certeza que depois a gente colhe isso depois.

#### Transcrição da entrevista com a P2

1. Há quanto tempo você atua na educação infantil?

Eu atuo há dois anos

2. De que forma você auxilia seus alunos no desenvolvimento de suas capacidades comunicativas?

Bom eu procuro sempre ah... auxiliar eles, na... na... tanto na hora da atividade, na hora da conversa, muitos ainda são... alguns tem vergonha, são um pouco tímidos, mas ah... a gente procura de alguma maneira que consiga cativar eles, para eles se comunicar, conversar transpassar aquilo que eles querem pra gente.

3. Seus alunos gostam de histórias? E como é receptividade deles nesse momento?

Sim gostam muito.

Ah... eles já ficam curiosos querendo saber o que que eu vou contar, sobre o que que é a história, se é sobre monstros, príncipes, princesas, eles ficam naquela expectativa.

4. Geralmente com quais objetivos você conta histórias a seus alunos?

Bom o objetivo que eu tenho maior é que eles ah... eles têm a capacidade assim do... da imaginação, de imaginar, de sonhar, ter sonhos, daquilo que eles podem vir a conhecer só na imaginação muitas vezes e também para que eles tenham contato com o livro e até mesmo com ah... reconheçam muitas vezes algumas letras do nome que isso já vai ajudando eles.

5. Na sua opinião qual a importância da Literatura Infantil para o aprendizado da criança?

Como eu falei antes, eu acredito que através da história, a gente... desperta na criança vários, vários sentimentos, várias emoções e também aquela... a questão dele ter o contato com o livro, com as letras porque muitas vezes em casa as crianças não têm esse contato, então na escola contando a história eu deixo muitas vezes eles terem aquele contato com o livro peço: ah... procura a tua letrinha do teu nome... aí eles mostram -- Oh prof. eu achei aqui! Ou então eles vão me contar história através dos desenhos, o que eu acho muito interessante porque eles imaginam coisas que a gente não imagina e eles passam para gente, então é bem interessante isso.

6. Você usa literatura para abordar outras áreas do conhecimento além das linguagens?

Sim, com certeza, por exemplo se eu for trabalhar alimentação, eu procuro um livro, por exemplo: a cesta da Dona Maricota, livros diversos, que tenha como tema alimentação, o que que o Animalzinho lá come, qual a importância daquele alimento através da história.

7. Quais histórias você mais gosta de contar a seus alunos?

Bom o que eu gosto mais de contar para eles são histórias que falem assim sobre os valores, o respeito, o cuidado, pegar o que era do outro e saber devolver, acho que isso é bem importante, porque daí eles já veem que através da história isso é importante para eles, que através da história... ela tá ali na história, então se está na história tem que estar na vida deles também.

8. Nos momentos em que trabalha literatura você se utiliza de outros recursos além do livro impresso?

Sim eu procuro às vezes usar o avental ou até mesmo usar fantoches dedoches, procuro diversas coisas para... para atrair mais eles, na história, por que criança é criança, eles gostam do diferente então só o livro... só o livro às vezes se torna repetitivo.

9. Você utiliza alguma tecnologia com as crianças para fomentar o gosto pela leitura? Qual?

Sim, eu às vezes ah... eu procuro levar assim no, através do computador alguma história ou até mesmo imagens para que eles possam também ter conhecimento, e também às vezes na TV passar alguma história por exemplo: Chapeuzinho Vermelho ah... os Três Porquinhos que eles gostam muito, dessas histórias, então eu procuro trazer através dessas maneiras também.

10. Como você conduz o momento do conto? As histórias são narradas exclusivamente pela professora ou também são construídas pelas crianças?

É.. eu procuro deixar como eu disse eu conto as vezes, aí depois às vezes já é eles mesmos que me pedem: -- Professora posso contar agora eu a história? Eu deixo ele escolher o livro e ele vai contar olhando o desenho, a imagem, então eu deixo eles fazerem parte desse momento também.

11. E como você percebe esse momento de narrativa feito pelas crianças?

É... é assim um momento que surpreende a gente, por que às vezes a gente pensa assim Ah, ele vai falar o que eu falei, ele vai repetir o que eu falei, mas não, eles inventam, eles fazem assim às vezes, de uma coisa que a gente nem mesmo a gente consegue fazer tanto como eles criam, dentro da história e é muito gratificante, por que a gente percebe assim que eles têm uma imaginação que vai muito além do que a gente imagina.

12. Na sua opinião a literatura pode contribuir na formação da criança?

Com certeza porque acho que através dela a criança às vezes Conhece muitos mundos muitas coisas que às vezes na realidade dela às vezes ela nunca vai ter oportunidade de conhecer e também ela reconhece várias letras, formas, cores, então é um espaço que não é... não... não é fora da escola fora da sala de aula muitas vezes, mas que pode transferir a criança para onde ela quiser, com a imaginação.

13. Em que aspecto isso é possível, essa contribuição na formação além dessas que você falou, que ele viaja para outro mundo, que ele conhece coisas que normalmente não conheceria, tem algum outro aspecto nessa formação da personalidade dele e você possa acrescentar?

É como também falei muitas histórias elas têm no final delas e mesmo no decorrer da história a gente percebe que ela tem uma certa ela tem um... como eu posso dizer... um objetivo pra...pra passar, é um fundo moral isso mesmo, e ele... então a criança assim, acho que ah... aprende muito e o valor também, os valores, muitas histórias vêm cheia de valores de... que são importantes para a formação deles, então isso acho que contribui muito também.

Transcrição da entrevista da P3

1. Há quanto tempo você atua como professora da educação infantil?

27 anos e 6 meses

2. De que forma você auxilia os seus alunos no desenvolvimento de suas capacidades comunicativas?

Através de histórias estimulando diálogo entre... a conversação, seria essas formas.

Teria alguma atividade que você faz?

Diariamente cantigas de roda eu canto em toda... quando eu vou para o refeitório eu canto a música está presente, então seria um dos estímulos.

3. Seus alunos gostam de história e como é a receptividade nesse momento?

Eles adoram, eles são tão assim... que quando eu... que todo dia quando eu chego na sala de aula, eles já vão direto, mesmo sem eu contar, já tem um cantinho lá dos livrinhos, da leitura, eles mesmos vão lá e já pegam o livrinho e sentam pra..., e assim o que eu observei, a gente observando eles contando para eles mesmos, até a maneira que a gente fala eles contam uns para os outros, até na hora que a gente... ali da musiquinha da história tudo, que eles cantam e eles chamam atenção igual como a gente chama na hora de... e eles prestam bastante atenção, eles adoram.

4. Geralmente com quais objetivos você conta história a seus alunos?

Eu... na minha prática pedagógica, eu penso assim ó... que a história tem que fazer parte do dia a dia da criança, é através da história que eu vou estar estimulando que eles sejam futuros leitores, e eu como professora, como muitos não têm acesso em casa aos livros, eu devo oportunizar na minha sala de aula esse recurso para que ele seja um adulto leitor, mesmo que em casa não oportunizem isso, é meu dever como professora.

5. Na sua opinião qual a importância da literatura para o aprendizado da criança?

A literatura tem que estar presente... nós que trabalhamos com a educação infantil... a literatura, a contação de história deve estar presentes no nosso dia-a-dia, porque a criança tem que perceber que o professor gosta de contar história, o professor tem que passar para a criança isso, porque ele só vai gostar se eu estimulá-lo a gostar, se ele perceber que o professor gosta de contar histórias. Não adianta eu querer dizer: - Agora você vai ler tem que ler! Mas se eu não passar esse gosto para ele, ele jamais vai gostar de ouvir, por que eles acompanham, assim é o que a gente percebe quando a gente tá contando uma história, se você... a mudança do tom da tua voz, como você fala, eles prestam atenção em tudo, eles ficam correndo o olho, você faz um suspense, eles ficam atentos a tudo, a todos os seus movimentos na sala, então eu acho que

a literatura a contação de história tem que fazer parte do dia a dia de todos os professores, tanto na educação infantil como do ensino fundamental.

6. Você usa a literatura para abordar outras áreas de conhecimento além das linguagens?

Eu, dependendo do conteúdo sempre procuro achar alguma forma, alguma história que encaixe naquele conteúdo que eu vou repassar para criança porque ele entende melhor através da história, o conhecimento, no caso, o aprendizado vai ser melhor se eu colocar alguma coisa com a história junto com conteúdo, o aprendizado dele flui melhor.

7. Quais as histórias você mais gosta de contar a seus alunos?

Olha eu gosto de todas as histórias, ah tanto os clássicos, mas nada impede da gente trazer as novas, porque tem tantos escritores novos que trazem umas histórias que colocam para criança se uma, uma lição, que trazem um conteúdo, eu chego lá na escola eu conto história todo dia, então eu chego lá, eu pego: - Hoje vai ser essa! Mas sempre tem as que a gente se identifica mais, que nem “A Menina Bonita do Laço de Fita”, que nem essa aí faz parte da minha, do meu acervo de histórias, e os clássicos, eu não abandono porque todos eles trazem uma lição de vida, tanto para a criança como para nós, que a gente está contando, sempre quando eu estou contando, quando eu começo fazer as (a professora fez expressões faciais), eu sinto assim ó... me arrepiar, eu sou suspeita para falar porque eu gosto de histórias.

8. Nos momentos em que trabalha a literatura você se utiliza de outros recursos além do livro impresso?

Eu... pouco eu utilizo o livro, eu utilizo o avental, fantoches, dedoches, televisão, depende do dia, [televisão de papelão?] É aquela televisão de papelão que tem a história e você vai contando e vai (a professora fez o gesto de manivela com a mão indicando rolar da história).

9. Você utiliza alguma tecnologia com as crianças para fomentar o gosto pela leitura? qual? Como assim, que tecnologia, tipo...? [Tipo uma história na televisão...] Há sempre... uma vez por semana, eu tenho os clássicos no CD, aí se eu conto alguma história, depois eu coloco para ele assistir, para eles verem outras maneiras, as gravuras, como é que é, porque você mostrando, tipo no avental, no livro não é a mesma coisa do que eles estarem vendo lá na televisão, os detalhes de tudo.

E ali também naquela outra pergunta que eu não falei, que eu gosto muito de me caracterizar para contar história que eu acho que chama mais atenção, quando você está caracterizado, a criança fica mais, ainda ali, entusiasmada e te olhando, e aí eles não perdem o foco, eles ficam sempre ali atento a tudo que você fala.

10. Como você conduz o momento do com, as histórias são narradas exclusivamente por você ou também são construídas pelas crianças?

O que eu sempre faço, é que a gente conta, eu conto história e aí A gente faz ali a interpretação, eles falarem o que tinha na história, o nome da história, faz interpretação do texto ali, e eu gosto muito de depois entregar o livro para eles e eles vão contar para os amigos, a gente continua na roda e eles vão recontando a história como ele entendeu, aí eles abre um livro, aí eles olham e falam e é gratificante você ouvir a história e às vezes você pensa que ele está desligado, que ele nem tá atento, e a partir do momento que você pega e passa para ele o papel, que é ele que vai contar, aí ele tira as palavras assim que te surpreendem.

11. E como você percebe a importância desse momento de narrativas feito pelas crianças? Nós quando na nossa infância nós não tivemos essas oportunidades, e hoje a gente como professor... você sente na pele quando você não dá oportunidade, porque que hoje a gente tem medo de falar em público, porque a gente não teve as mesmas oportunidades que eles estão tendo e é tão bom você oportunizar para que eles falem, que eles se expressem, que hoje eu encontro os meus ex-alunos contando histórias eles... dançando que tem crianças que participam, adolescentes agora, de grupo de danças, de... e contam histórias e a gente vê que esse estímulo que a gente lá da educação infantil que vai surtir lá na frente o efeito, por isso que eu acho importantíssimo o professor... bato na mesma tecla, o professor contar história para os seus alunos, ele não vai se arrepender, se ele quer que sejam adultos leitores vai ser no estímulo, tudo vai depender do estímulo na educação infantil.

12. Na sua opinião a literatura pode contribuir na formação da criança?

Eu te digo assim de cadeira, é fundamental que a criança só vai aprender se ele... ai fugiu a pergunta. [A literatura pode contribuir na formação dele, além de ser leitor como você já falou, em outro aspecto?] Ele só vai aprender a redigir um texto é através da literatura, ele interpretar um lá futuro, é através da literatura, então é de suma importância ela só contribui. [E na formação psicológica alguma coisa?] Também porque nas emoções... quando eu estou contando uma história ali, se eu faço suspense ele vai... aguça a imaginação, a memória, é tudo através da contação de história.

Transcrição da entrevista com a P4

1. Há quanto tempo você atua como professora na educação infantil?

Há 22 anos

2. De que forma você auxilia os seus alunos no desenvolvimento de suas capacidades comunicativas?

Através de histórias, músicas infantis, atividades relacionadas, atividades pedagógicas relacionadas com a história trabalhada, brincadeiras entre outros, parlendas contos também

músicas infantis também, eu colo, eu tenho uns livros que vem a música sabe, e eu colo e tem os desenhos, e toda semana eu troco para eles conhecerem aquelas músicas infantis mais antigas: peixe vivo, meu galinho, essas, eles adoram

3. Seus alunos gostam de histórias?

Sim meus alunos do pré 2 adoram histórias. [E como é a receptividade deles?]

Eles adoram eles gostam muito, se identificam, querem saber, perguntam, querem contar depois, eles são bem participativos.

4. Geralmente com quais objetivos você conta histórias a seus alunos?

Geralmente eu conto histórias devido... assim a datas, alguma data, ou a alguma atividade relacionada que eu quero a trabalhar aí eu procuro uma história, aproximadamente, que fale do tema que eu quero desenvolver com eles.

5. Na sua opinião qual a importância da Literatura Infantil para o aprendizado da criança?

Eu acho bem importante, desenvolve a criatividade, a socialização entre eles, a imaginação, eu acho bem importante, acredito ser bem importante.

6. Você usa literatura para abordar outras áreas do conhecimento além das linguagens?

Sim, eu trabalho... eu já trabalho de alguma forma a história de forma lúdica, tipo a independência, os próprios índios, aqueles que têm em agosto ali... os... as lendas, o folclore, as lendas, então é através de histórias para eles entenderem, o que são lendas, o que é folclore, esse tipo de tema, assim a gente utiliza bastante as histórias infantis.

7. Quais histórias você mais gosta de contar a seus alunos?

Não tem que a gente... a que eu mais goste entendeu, mas tem algumas que chamam mais a atenção deles, tipo “O Patinho Feio” que chama mais atenção deles, “A Branca de Neve”, as meninas gostam muito de histórias sobre princesas e tal, os meninos gostam mais de coisas... de história mas curiosas, eu esses dias trabalhei uma história que era do esqueleto que vinha buscar a vovó, entendeu, e a vovó dizia espera mais um pouquinho, espera mais um pouquinho, daí o esqueleto participou do aniversário da vovó e disse: -Aho que vem eu volto. E não levou a vovó, entendeu. Então assim eles usam a imaginação, é uma forma... foi uma forma de abordar a morte, de uma forma... através da literatura, da história.

8. Nos momentos que você trabalha a literatura você se utiliza de outros recursos além do livro?

A maioria é de livros, eu trabalho mais com livros, algumas vezes eu invento, assim, mas é muito raro, só se eu não ache o tema que eu esteja trabalhando numa história que caiba, entendeu, se não é livro. [Avental, fantoche?] Fantoche, mas geralmente é de livros, fantoche, um teatro... a gente até trabalhou com eles um teatrinho da... do negócio de Cristo ali, a gente

fez um teatro com eles na Páscoa, a ressurreição de Cristo, foi bem legal, eles adoram, e a gente fez encenação de um casamento caipira no São João, onde eles adoram, e daí eu contei a história do Pedro Antônio e João, que daí um deles fugiu com a noiva e o outro ficou no Altar...bem legal.

9. Você usa alguma tecnologia com as crianças para fomentar o gosto pela leitura?

A gente utiliza o DVD, o pen drive às vezes, eu passo alguma... tipo ali no folclore, tinha historinhas curtinhas, eu passei para o pen drive e passei para eles para eles entenderem... [no notebook?] No notebook, aham.

10. Como você conduz o momento do conto? As histórias são narradas exclusivamente por você ou também são construídas pelas crianças?

Algumas narradas exclusivamente por mim e algumas vezes por elas, muitas vezes eu conto história e convido um ou dois para contar novamente, daí eles contam da forma que eles entenderam... [Eles repetem o que você falou ou eles modificam?] Algumas coisas eles repetem outras coisas eles modificam, eles criam também, usam a imaginação do jeito deles, assim, é bem legal.

11. E como você percebe esse momento de narrativa feito por eles?

Se eles tem desenvoltura? [É, e o que você acha que contribui para o crescimento deles?] Ah, Contribui, tira a timidez primeiro, ajuda na socialização, porque ele já está falando ali na frente dos colegas, então, a partir do momento que ele está falando ali, ele já está quebrando o medo De estar ali, tem muitas crianças que não vão de forma alguma, já tem outras que de livre espontânea vontade contam histórias, vão lá na frente, entendeu, então é um tipo de quebrar a timidez, de socializar, de se expressar melhor.

13 E na sua opinião a Literatura Infantil pode contribuir na formação da criança?

Claro que sim, por que quando eu era criança minha professora não trabalhava isso, quando eu fui para faculdade, eu tinha a maior dificuldade de falar na frente da turma, da sala, eu lembro que eu tive que quebrar muitas coisas para chegar e apresentar um trabalho, expor uma ideia, e a gente trabalhando a literatura com eles desde já, incentivando eles a falar lá na frente, contar para os amigos usando a imaginação o desenvolvimento deles e a timidez deles vai sendo quebrada, eu só na faculdade que consegui contornar essa minha timidez, e ainda sou, e acho que é por culpa disso, talvez se eu fizesse um curso de oratória melhorasse um pouco isso.

## APÊNDICE F - TERMO DE ASSENTIMENTO PARA O MENOR

**Título da pesquisa:** “A LITERATURA INFANTIL COMO DISPOSITIVO DE EDUCOMUNICAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO.”

**Pesquisadora:** Luciana Nunes Garcia Ferreira.

Sua mãe/Seu pai, ou o responsável legal por você -----  
-----, autorizou você, -----, a  
conversar, brincar e interagir comigo, durante a realização da pesquisa. E você? Vai querer?



Sim



Não

Lages, SC, -----

Pesquisadora: Luciana Nunes Garcia Ferreira.

E-mail: [lununesgarcia@gmail.com](mailto:lununesgarcia@gmail.com) (49) 999401459

Endereço para contato: UNIPLAC: Av. Castelo Branco, bloco do CCJ.

Bairro Universitário

CEP UNIPLAC

Endereço: Endereço para contato: UNIPLAC: Av. Castelo Branco, bloco I- Sala 1226.

Bairro Universitário

Cep: 88.509-900, Lages- SC

(49) 3251-1086 Email: [cep@uniplaclages.edu.br](mailto:cep@uniplaclages.edu.br) e [cepuniplac@gmail.com](mailto:cepuniplac@gmail.com)

## APÊNDICE G -TRANSCRIÇÕES DA PESQUISA-AÇÃO

Pesquisa com a turma A  
Primeiro Encontro 16/08/18  
Primeiro grupo

### **Fera**

-Era uma vez uma fada madrinha que morava em uma floresta, e procurou um objeto... [Que objeto é esse?] ... a varinha de condão... e ela deixou cair.

### **Tiranossauro**

-O Ogro acho um inseto... [Onde ele encontrou o inseto?] ...na floresta ele achou um livro... [O que ele fez com o livro?]... ele leu.

### **Gênio**

-Era uma vez uma princesa que ela achou um lobo... [Onde?] ...numa caverna e ela falou pro desejo que ela achou uma coisa... a lâmpada dos desejos, fez desejos... um monte de desejos mágicos, que ela queria o que mesmo? ah que ela queria um lobisomem, ra ra ra... o ogro.

### **Branca de Neve**

-Era uma vez o Gato de Botas... que ele achou uma torre muiiiiiito alta, que daí... ah então... o que que eu faço? [O que que tinha lá na torre?] ...uma maçã! [E o que ele fez?] ...ele pegou e comeu, mas a maçã estava com veneno...

### **Tiranossauro**

-Um cofrinho mágico (poção mágica)... uma casa que mora uma bruxa (casa assombrada)... eu não sei esse. [A princesa Tiana] uma poção mágica...

### **Moana**

-Era uma vez uma Bela e a Fera e ela encontrou a casa da bruxa (Casa de doces), daí depois ela encontrou uma carruagem, ela entrou e partiu, saiu.

### **Borboleta**

-Era uma vez uma Bruxa... que morava num Castelo Encantado... as botas... [O que que a Bruxa fez com as botas?] ...pegou e saiu voando de Botas, assim voando de botas.

### **Fera**

-Era uma vez uma Fera que morava em um jardim, [nas montanhas] que morava nas montanhas, parece um jardim... que ela encontrou no chão uma flauta... [O que ela fez com a Flauta?] ...ela cantou e ele começou a chorar por causa da Bella, porque não queria... por que ela foi embora.

### **Gênio**

-Era uma vez um dragão feio, no deserto que ele morava... e migalhas de pão para ele comer e daí um dia o dragão soltou fogo e virou uma bola de sol redonda no deserto, tá me ouvindo... tá me ouvindo...

### **Branca de Neve**

-Era uma vez um... um menino (Aladim) que morava lá e achou uma floresta e ele achou na floresta um espelho, o espelho da Bela e a Fera e ele pegou e jogou lá no mar e perdeu um desejo e viveram felizes para sempre.

### **Moana**

-Era uma vez o gênio daí ele achou o jardim secreto ele achou a cesta de doces... [O que ele fez com a cesta de doces?] ...ele levou pra casa dele... e levou para casa dele e comeu tudo.

### **Borboleta**

-Era uma vez um sapo que morava no castelo (casa assombrada) ele pegou uma poção mágica e tomou e vestiu as botas, fim.

Segundo grupo

### **Cinderela**

-O João e Maria passaram por uma ponte... achou um espelho... passou pelo...como é mesmo?... [deserto] ...pelo deserto... [o que eles fizeram com o espelho?] ele se olhou, os dois se olharam e achou uma rainha.

### **Flor**

-Era uma vez era uma vez uma princesa chamada... Bela e ela... ela estava em um jardim encantado, e daí no jardim encantado ela achou uma cesta de piquenique, e daí ela disse: que que eu vou fazer com essa cesta de piquenique, daí ela pensou ah eu acho que eu vou comer. E daí ela comeu, comeu, comeu. E daí fim.

### **Patinho**

-Era uma vez um gênio... [Ele está onde?] Uma casa de doce e ai ele achou uma carruagem.

### **Lady Bug**

-Era uma vez um rei... [Onde ele estava?] ... que estava na floresta... [e o que ele achou na floresta?] ...uma maçã... [E o que ele fez?] e ele comeu e ficou muito barrigudo.

### **Gavião Arqueiro**

-Era uma vez um sapo que estava numa ponte passando pela ponte..., ele achou um vidro encantado... [Um espelho] ...um espelho, ele olhou nele... o Gato de Botas estava passando no castelo e achou um tapete... [e o que ele fez?] ...ele subiu e voou.

### **Pink Pie**

-Era uma vez a Rapunzel (Rainha) estava tirando seu óculos... e foi numa floresta e achou um livro e leu.

### **Rapunzel**

-Era uma vez um dragão soltando fogo e passou pelo deserto e achou uma lâmpada mágica.

### **Cinderela**

-Ele encontrou o sapo de novo, a princesa e o sapo plur... ela passou por uma caverna que tinha ossos, um fogo, dois fogo, uma carne, um coco, uma banana atrás da outra árvore, o que é isso? [Poção Mágica] ... achou uma poção mágica, ela bebeu a poção mágica e se transformou em um sapo.

### **Flor**

-Era uma vez um príncipe e daí ele foi no castelo, daí ele achou Botas e vestiu.

### **Patinho**

-Era uma vez uma chapeuzinho vermelho e tinha uma casa da bruxa (casa assombrada) e ai ela achou uma varinha, [O que ela fez?]... ela, ela... [ela fez uma mágica?] sim, ela fez uma mágica.

### **Lady Bug**

- ... (expressão de dúvida) [Alice] ...Era uma vez a Alice...ela morava em uma floresta e ela achou uma flauta mágica... [O que ela fez?] ...ela assoprou e tocou.

### **Gavião Arqueiro**

-Um lobo... um lobo na floresta {É o lobo mau} e ele estava numa cama [Montanha], numa montanha e achou um vidro (poção mágica), um coisa de pozinho.

### **Rapunzel**

-Era uma vez um duende [que morava...] ... [Ponte] na ponte, ele achou um espelho se olhou e enxergou ele e fim.

Segundo Encontro 23/08/2018

Primeiro Grupo

### **Flor**

-Era uma vez uma fada que morava numa ponte... ela achou uma varinha mágica, e ela disse assim: - como é que eu vou usar essa varinha? Então ela começou a pensar e descobriu como ahm... como usar e daí ela saiu voando para usar em um lugar...

### **Arqueiro verde**

-Era uma vez um gato que é um cowboy, que olhou pelos inimigos e ele atacava todos os inimigos pelo combate. E uma vez ele morava naquele buraco ali (caverna) e ele viu um dragão e fugiu e ele morava numa coisa... caverna, daí ele ficou com medo e daí o lobisomem e daí uma maçã de lobisomem que ele comeu e ele morreu. Ele acordou e virou no lobo malvado, maldito, muito corajoso e ele virou de volta no gato e atacou dragão... e o dragão pegou o gato e eu vou pegar o gato e o gato subiu aqui, daí ficou perto e daí ele fugiu de uma coisa que tá aqui uma vez ele ficou muito bravo, deu,deu,deu...

### **Borboleta**

-Era uma vez João e Maria que viviam no deserto, tinha uma bota hahaha e eles saíram voando pelo caminho até aqui encontraram uma bota caída no chão e disse assim:- Essa bota caída no chão deve ser de alguém. De repente eles foram para o deserto vestiram a bota e voaram, depois eles voltaram a caminhar, acharam o deserto.

### **Gênio**

-Era uma vez um dragãozinho que... que ele foi lá no cheio de grama [montanhas] ...nas montanhas e daí ele achou uma flauta e daí saiu tocando daí ele foi lá no jardim encantado e acabou-se a história.

### **Cinderela**

-Era uma vez uma princesa que era uma rainha que estava numa torre muito linda e tinha uma cesta de doces... [O que mais que aconteceu?] ...daí ela comeu o que tinha, o queijo, a uva, a caixinha e daí ela comeu tudo e dormiu um sono, ela dormiu um sono bem profundo.

Segundo Grupo

### **Branca de neve**

-Era uma vez uma princesa (rainha), que ela morava em um campo encantado (montanhas) e uma vez ela encontrou uma flauta e ela cantou atirei o pau no gato... e ela ficou cantando o dia inteirinho e ela perdeu a voz de tanto cantar.

### **Fera**

-Era uma vez o Gato de Botas... que ele morava em um lago que tinha muitos peixes para ele comer, ele comeu uma maçã envenenada e ele desmaiou, deu.

### **Moana**

-Era uma vez uma princesa (fada), daí ela achou um castelo bem grande, daí lá, ela achou uma varinha e ela saiu com a varinha fazendo mágica.

### **Rei**

-Depois o dragão uahrr... e ele... e ele... morava numa caverna e ele achou uma cesta que tinha um monte de coisa para ele comer, pro dragão e comeu.

### **Tiranossauro**

-João e Maria ele achou uma casa de doces da bruxa e começou a comer a casa de doces da bruxa, eles foram por ali... (inaudível).

Terceiro Grupo

### **Hulk A**

-Era uma vez um príncipe... [Estava onde?] ...numa ponte... [O que ele achou lá?] ...uma maçã e ele comeu.

**Lady Bug**

-Era uma vez uma Fera que morava em uma torre... ele achou uma varinha mágica [O que ele fez?] ...ele fez uma casa mais alta... do que a Torre.

**Patinho**

-Era uma vez uma... [Princesa] uma princesa e aí ela achava um jardim e ela achou uma flauta... [O que mais?] ...e aí ela... e aí ela... e aí ela cantou.

**Coelho**

-Era uma vez uma chapeuzinho vermelho que estava levando coisa (inaudível) pra uma caverna... ai ela achou uma cesta e comeu.

Terceiro Encontro 30/08/18

Primeiro grupo

**Borboleta**

-Era uma vez um ogro que vivia numa floresta encantada... um pão... daí o ogro comeu o pão inteirinho e não sobrou nada para outro dia, daí ele passou, passou, passou, passou e ficou muito bravo ele queria mais, mais, mais, mais de mil pães daí ele achou outro pão outro pão outro pão depois ele foi e comeu todos os pães e ficou com um barrigão de leão, de e ficou de novo bravo, ele ficava toda hora bravo, depois ele queria mais... e mais... e mais pão, ele achou um monte de pão e comeu ele foi passeando, passeando, passeando até que ficar bravo, bravo, bravo, muito bravo uhrrr, uhrr e fim.

**Cinderela**

-Era uma vez um sapo que daí passou por uma ponte e achou um espelho e se olhou e virou homem... {ele tem que beijar a boca de uma mulher – cochichos de Cat Noir} ...ele achou um gênio mágico e ele pediu uma coisa, eu posso passar aqui pelo uma ponte, essa é a sua primeira chance, daí ele passou e passou, ele estava com fome daí ele pediu um desejo mágico: - Eu tô com fome... então ele achou uma floresta encantada que tinha pássaros, que tinha flor, que tinha pássaros e flores, tinha um pouquinho de... de água ali... daí ele se olhou pelo espelho de novo e daí o gênio saiu da lâmpada e daí o sapo e... daí o gênio foi passear com o sapo, passear pela floresta encantada, daí passaram por uma ponte, daí acharam um espelho caído na ponte e daí se olharam e viraram homens e viveram felizes para sempre, fim.

**Homem aranha A**

-Era uma vez uma Cinderela, ela morava no castelo e achou uma poção mágica e bebeu, e aí ela foi de volta para o castelo e bebeu de novo, daí ela foi passear, daí ela achou um sapo e um cachorro, daí foi e achou um sapo e pôs o sapo dentro de uma gaiola e... para não jogar veneno nela, daí ela ficou com o cachorrinho e deixou, daí deixou o cachorrinho comer, daí a rainha dela disse que não é para pôr cachorrinho, mas daí ela... veio o príncipe e saíram e daí viram uma poção mágica, que daí tomaram, e quando acharam um gato... e daí eles pegaram o gato e o cachorrinho, daí o cachorro foi e daí o cachorro brigou com o gato porque odiava gato, e fim.

**Patinho**

-Era uma vez João e Maria ele estava morando numa floresta... e aí um tapete mágico eles acharam e aí ele voou, e eles voaram... numa floresta...e acabou.

Segundo Grupo

**Fera**

-Era Uma vez a bela que morava que ela foi numa casa tombada, numa casa de bruxa e lá dentro tinha um tapete mágico e ela voou, voou, voou, fim.

**Arqueiro Verde**

-Era uma vez um Hulk (duende) ele parava naquele castelo (torre) e o Thor estava acabando com o Hulk, e o Hulk acabava com o Thor e... e ele morava no outro lugar, e ele

pegou um troféu (lâmpada do gênio) que aparece um fantasma, que está de bigode, e uma vez ele vai dizer porque ele foi no castelo de volta e destruir o Thor e destruiu e acabou com o Hulk e ele matou o Thor e daí veio o Capitão América e o Thor e o Homem de Ferro e daí a garota e daí o Hulk e a Mulher Maravilha e daí eles atacaram o Hulk e o Hulk morreu fim.

### **Hulk A**

-Era uma vez um sapo que morava numa casa cheia de doces e ele achou uma varinha e mexeu a varinha e daí saiu um feitiço e daí ele virou um príncipe... e acabou-se a história.

### **Tiranossauro**

-Era uma vez uma floresta, um dragão estava morando na floresta bem feliz (inaudível).

### Terceiro Grupo

#### **Gênio**

-Era uma vez... [chapeuzinho vermelho] a Chapeuzinho Vermelho, ela foi pelo bosque, achou uma lata velha (lâmpada mágica)... [O que mais?...] ela fez um pedido e... o coisa começou a ficar fumando e o moço apareceu (lâmpada mágica e gênio), cadê aquele moço... que fica dentro da lata? E a lâmpada ela fez um pedido né, ela pediu para o lobo não comer ela e daí felizes para sempre, amém.

#### **Branca de Neve**

-Era uma vez um lobo, que achou uma casa de bruxas (casa assombrada) e lá dentro da casa de bruxas um suco (poção mágica) apareceu na porta, o lobo ficou tão assustado e perguntou,

- Por que deixaram esse suco aqui, e daí perguntou: -não sei e fim.

#### **Rei**

-A Cinderela (rainha), ela achou um castelo, e ela achou um tapete e depois ela... daí eles viveram para sempre.

#### **Lady Bug**

-Era uma vez uma princesa do sapo, que ela morava na casa de doces e encontrou uma varinha e ela fez um carro para ela e andou e ela ficou feliz para sempre.

#### **Moana**

-Era uma vez um ogro e ele achou uma floresta e lá na floresta ele achou um livro... [O que ele fez?] e ele ficou lendo livro e tinha mágica ele pegou a receita do livro e só.

#### **Flor**

-Era uma vez uma fada que estava passando por cima da ponte e ela estava comendo pão e daí ela dormiu com pão, e daí chegou um ogro e ele disse: - Hum eu acho que essa daqui deve ser uma fada, daí ele levou para casa dele e daí ele tentou acordar ela e ela acordou e Fim.

### Quarto Encontro 13/09/18

#### Primeiro grupo

#### **Borboleta**

-Era uma vez um sapo que vivia numa floresta encantada e achou uma poção mágica, o sapo bebeu a poção mágica e soltou um monte de pum, todos os amiguinhos dele ficaram: - Eca, que fedido esse sapo e ele saiu pulando desesperado.

#### **Patinho**

-Era uma vez João e Maria eles moravam num castelo, e eles acharam um tapete mágico e eles voaram, fim.

#### **Branca de Neve**

-Era uma vez um lobo que achou uma casa de doce e achou um espelho mágico dentro da casa, e ele falou assim: Espelho, espelho meu, pode me falar de quem é esta casa? - É da bruxa e fim.

### **Cat Noir**

-Era uma vez um dragão que encontrou uma linda floresta, ele encontrou uma maçã e comeu.

### **Coelho**

Era uma vez o Gato de Botas, que morava nas montanhas e ele encontrou uma varinha ele pegou na mão e soltou vários puns.

Segundo grupo

### **Cinderela**

-Era uma vez um menino chamado Pinóquio, que ele passou por um jardim encantado que tinha flores, pássaros, e um pouquinho de árvores, ele tinha uma poção mágica, ele bebeu e daí ficou humano, ele passeou pela floresta encantada pegou a poção mágica e foi, foi ele bebeu de novo e ficou humano igual o pai dele, ele foi indo com a poção mágica no bolso dele, fim.

### **Lady Bug**

-Era uma vez um menino chamado Peter Pan (duende), que vivia numa casa de doces que achou uma lâmpada mágica, ele comeu a casa que era da bruxa, e a lâmpada mágica fez aparecer a bruxa, a bruxa apareceu e viu: -quem comeu a minha casa? E Peter Pan disse: - fui eu. Ela ficou boazinha com o Peter Pan, enquanto isso Peter Pan caminhava com a bruxa, a bruxa ficou brava mas mesmo assim construiu outra casa.

### **Gênio**

-Era uma vez uma fadinha madrinha, ela morava num castelo muito, muito alto [Torre], uma torre e um livro com olho bem bravo, e depois ela foi voando para uma casa que ela achou... um livro assustador e ela estalou o dedo e desapareceu e caiu lá no rio, e ela estalou e voltou e depois ela foi passeando pela floresta, e depois ela foi voando estalou o dedo e fez aparecer um monte de sanduíche, que ela é muito gulosa e também tinha um bruxo chamado Harry, Harry Potter, e depois ele pegou um livro sem olho, e ele ficava assim ó (movimentou as mãos e círculo) e depois ela levou para casa e leu e tinha um monte de dente no livro e veio assim (interpretou tentativa de morder) arrr arrr arrr arrr, depois aconteceu um desastre, apareceu um dinossauro Rex zumbi, e ele quebrou o castelo, pul e depois ele fez uma coisa com a menina, com a fada madrinha, ele fez uma comida de dinossauro, depois ele comeu e pegou uma poção para ponhar mais delicioso e pegou todo o outro e arr (fez som de arrotto), e daí arrotou e foi até a torre da Rapunzel, pegou o cabelo escalou e o príncipe matou o dinossauro zumbi Rex e depois ele achou um livro com um olho e ele ficava falando: -bebe, bebe, bebe, bebe, tem um dinossauro atrás de você bebe, bebe, bebe, bebe, e depois ele falou uma coisa estranha, e falou uma língua de cobra assim: - siss siss, e depois a Rapunzel foi voando numa torre dinossauro e foi voando, e depois ela foi na floresta maldita, depois apareceu um cabeção, um dinossauro que tem a cabeça alta, e ela estava presa numa árvore, e daí ela pegou ele, fim da História.

### **Rapunzel**

-Prof o que é isso? [O gênio da lâmpada] a lâmpada do gênio ele foi numa floresta e achou o pão, e fim [Ele nem comeu o pão?] Não.

### **Tiranossauro**

-O ogro estava numa floresta da bruxa, ela estava com morcego e a assombração, naquela casa assombrada sempre assustadora, ela estava com um gato sempre (Inaudível) pecinhas vermelhas (cesta de doces), o ogro achou (inaudível) ele comeu e virou humano para proteger os humanos, aí ele matou a bruxa para nunca ser mais mal de todo o

mundo, um vampiro apareceu atrás dele e matou um humano, daí ele matou, só para saber ele estava com fome e com sede e daí ele mordeu e vingou a bruxa, e uma pantera apareceu atrás do vampiro e arranhou e matou o vampiro e daí ela caçou morcegos, e comeu todos os morcegos, ela foi embora para Floresta dela do perigo, ela matou todos os soldados da morte, ela matou todos os soldados do reino e fim.

Terceiro grupo

#### **Arqueiro Verde**

-Era uma vez um príncipe... morou... aqui... (caverna) e ele achou um mato, e tem uma princesa que tá morta que o porquinho e a bruxa deu uma maçã para ela que está venenosa e comeu, e daí o príncipe estava com cavalo na mão e ele falou que tem um livro da Maribel, a Maribel estava bem e daí tem um negocinho... um olho no livro, e daí o mato da Maribel, se você vai para o outro lugar... o olho disse: Por que seu príncipe você vai me ler, se não vou cagar tuas calças. -O que? haha -Então você vai ver.

#### **Hulk A**

-Era uma vez uma bruxinha, que ela tinha uma vassoura e ela morava em um castelo e daí ela tinha um espelho mágico e disse: -espelho, espelho meu... Deixe eu ver o que mais... e acabou.

#### **Gavião Arqueiro**

-Era uma vez um príncipe (rei) que morava no castelo de uma bruxa (casa assombrada), e ele achou um pincel, {flauta}, [pode ser um pincel], [O que mais... o que mais que aconteceu?...]... [O que a bruxa fez com a flauta] ela fez virar um pincel.

#### **Elsa A**

-Era uma vez uma bruxa que estava varrendo a casa (casa de doces) e ela foi para fora para jogar a sujeira fora (inaudível)

Quarto grupo

#### **Fera**

-Era uma vez um gato que ele era desastrado, ele vivia num castelo que tinha muitas princesas, e ele viu lá um objeto que era um livro e ele leu e ficou lendo o dia inteiro.

#### **Moana**

-Era uma vez um príncipe ele morava num castelo (torre), ele achou uma flauta e cantou...

#### **Rei**

-Era uma vez um príncipe (rei) ele estava numa ponte e ele comeu uma maçã... (o que mais?)... (e deu?)

#### **Flor**

-Era Uma Vez uma menininha chamada Chapeuzinho Vermelho e ela foi entregar flores para avó... para a vó dela, que estava morando na torre e no caminho ela achou uma varinha, e daí ela achou o príncipe, e com o príncipe ela viu uma maçã do lado da mão dele, e daí ela viu um espelho que via o futuro e lá no castelo ela encontrou a bruxa e ela disse... e ela disse: - Oi Chapeuzinho Vermelho, tudo bem? Eu estou varrendo aqui o castelo né. Vai lá comer. Daí a Chapeuzinho Vermelho disse: -Tá bom. Daí ela foi caminhando, caminhando, até ver um monte de comida em cima da mesa, e daí ela comeu um de cada vez, e daí ela até cansou de comer, e daí ela foi lá dormir, quando ela subiu ela achou o rei... o príncipe ele estava lá na cama dele e daí a chapeuzinho descansou e depois voltou para casa, e daí a chapeuzinho disse: - O que eu vou fazer com essa varinha... Daí ela voltou para falar com a bruxa e disse: - Bruxa, você sabe de quem é essa varinha? daí a bruxa disse: - Ah, essa varinha é minha. - Então toma. E daí ela descobriu o mistério e foi para casa e fim.

Quinto Encontro 27/09/18

Primeiro grupo

### **Arqueiro Verde**

-Esse gato morava num outro lugar (jardim secreto), ele morava em nenhuma armadilha e ele caiu no buraco e apareceu esse estojo aqui, [flauta], flauta e ele cantou e os bichos escutaram, o ganso escutou, o tatu escutou e daí aquele bicho, o lobisomem quer comer os animais, é o lobisomem, e o gato não conseguiu subir para salvar os animais porque o lobisomem quase comeu os animais, aquele lobisomem é o Woody, o Woody é o lobisomem porque o gato agora não pode ir pela armadilha e ele conseguiu sair da armadilha e se defender com a sua espada. -A sua espada está para você atacar, se você não atacar você vai morrer. E os animais morreram... agora deu.

### **Hulk A**

-Era uma vez um dragão que cuspiam fogo, ele morava numa casa de doces, ela encontrou uma maçã aí comeu e acabou, e ele encontrou o Gato de Botas e uma floresta, e uma... e flauta e uma maçã e o Gato de Botas e o dragão ficaram amigos e daí eles passeavam pela floresta e acharam uma flauta...

### **Moana**

-Era uma vez um duende ele achou uma caverna e dentro da caverna tinha um livro de feitiços... (Pode misturar se quiser.) Não.

### **Elsa A**

-Era uma vez uma rainha chamada Bela azul (rainha), ela vivia numa floresta chamada praia florestal (lago), ela tinha uma batatinha quebrada (migalhas de pão)... [Pode falar das outras, se quiser] e ela achou uma caverna e atravessou e ela achou um duende, e o duende disse: - Oi Bela azul, está tudo bem com você? Mas na verdade ela achou um livro de feitiços, o livro de feitiços disse: -Se disser alakazam o duende vai aparecer de novo. E ela achou uma linda floresta, onde ela achou a batata, e ela achou... que é o fim da história.

### **Patinho**

-Era uma vez uma fada que morava numa floresta e achou um espelho e ela olhou fim.

Segundo Grupo

### **Gênio**

-Uma velha bruxa que achou um livro com olho e morava numa caverna e depois ela foi até... voando com a sua vassoura achando criança para comer e de repente o livro caiu no chão, o livro falou assim: -Está tudo bem com você? Ali tem uma caverna então vá ali e durma ali. Tinha osso, fogueira e carne de galinha e depois da caverna falou: -Uma caveira ali em cima. e daí a bruxa de repente falou: - Óh, eu vou entrar ali, já que não tem ninguém, eu vou passar a noite ali, e fim da história. Acabou-se, acabou.

### **Branca de Neve**

-Era uma vez uma fadinha que comprou um espelho bem bonito e perguntou: - Vou voando assim? E ela achou uma floresta bem bonita e ela disse: - Tem alguém aí, tem alguém aí? Não, ela não ouviu nada, daí ela foi andando, andando e achou uma bruxa, daí ela disse: - Socorro, socorro, e fim da história.

### **Lady Bug**

-Era uma vez um duende que achou um jardim, e lá no jardim tinha uma maçã, e aí ele comeu e desmaiou... e aí a fada chegou e acordou ele, e eles saíram do jardim e fim.

### **Fera**

-Era uma vez uma casa de doces... [Que morava...] um Gato de Botas bem douradinho, [Inaudível] ele comeu um pão e deixou as migalhas e daí ele procurou a bruxa, o Gato de Botas, e a fada, e o Peter Pan, [daí...?] e daí ele começou a soltar fogo em todo mundo, fim.

### Terceiro Grupo

#### **Flor**

-Era uma vez uma bruxa que estava limpando a casa dela (casa assombrada) e daí ela encontrou um livro de magias, e daí ela pensou: -O que vou fazer com esse livro? Eu vou fazer uma mágica, eu vou lá pegar a minha varinha. - Cadê minha varinha, eu acho que eu perdi, eu acho que eu vou procurar ela...

#### **Borboleta**

-Era uma vez um duende que vivia numa caverna amaldiçoada, que numa tarde ela cantou blue blue blue blue blue blue blue, ela decidiu ir para caverna, ela entrou, estava tudo cheio de aranhas, ela matou, matou e foi para o telhado, e ela ficou com muito medo e depois ela foi de novo para caverna e veio muito mais aranha e ela saiu correndo blue blue blue blue blue blue blue blue blue, ela achou um livro caído no chão e decidiu levar para a caverna de repente ela abriu o livro e viu (inaudível), ela encontrou sua amiga bruxa e foi passear e cantou blue blue blue blue blue blue blue (inaudível), elas pegaram e abriram. Não precisa ficar com medo é só sapo, vou fazer um feitiço para ele se transformar em um sapo para beijar na sua boca. É um príncipe, tititibá titibum, apareceu uma casa cheia de doces que era da bruxa, elas entraram tomaram um café, comiam pão com margarina e rosquinhas e depois saíram para passear, depois, um dia depois, pegaram a flauta direto e cantaram blu blu blu bla bla bla lá lá lá elas brigaram por causa da flauta: -É minha. Quem ficou com ela foi a bruxa. Ela disse: -Eu vou lá comprar uma casa de doces, a casa de doces fica aí, ela entrou sentou no sofá para ver um filme de terror e não sei o quê.

#### **Cinderela**

-A borboletinha e a fada estava com as borboletinhas dela, e ela foi na floresta e encontrou o espelho mágico ela foi lá ver o espelho e: -Espelho, espelho, espelho, espelho mágico velho, bonito você é meu para sempre... [Pode misturar]... ela foi na floresta voando com essas asas, ela foi lá e achou um caderno, foi lá e pegou e a bruxa estava escondida, a bruxa foi lá contou, e foi lá e encontrou o espelho mágico e fez assim: -Espelho, espelho meu, mágica para ser meu... aí foi lá na casa dela pegou, arrumou na bacia dela e comeu... E ela foi aqui no castelo... e no castelo, na sala [na caverna], na caverna tinha uma Rapunzel, e a Rapunzel estava no médico e apareceu a fada, e a fada entrou lá e encontrou uma espada, e encontrou um menininho e ele disse: -Oi tudo bem menininha, o que você veio fazer na casa da Rapunzel? Fim

#### **Coelho**

-Era uma vez um dragão quem encontrou uma casa [jardim], um jardim... [O que mais?], e encontrou uma maçã e ele queria comer, e ele comeu, [Pode falar dessas aqui...] E ele virou uma bruxa, fim.

#### **Cat Noir**

-Era uma vez uma princesa, ela achou uma floresta [lago], um lago, migalha de pão que ela achou, depois... Não sei.

Sexto Encontro 04/10/18

Primeiro Grupo

#### **Borboleta**

-Num lugar bem distante daqui havia um gênio mágico, que estava se escondendo debaixo de uma árvore (lago), não sei porquê, e encontrou uma varinha mágica, e ele disse assim: - Ahh, encontrei uma varinha mágica, meu Deus do céu, eu não sei o que faço com esse troço! (Modificou a voz para interpretar a voz do gênio). Ele pegou a varinha mágica e disse:- Abracadabra sinsalabim... Abracadabra sinsalabim... ele disse três vezes... Abracadabra sinsalabim... [E daí?] ...E daí ele olhou para baixo e viu um lago brilhante, ele se olhou no lago

e disse: -Eu sou muito feio, com uma vida assim. E daí: - ahh!!! Ele viu uma aranhinha desse tamanhinho (mostrou o tamanho com os dedos em forma de pinça) que era pretinha, ele ficou com muito medo e se escondeu debaixo de uma árvore, e ficou com bastante medo, depois ele encontrou o óculos de um neném e vestiu: -Ai tá apertado. E a sobrelha dele ficou desse tamanhinho. E ele foi... quando aconteceu um trovão... - prooummm. Mil anos depois... - zzzzzzzzzzzzzzzzzzzzz (encenou cochilo)... {Estava dormindo!} terminou.

### **Lady Bug**

-Era uma vez o Gato de Botas, ele morava no castelo e ele achou um tapete que voava e daí ele voou...[Só?] Só.

### **Gênio**

-Era uma vez um lobisomem, {Lobo mau!}, [Pode ser lobisomem], que morava num castelo bem alto (torre) da bruxa má, que ele achou uma plateia (flauta) e saiu tocando, saiu tocando, saiu tocando... tom tom tom tom tom tom, daí ele foi no castelo do Rei de Botas e ele falou... - Qual é o teu nome mesmo? Daí ele foi andando, daí ele entrou e foi dormir arrancou um belo sonho... - Rorrrrr. Daí ele achou uma varinha mágica e daí ele falou: - adacadaba. E... e a vassoura apareceu e ficou erguida na floresta e daí ele achou uma cobra venenosa, verde com bolinhas brancas e pretas... e ele falou: - Socorro! Daí ele achou um tapete mágico e voou para lá. E daí ele saiu tocando para o castelo depois ele foi dormir... Daí ele foi andando, foi andando, foi andando até ele achar o... [O gênio] ...o gênio, daí ele falou: - Eu vou fazer um pedido... eu acho que eu vou querer uma vassoura, porque esse tapete voador não dá a mínima, daí ele achou o Gato de Botas e falou com ele, que ele queria uma espada, daí ele deu a espada dele, a bota dele e chapéu dele, para matar a cobra venenosa, daí apareceu um jacaré que queria comer ele e um tubarão... [E daí?] ...E daí apareceu o gênio, o gênio fez um pedido para ele: - Xô jacaré, xô. E daí ele falou: -Muito obrigado, muito obrigado gênio. Daí ele chamou a varinha mágica e falou: -Adacadaba pim pim pu pim pim, transforme esse jacaré numa garrafa de pau, adacadaba um dois três e já! E daí ele entrou no castelo e falou: -Eu vou matar esse jacaré sapeca... Ele achou a plateia mágica (flauta) e cantou: - tututu tututu tututu e daí o jacaré foi embora, porque ele deu uma paulada na cabeça dele com um pau, e daí ele foi lá para o rio dos jacarés{aiiiii}. E daí ele entrou no rio, na verdade ele não foi pro rio, foi numa árvore, e a árvore era muito alta e estava com medo do menininho, ahahah, e daí ele pulou lá no rio cheio de peixinhos e aí ele comeu {coitado dos peixinhos}, e daí o rei de botas pulou no rio e falou:- Sai daqui muleque que eu vou te dar um beliscão ou vou te dar uma arranhada! - Ai, socorro! E é o fim da história

### **Hulk A**

-Era uma vez um sapo e... [jardim secreto] num jardim secreto, um dia ele achou uma bota, e daí achou um... {mágico}, um... [Gênio!] ... um gênio e daí eu pedi: -Ada aada, daí eu pedi uma espada e daí eu fui viajando né, daí achei o gato de botas, daí eu estava voando numa coisa ele foi pro jardim daí o sapo fugiu com a bota e acabou.

### **Cat Noir**

-Era uma vez uma princesa, que morava numa... [Floresta Encantada] e encontrou um pote de...[poção Mágica] poção mágica, que bebeu e... [bebeu a poção e o que aconteceu?] ...virou um sapo... [E daí?] ...e daí encontrou um gênio que pediu:-Eu quero uma poção mágica e aconteceu uma coisa... veio uma varinha na mão dela e daí ela pediu: Abacababa,eu quero uma vassoura! E daí ela encontrou uma flauta e tocou e daí chamou todos os ratos e deu.

### **Segundo Grupo**

#### **Arqueiro Verde**

-Uma vez uma borboleta (fada) que morava no monte do Hulk, o hulk atacava e ela ela morava num mato (Bosque Encantado) e a anã achou o Hulk, estava se matando pelos irmãos dele e aí a borboleta mulher estava com ele... {maçã!} e a maçã da mulher, e daí o Hulk

foi achar sua mulher porque está presa, a sua mulher virou Hulk e vamos ali ataca todo mundo pelo combate e daí todo mundo ajoelhou e todo mundo.... das crianças o Hulk atacou o robô do Tron, o Tron ficou bem bravo, e a borboleta mulher do Hulk Foi destruir esse robô, o Tron. Precisa destruir o Tron, se não o Tron vai ficar bem bravo e se atacar ele, ele vai ficar triste pra caramba, não pode se matar se não eu vou ficar bem bravo, e as crianças não vão gostar do Hulk e da borboleta e vamos ali acabar com todos eles... [Deu?] Acabou.

### **Moana**

-Era uma vez um príncipe que ele passeou num campo (montanhas) e ele achou um monte de pão esfarelado (migalhas de pão), lá ele achou um pedaço de pão e ele pegou e foi jogando pra achar o seu castelo, ele pegou e achou uma floresta... [O que mais?] ...lá na floresta tinha uma maçã e ele comeu e desmaiou, daí ele acordou e uma fada veio e fim.

### **Branca de Neve**

-Era uma vez João e Maria Que saíram passeando que saíram tão longe que foram lá para o deserto, daí lá no deserto eles acharam um livro, que o livro se alguém encostasse nele virava monstro, e daí quem encostasse nele também ia morrer, daí Maria encostou e virou uma monstra e daí o João encostou olhou e desmaiou , daí veio a... (cochichos) {fada} ela foi lá ver... [Quem veio?] A fada veio e achou João e Maria... [E o que ela fez?] Ela fez uma magia pra Maria transformar a vida de novo e daí ela deu uma magia pro João acordar, e daí eles foram, foram e viveram felizes para sempre.

### **Rapunzel**

-[Alice] A Alice... [Era uma vez a Alice] uma vez... [a Alice] a Alice... [O que ela estava fazendo?] lendo... [Onde?] numa floresta... encontrou uma comida (Cesta de doces)... [O que mais?] comeu... [Mais alguma coisa?] (cochichos) desmaiou... [ O que mais?] ... [Deu?] ... [Alguém veio salvar ela?] aham... [Quem?] o príncipe... [E daí o que o príncipe fez?] beijou... [e daí?] ... [Ela acordou?] aham... [E o que mais?]... [e daí?] Ela viu uma borboleta... [Que lindo! e daí?] ... [Fim?] aham.

### **Pink Pie**

-Era uma vez uma bruxa que morava numa casa feita de doces e ela achou uma garrafa, e dentro dessa garrafa tinha uma pessoa (lâmpada do gênio)... [Quem?] Um fantasma, {Interferências}... [Quem estava na garrafa?] a Fada, daí a Fada comeu um docinho e daí a Bruxa pegou a Fada, e quando a Fada comeu ela desmaiou e aí a Bruxa colocou na garrafinha dela... [E daí, o que mais?] E daí quando ela saiu da garrafa, a Bruxa foi embora e trancou ela e daí ela morreu, [Ninguém veio salvar?] aham... [Quem veio salvar?] o príncipe... [O que ele fez?] beijou... [Daí?] Daí ele botou a Bruxa dentro da garrafa.

### **Terceiro Grupo**

#### **Cinderela**

-Era uma vez um príncipe chamado... {inventa} Não sei [Arthur?] o nome dele era Arthur que morava numa casa de doces que comeu tudo e achou uma carruagem e subiu dentro e foi andando, andando e andando até chegar na casa dele, daí comeu todos os doces da casa dele, comeu, comeu, comeu e comeu... e a bruxa apareceu e transformou ele e ele virou uma Fera... fim.

#### **Patinho**

-Era uma vez um duende que morava na torre e ele achou um tapete mágico... [ E daí?] Ele voou... fim

#### **Flor**

-Era uma vez um Ogro que morava numa casa assombrada e quando ele entrou ele achou um espelho... e daí ele tinha uma tapete voador... e daí ele voou no tapete dele... e daí ele encontrou o príncipe... e daí ele disse oi... e daí o príncipe disse: - Quer entrar na minha casa? E daí o Ogro disse: -Sim. E daí o duende estava lá dentro... e daí o príncipe também tinha um

tapete voador... e daí o príncipe foi no mercado comprar comida... e daí o Ogro foi pra casa dele... daí ele fez comida pra ele... daí ele comeu e foi dormir e fim.

### **Tiranossauro**

-... [Era uma vez] Um dragão que estava na floresta e ele ia catar um coco e ele acabou achando uma bala e quis comer aí ele comeu e ele ficou lá... [O que mais?] e ele viu um porco aí ele comeu uma carninha do porco e uma meleca pra tratar o porco e roubar a comida do dragão, ele matou ele com o fogo e fez churrasquinho de dragão, e daí ele comeu todinho o porco e se deu mau, e veio uma princesa que achava muito linda, e a princesa deu vontade... e queria casar com ela. Fim

### **Hulk A**

-Era uma vez um pinóquio de madeira... ele achou uma torre e uma varinha mágica... e ele se transformou em um boneco de verdade e ele achou uma caverna com um Ogro... [E daí o que aconteceu?] o dragão veio e o Ogro virou amigo do dragão e daí veio um duende e viraram amigos e moraram numa casa mal assombrada e acharam uma ponte na floresta e acharam uma casa de doces e daí a bruxa enfeitiçou eles e virou um boneco de madeira de novo e fim.

Pesquisa com a turma B

Transcrições das pesquisas B

Primeiro Encontro 12/09/18

Primeiro grupo

### **Princesa**

-Era Uma Vez um Pinóquio, o Pinóquio achou a fadinha então eles passearam pela floresta pela ponte, então eles acharam botas que são mágicas...

### **Bela**

-Eles se encontraram [quem?] o príncipe [Quem encontrou o príncipe?] eles, [João e Maria?] aham, eles passaram... no portão [Jardim Secreto!] ...É, e encontraram uma varinha mágica...

### **Mulher Maravilha**

-E depois ele encontrou o Peter Pan (Duende) na floresta e encontraram um pote de ouro (lâmpada mágica), Inaudível.

### **Hulk B**

-O Gato de Botas no castelo encantado onde ele morava, migalhas de pão ele deu migalhas para o peixe, [E o que aconteceu com tudo isso?] e o Gato de Botas pegou as migalhas de pão e jogou para os peixes, Ele quer o mais corajoso entrou nessa casa aqui ó, a casa assombrada, daí ele pegou a espada e foi e matou todos os bichos, e para morar ele matou esse daqui arrancou essas árvores, aí ele pintou e arrumou por dentro e foi morar lá.

Segundo Grupo

### **Elsa B**

-Era uma vez um lobo e caminhava pela floresta e ele achou uma lâmpada do gênio, [E o que aconteceu?] ele ficou dentro, deu.

### **Fada**

-Era uma vez um duende que andava na floresta que achou um tapete mágico, é um gato? ...Uma casa de bruxa parece [casa assombrada], assombrada...

### **Batman**

-Era uma princesa (rainha) com uma coroa na cabeça e uma... como é que é o nome mesmo? [leque] ...O leque e assim fazendo (abanou-se), foi no seu castelo, mas é igual da Rapunzel né [torre], uma torre e tinha uma maçã que tinha uma bruxa que disse para engolir

a maçã né... Era uma vez uma princesa que tinha uma coroa na cabeça e um leque assim e não fazendo chacoalhando e daí ela foi numa torre, andando na floresta com alegria, e tinha uma bruxa na torre que disse para engolir a maçã... comer, comer... [E ela comeu?] ...Não comeu. Era uma vez uma princesa com a coroa na cabeça e ela se instalou no castelo, no bosque, não numa torre quer dizer e tinha uma bruxa que disse para comer maçã, e fim da história.

### **Lobo bonzinho**

-Era uma vez um rei que ele encontrou uma ponte e daí encontrou uma bota e ele colocou a bota no pé e era uma bota mágica. E daí... e era uma bota muito mágica que ele podia voar e ele falou se ele tiver um castelo e daí e daí tiveram um soldado e daí ele encontrou uma princesa e daí apaixonou, e daí ele falou assim: Quer casar comigo? – Quero! E Viveram felizes e fim.

Terceiro grupo

### **Homem-aranha B**

-Era uma vez um sapo que morava num...[jardim] jardim, e uma porção mágica [O que ele fez com a porção mágica?] ...Tomou, [E daí?] e daí virou um dragão...

### **Ana**

-Era uma vez um dragão ele morava numa floresta, ele comeu uma cesta cheia de comida, ele solta fogo na cesta de comida [E daí] ...E daí... acabou.

### **Thor**

-Era uma vez dois meninos, um menino e uma menina [João e Maria], João e Maria, daí eles moravam numa casa de madeira, [casa de doces], casa de doces, que daí eles queriam um livro mágico, e agora?... [Pode terminar se quiser] ...e fim.

### **Flash**

-Era uma vez um Pinóquio ele achou um castelo e daí Tinha pão, pão quebrado e então ele tinha que comer... (e daí?) e daí ele foi lá para o castelo entrar e daí e lá morava uma bruxa muito má, e depois ele foi lá no castelo, e transformou ele em pão e migalhas no chão e fim.

Segundo Encontro 19/09/18

Primeiro grupo

### **Mulher Maravilha**

-Era uma vez uma bruxa, que morava numa torre, que estava subindo a torre com a cesta, (que mais) só.

### **Bela**

-Era uma vez um gato, que morava na floresta e que achou uma flauta...

### **Mulher Gato**

-Era uma vez um príncipe que caminhava na floresta (lago), que encontrou um livro mágico, e fim... fez um feitiço e fim.

### **Flash**

-Era uma vez uma princesa ela estava numa floresta e encontrou um espelho e olhou no espelho e levou para o castelo.

### **Capitão América**

-Era uma vez uma rainha e nas montanhas ela andava e achou uma bota e ela colocou.

Segundo grupo

### **Lobo Bonzinho**

-Era uma vez um lobo feliz, uma casinha, uma casinha de doce parece e tinha uma varinha.

### **Fada**

-Era uma vez uma princesa que encontrou um castelo [caverna], quem encontrou uma caverna, e usou um tapete mágico daí ele voou.

### **Princesa**

-Era uma vez um príncipe que andava numa floresta e encontrou uma... [Carruagem], carruagem...

### **Homem Aranha B**

-Era uma vez um dragão que morava numa casa assombrada, uma lâmpada mágica que parece que tinha um gênio nela, que morava num castelo...

### **Elsa B**

-Era um anão (duende), que encontrou um poção mágica que levou ele até uma poção... [Ele bebeu a poção?] ele bebeu a poção, ele bebeu um pouquinho e daí ele ficou mais alto, daí fim.

### **Super Man**

-Era uma vez João e Maria, moravam num castelo, e foram fazer um piquenique (cesta de doces)... [O que mais?] ...Só, daí eles comeram tudo e foram dormir num castelo.

### **Batman**

-Era uma vez uma fada do dente que encontrou uma floresta muito assustadora [Na beira do lago.] ...Na beira do lago, um lago bem brilhante, viu uma batata fedorenta quebrada no meio (migalhas de pão) e ela ficou assim: Dudu Dudu... [O que mais?]... [Você pode contar com o que os outros pegaram também.] ...Era uma vez... esta aqui [fada] ...Vou fingir é um cara de paraquedas né. Era uma vez dez caras que caíram de paraquedas e depois eles caíram lá em uma floresta muito assustadora perto de um lago e o helicóptero quebrou no meio e fim

Terceiro Encontro 27/09/18

Primeiro grupo

### **Ana**

-Era uma vez um ogro, bem assustador no meio do bosque, ele comeu todo um pão...

### **Princesa**

-Era uma vez uma fada, que achou uma casa de doces, que achou um tapete mágico... [O que ela fez?] ...Ela foi no tapete mágico, ela sentou, e foi voando.

### **Fada**

-Era uma vez... [uma princesa, princesa Tiana] uma princesa que estava no castelo achou uma poção mágica, e deu {e tomou} tomou e daí ficou invisível.

### **Capitão América**

-Era uma vez um anão [duende], um duende que achou uma ponte {Uma ponte na floresta}, e achou comida {Um pic-nic} (cesta de doces) e ele comeu, fim.

### **Batman**

-Era uma vez o Joãozinho e a Joazinha cabeçona (João e Maria), daí eles encontraram uma floresta muito sombria, {Daí o que que eles acharam lá?} Um pauzinho mágico de vara [varinha de condão] de condão, [E o que mais que aconteceu?] ...Só, comeram e ficaram gordos, e aquela dali, a menininha ficou com uma cabeça de elefante, o outro ficou com a cabeça de rinoceronte, eles estavam tão gordos que acharam um tapete mágico sentaram e foram voando para o castelo muito sombrio, deu boa.

Segundo grupo

### **Elsa B**

-Era uma vez uma princesa que encontrou uma casa assombrada e dentro dessa casa assombrada tinha uma cesta de frutas... (Que mais?), ela comeu o queijo e ficou com muita dor de barriga.

### **Mulher maravilha**

-Era uma vez uma bruxa que morava na torre, e encontrou um tapete mágico voador e ela voou nele, depois ela foi parar na floresta cheia de flores e passarinhos cantando no meio delas, deu.

#### **Bela**

-Era uma vez um duende que morava em um castelo que achou uma flauta e começou a cantar...deu

#### **Lobo Bonzinho**

-Era uma vez um lobo que encontrou uma casa de doces ele achou uma varinha mágica e transformou a casa de doces em uma casa de verdade.

#### **Mulher Gato**

-Era uma vez um Pinóquio que morava numa floresta que achou uma fórmula, não sei o que tá escrito... [poção mágica] ...poção mágica e daí ele encontrou aquela a amiga (bruxa).

Terceiro grupo

#### **Super Man**

-Era uma vez um anão (duende), ele estava andando e encontrou uma floresta escondida, e daí ela encontrou uma... [flauta], flauta daí ele olhou ela e animou.

#### **Hulk B**

-Era uma vez uma princesa com flor, estava no jardim, e migalhas de pão que ela jogou para os peixes, [Que mais?] ...e saiu do jardim.

#### **Flash**

-Era uma vez um gatinho, ele ia lá na casa de doces, e ele achou uma maçã e comeu ele ficou mais bom e ficou mais fortinho.

#### **Homem Aranha B**

-Era uma vez um dragão, que tinha... [caverna] ...uma caverna, e tinha um livro mágico, [O que que ele fez?] ...Não sei.

Quarto Encontro 03/10/18

Primeiro Grupo

#### **Bela**

-Era uma vez João e Maria que acharam uma caverna e acharam um espelho.

#### **Mulher Gato**

-Era uma vez uma bruxa que passeou na floresta que encontrou um livro mágico e fez uma magia. Deu

#### **Fada**

-Era uma vez um duende, e achou um portão... [Onde ia esse portão?] ...hum... [em um jardim secreto] ...Jardim secreto e comeu uma maçã mágica e comeu.

#### **Batman**

-Era uma vez uma fada e... Posso fingir que isso aqui é um foguete (torre)? [Pode] ...Daí encontra ou um foguete mágico, e encontrou um helicóptero quebrado da Guerra (migalhas de pão), e foi até lá no túnel (caverna), encontrou dois soldados {É João e Maria}...Mas eu quero fingir que é soldado... [que mais?] encontrou uma bruxa... [E o que aconteceu?] ...Ela estava armada com uma espingarda [E o que aconteceu com os soldados, com a bruxa e com o foguete?] ...daí eles decolaram de um túnel bem escuro que eles pensaram... pensaram que tinha um grande gigante que queria quebrar o helicóptero de novo deles, bem novo, que eles iam comprar, daí eles decidiram entrar no túnel, no túnel estava cheio de osso de dinossauro e mais comida e mais... e mais... e mais nada e só um túnel, o osso e uma comida, terminei.

#### **Lobo bonzinho**

-Uma vez encontrou uma princesa, ela encontrou uma casa de doces e daí encontrou uma poção mágica e... [O que mais?] (sussurraram sugestões) daí tinha uma bruxa... [E o que ela fez?] ...e daí a bruxa viu um helicóptero e também um foguete, o foguete estava ali e daí a princesa subiu em cima do foguete e daí encontrou um livro lá na lua (sugeriram que pode fingir é um livro mágico), o livro mágico e daí ela criou uns soldados (João e Maria) e estavam armados e também a bruxa, e daí encontraram uma caverna que pensaram que tinham um gigante, mas daí não tinha, tinha um dinossauro rex e daí foram em cima do foguete e atiraram com a arma no dinossauro rex, daí eles colocaram a arma em cima do foguete e decolaram e daí a bruxa ficou lá com o dinossauro, mas daí atiraram bem no livro da bruxa, daí o dino morreu.

### **Capitão América**

-Um príncipe, daí achou uma floresta, acham as botas e colocou, e tinha bomba dentro e ele achou uma poção mágica e tomou e virou uma princesa, [fada], uma fada, e ela achou um helicóptero quebrado ele voou e caiu lá do espaço... [O que mais?], e daí veio duas criancinhas e pegaram ele, e salvaram e eles acharam uma bruxa e a bruxa transformou ele numa casa.

### **Homem-Aranha B**

-Tinha uma princesa que morava num... num...[lago] ...lago, tinha um carro de... de... abóbora (carruagem) e... que morava num castelo, e depois tinha um príncipe que ele caminhava numa floresta e vestiu uma bota que tinha uma bomba e tinha uma poção mágica e ele tomou... [o que mais?], e virou uma princesa e tinha uma caverna ele entrou na caverna e viu uma bruxa, e depois ele encontrou um livro mágico e depois engoliu... [O que mais?] ...que era da bruxa e depois tinha um espelho que tinha umas crianças em uma floresta que acharam um príncipe e depois tinha... [O que que o príncipe fez?] ...O príncipe foi capturado e salvaram ele [as crianças?] ...as crianças... fim

Quinto Encontro 17/10/18

Primeiro grupo

### **Elsa B**

-Era uma vez uma princesa (rainha) que morava em uma torre que achou uma poção mágica, ela bebeu e ficou enfeitiçada.

### **Bela**

-Era uma vez um duende que vivia numa casa de doces e achou uma carruagem [E o que ele fez?] ...entrou... [Entrou na carruagem e foi onde?] ...Foi numa torre... [E o que ela encontrou lá?] ...uma princesa (rainha), só.

### **Capitão América**

-Era uma vez uma fera e ele estava dançando e comendo e achou um túnel (caverna) e morou lá e achou migalhas de pão e comeu tudo e comeu o Hulk B e comeu o Lobo Bonzinho<sup>25</sup>, e achou um anão (duende) e comeu ele e foi num castelo (Torre) e disse: - Pegue... {Não... agora você misturou né} [não faz mal... conte...] – e ele disse: -Passa. E ele entrou e pulou e comeu ela (Rainha)... [O que mais?] ...E achou um helicóptero (Migalhas de pão) e ele foi andando para o rio e ele caiu e destruiu.

### **Lobo bonzinho**

-Era uma vez um príncipe, que daí encontrou a casa mal assombrada e encontrou uma maçã... [O que ele fez?] Ele comeu, daí ele sentiu uma força e daí ele chamou os soldados e ordenou uma guerra contra a fera e daí ele mandou o helicóptero encontrar a fera né, e a fera estava numa caverna, daí encontrou um anão, daí mandou para pegar a fera e aí ele estava com uma metralhadora pegou a fera e colocou... e tiraram, e a fera virou bonzinho, tudo bem.

<sup>25</sup> O aluno citou o nome de dois colegas que foram substituídos por seus codinomes para preservação das suas identidades.

### **Hulk B**

-Era uma vez um dragão nas montanhas, ele estava soltando fogo e ele achou uma cesta de doces... e daí ele... o príncipe veio com uma espingarda e o dragão soltou fogo e matou ele, daí ele chamou o helicóptero ele estava em cima com um *sniper* [sniper?] -É aqueles lá que seguram assim (gesticulou mira com arma,) que tem que ficar escondido, porque se não ficar escondido os cara dão um tiro *Nester*. [ah! ... continue.] ...Daí ele tinha uma cesta de doces, tinha queijo, Toddynho, uva, caderno e folhas de chá, daí ele pegou a fera, [o dragão pegou?] ...É, a Fera e esses três viraram amigos, e daí ele achou uma poção, e ele achou uma maçã, o Príncipe e daí ele comeu... [E fizeram alguma coisa com a poção?] ...Eles misturaram numa casa assombrada, eles não sabiam fazer uma poção para fazer um carro, então eles misturaram e fizeram a casa assombrada, daí o Príncipe, o dragão e a Fera entraram na casa e daí eles viram um duende com um facão e daí ele se separaram, Fera foi para cá [casa assombrada], o dragão foi para cá para outra casa assombrada e o Príncipe entrou e foi aqui, daí o príncipe achou uma poção ele botou na porta ele fez um dragão que solta fogo e daí ele destruiu dragão e daí ele achou migalhas de pão, e o Príncipe, o dragão e a Fera, eles tiraram todas as coisas assombradas, eles botaram coisas novas, mataram todos os morcegos e arrancar o daqui essas chaminés voltaram tudo novo, deixaram a casa assim... assim boa, eles pegaram, compraram coisas novas, mataram todos os morcegos e tiraram essa árvore daqui, tiraram essa... e tiraram essa, e daí eles pegaram e arrumaram as coisas tudo assim e daí eles foram para sair, e daí eles acharam um carrinho... uma carroça (carruagem), daí eles entraram e foram... e foram, e foram, até que numa hora eles chegaram num castelo e tinha uma princesa triste chorando e eles pegaram ela deixaram na casa deles, daí eles abandonaram ela, o príncipe quis ficar com ela, daí a fera e o dragão ficaram aqui no castelo (torre), e daí eles foram para caçar um túnel, daí lá tinha casa... uma casa de doce e daí eles encontraram uma bruxa, daí eles correram para chamar o príncipe, eles trancaram o túnel, daí o príncipe veio e a princesa e daí eles acharam uma poção e jogaram com a varinha e daí ela foi morar com o príncipe na casa que eu falei e fim.

Segundo grupo

### **Princesa**

-Era uma vez uma fada que foi no jardim... foi no lago mágico e ela encontrou uma carruagem bonita e então ela encontrou um príncipe no castelo ela perdeu o sapatinho e o príncipe achou e daí ele foi até a casa dela e o sapatinho ela colocou pirlimpimpim... pirlimpimpim.

### **Batman**

-Era Uma Vez um cara com uma corda... [O nome dele é Aladdin] e ele encontrou um castelo, daí ele achou uma cesta de piquenique daí ele comeu tudo fez um piquenique.

### **Flesh**

-Era uma vez uma princesa, ela foi numa caverna e daí ela achou um copo mágico, [Uma poção] ...Uma poção, daí ela tomou a poção e daí transformou ela em um sapo, fim.

### **Ana**

-Era uma vez um rei ele encontrou uma... [montanha] ...Um<sup>s</sup> montanhas e ela encontrou uma maçã e comeu... [O que mais?] ...Ele mordeu a fruta e daí ele encontrou uma princesa transformada em sapo [E o que ele fez?] ...Ele encontrou ela... [E o que ele fez para ajudar ela?] ...ele pegou a poção e transformou ela em princesa de novo.

Terceiro grupo

### **Mulher Gato**

-Era uma vez uma fada e passeava nas montanhas que encontrou um livro mágico e fez uma mágica, daí ela fez umas lindas borboletas e ela ficou com magia.

**Fada**

-Tinha um dragão... uma casa de doce... e achou... uma flauta e ele tocou, ele não sabia nem tocar.

**Homem-Aranha B**

-Era uma vez um príncipe que tinha... que foi no castelo e encontrou um dragão e depois tinha uma lâmpada mágica e apareceu... uma casa de doces... eu adoro casa de doces... e ela tinha uma flauta que depois ele tocou, ele foi olhar o livro... ele fez uma magia e apareceu uma fada... [O que mais?] ... e estava vendo a montanha.

**Mulher Maravilha**

-Uma princesa foi na floresta encontrou umas Botas e caminhava ligeiro e vestiu ela para correr mais rápido, então ela pulou nas árvores e encontrou um lago, e também achou um livro perto do mato encontrou um castelo cheio de bruxaria, era muito assustador e... tinha uma bruxa e daí ela me levou para curtir uma festa e daí tinha um montão de bruxas e uma fada lá dentro, ela fez uma poção para ter um montão de borboletas, e fim.

Sexto Encontro 24/10/18

Primeiro grupo

**Capitão América**

- Era uma vez a Chapeuzinho Vermelho, e ela comeu doce e achou uma torre e era de um bicho e achou um espelho e ela morreu.

**Flash**

-Era uma vez uma bruxa, ela achou um castelo e daí ela comeu uma maçã e fim.

**Homem-Aranha B**

-Era uma vez um príncipe que achou uma caverna e procurou um tapete mágico [E daí o que aconteceu] ...e depois ele achou uma bruxa que morava... e ele viu uma bruxa dentro do castelo depois transformou ele em um sapo... [O que mais?], ele olhou o espelho e viu a bruxa dentro do espelho e ele virou uma bruxa, depois ele procurou uma criança (chapeuzinho vermelho) dentro da caverna, ela estava morta dentro da caverna e depois acordaram a Chapeuzinho Vermelho que era a bruxa, eu tenho medo de bruxa, que achou uma torre e depois... o príncipe levou numa torre, onde ele levou a Chapeuzinho Vermelho para Torre, e vitória, vitória acabou-se a história.

**Bela**

-Era uma vez uma princesa que achou um jardim... [O que mais?] ...ela achou migalhas de pão.

Segundo grupo

**Batman**

-Era um touro, não, não era um touro, era uma fera, era um rei... que encontrou uma ponte linda, bem elevada, que encontrou um pão quebrado... Um pão quebrado pegando fumaça... E saiu dali saindo fumaça... Não, deixa eu contar tudo de novo. Era uma vez uma fera, era um rei encontrou uma ponte que morava uma borboleta mágica, que encontrou migalhas de pão, que ele disse... ele disse, o rei Fera: - Aí não, será que essa borboleta está brincando comigo, daí fim.

**Fada**

Era uma vez uma princesa (princesa Tiana) que achou um castelo assombrado, achou o pote mágico [poção mágica]... [O que que ela fez com a poção mágica?] ...Ela fez uma fera... [O que aconteceu com a fera?] ...Achou uma batata (migalhas de pão).

**Lobo bonzinho**

-Era uma vez um rei que ficou perdido na floresta e que encontrou uma carroça do Rei, e daí não era uma carroça do rei, era uma carruagem de princesa, encontrou uma princesa preta,

e falou assim: você é a rainha? ...Daí ela falou: -Sim, e daí foram lá para o castelo, e daí mandou... mandou um helicóptero, um a jato para destruir a casa... a casa assombrada para... para... para... matar a fera, porque a fera matou todos os soldados do castelo. Daí o rei falou: espera eu vou aí te pegar, Porr, porrr, porrr. E daí a fera pegou o helicóptero balançou e não conseguiu, mas daí foram os soldados, pegou a fera e arrumou na cadeia e soltou, e soltou a fera, e a fera virou bonzinho.

### **Super Man**

-Era uma vez uma rainha que encontrou uma casa de doces e daí foi fazer um piquenique (cesta de doces) e daí encontrou uma casa assombrada que daí tomou uma poção mágica e... e se transformou em uma... fera, só.

### Terceiro grupo

### **Hulk B**

-Era uma vez a fada, em umas montanhas grandonas com o livro mágico, ela fez um monte de borboleta, e daí ela pegou e fez um olho... [Olho no livro?] ...É... [O que mais?] ...Daí ela falou na montanha e gritou: -Eu tenho um livro mágico. E daí só.

### **Ana**

-Era uma vez uma princesa, ela achou uma floresta e daí ela achou sapatos, umas botas... [E daí o que aconteceu?] ... [Pode misturar se quiser.] ...Eu não quero. [Daí o que ela fez com as botas?] ...E ela vestiu. Só.

### **Mulher Gato**

-Era uma vez um dinossauro (dragão) que caminhou no deserto até encontrar uma flauta, ele tocava, tocava e todo mundo ouvia, ele voava cantando e todo mundo gostava dele tocando... [Mais alguma coisa?] ...Ele encontrou uma fada voando e também encontrou uma princesa, e fim.

### **Elsa B**

-Era uma vez um anão (duende) que achou uma floresta, que encontrou uma lâmpada... [O que aconteceu...] ...E o anão achou uma princesa e a princesa achou um livro mágico e o anão fez um olho, e eles andaram no deserto [O que tinha lá no deserto?] ...Um dragão, ele estava andando sobre as montanhas... [E daí?] ...E o anão achou umas botas... [E o que ele fez?] ...Ele foi caminhando até a floresta, fim.